

## LEGENDA MAIOR

(Vida de São Francisco de Assis)

São Boaventura

## PRIMEIRA PARTE

### PRÓLOGO

1. A graça de Deus nosso Salvador manifestou-se nos últimos tempos em seu servo Francisco a todos os verdadeiros amantes da humildade e da santa pobreza. Nele podemos contemplar a superabundante misericórdia divina, ao mesmo tempo que somos incitados a renunciar à impiedade e à concupiscência deste mundo, experimentando com insaciável desejo uma sede de viver em conformidade com Cristo e com a santa esperança. Verdaderamente pobre e penitente era ele, mas o Deus altíssimo voltou-se para sua pessoa com tão benigna condescendência, que não só o ergueu do pó da indigência e da vida mundana, como também o constituiu discípulo, guia e arauto da perfeição evangélica. Como um luzeiro ergueu-o para todos os que crêem, a fim de que, dando ele próprio testemunho da luz, preparasse ao Senhor os corações dos fiéis nas veredas da luz e da paz. Como estrela d'alva que brilha entre as nuvens (Eclo 50,8), ele orientou para a luz, com o clarão de sua vida e doutrina, aqueles que jaziam nas trevas e na sombra da morte. E como o arco-íris refulge entre as nuvens luminosas, mensageiro da verdadeira paz, portador do sinal de nossa aliança com o Senhor, anunciou aos homens a paz e a salvação, e foi designado por Deus, à imagem e semelhança do precursor, para que, preparando no deserto o caminho da mais alta pobreza, pregasse a penitência pelo, exemplo e pela palavra.

Dotado antes de tudo dos dons da graça celeste, enriquecido sucessivamente pelos méritos de ínclita virtude, repleto do espírito de profecia, predestinado para um ministério angélico, totalmente abrasado do fogo seráfico e arrebatado por um carro de fogo, depois de haver percorrido todos os graus da santidade, veio até nós “no espírito e no poder de Elias” (Lc 1,17), como demonstra sobejamente a sua vida. Por isso se pode afirmar que ele prefigura o anjo que sobe do oriente carregando o selo do Deus vivo, conforme a predição verídica do outro amigo do Esposo, o apóstolo e evangelista São João: “Ao abrir-se o sexto selo, vi outro anjo subindo ao nascente carregando o selo do Deus vivo” (Ap 7,12).

2. Considerando a perfeição de sua extraordinária santidade, chegaremos sem dúvida algum dia à convicção de que esse mensageiro de Deus era o seu servo Francisco, que foi achado digno de ser amado por Cristo, imitado por nós e admirado pelo mundo inteiro. Pois enquanto viveu entre os homens, imitou a pureza dos anjos, tornando-se um exemplo para os seguidores de Cristo. O que nos leva a pensar dessa forma, como filhos fiéis e amantes do pai, é acima de tudo a missão que ele recebeu de “convidar os homens a prantear e a dar brados de pesar, a raspar a cabeça, a cingir o cilício” (Is 22,12) e a “marcar com um Tau, em sinal de penitência, a fronte daqueles que o pecado faz gemer e suspirar” (Ez 9,4); mas o que nos confirma nesses sentimentos é a prova irrefutável de sua verdade: o selo que fez dele a imagem do Deus vivo, isto é, do Cristo crucificado, o selo impresso em seu corpo, não por uma força natural nem por algum recurso humano, mas pelo poder admirável do Espírito do Deus vivo.

3. Reconheço-me indigno e incapaz de escrever a vida de um homem que merece ser imitado e venerado por todos, e jamais teria ousado tal empresa, não fosse o afetuoso desejo dos irmãos e a unânime insistência do capítulo geral. Além disso, tenho uma dívida de gratidão para com meu Pai Francisco. Ainda me recordo perfeitamente que em minha infância fui salvo das garras da morte por sua intercessão e por seus méritos. Se agora me recusasse a cantar seus louvores, poderia ser acusado de ingratidão. Sei que Deus salvou-me a vida por intermédio dele, pois senti em mim o poder de sua prece. Por essa razão, resolvi empreender este trabalho de reunir a coletânea mais completa possível dos relatos de suas virtudes, atos e palavras, fragmentos hoje dispersos ou esquecidos e que haveriam de perecer, infelizmente, se viessem a morrer aqueles que conviveram com o servo de Deus.

4. Desejando ter plena certeza da verdade de sua vida e uma visão bem clara a respeito dela, antes de deixá-la por escrito à posteridade, dirigi-me à terra natal e aos lugares em que ele viveu e morreu. Pude aí encontrar-me com alguns de seus amigos mais achegados que ainda viviam e entrevistá-los demoradamente, sobretudo aqueles que tiveram experiência de

primeira mão de sua santidade e que procuraram imitá-lo. Na descrição, porém, daquilo que Deus se dignou realizar por meio de seu servo, resolvi evitar o estilo literário afetado, pois ao leitor devoto aproveita mais a palavra simples do que a eloquência rebuscada. A história nem sempre segue a ordem cronológica dos fatos. A fim de evitar confusão, preferi ser rraais sistemático. Por isso, ora agrupei acontecimentos que se deram em tempos diferentes, mas se referiam a assuntos semelhantes, ora separei outros que ocorreram ao mesmo tempo, mas se referiam a assuntos diferentes.

5. O início, o desenvolvimento e o fim de sua vida são descritos aqui em quinze capítulos distintos, distribuídos da seguinte forma: Sua vida no mundo - Sua conversão definitiva e restauração de três igrejas - Fundação da Ordem e aprovação da Regra - Progresso da Ordem sob sua direção e confirmação da Regra aprovada anteriormente - Austeridade de vida e como as criaturas lhe proporcionavam consolo - Humildade e obediência, favores com que Deus o cumulava - Amor à pobreza e intervenções miraculosas nas necessidades - Seu sentimento de compaixão e o amor que as criaturas lhe devotavam - Fervor de sua caridade e desejo do martírio - Zelo na oração e poder de sua prece - Conhecimento das Escrituras e espírito de profecia - Eficácia de sua pregação e poder de curar - Os sagrados estigmas - Sua admirável paciência e morte - Canonização e transladação de seus restos mortais.

A última parte descreve os milagres que se deram depois de sua morte.

## **CAPITULO I**

### **Sua vida no mundo**

1. Vivia na cidade de Assis um homem chamado Francisco, de abençoada memória, a quem Deus em sua bondade e misericórdia antecipara a abundância de sua graça, salvando-o dos perigos da vida presente e derramando sobre ele os dons de sua graça celestial. Em sua juventude, viveu Francisco no meio dos filhos deste mundo e como eles foi educado. Depois de aprender a ler e a escrever, recebeu um emprego rendoso no comércio. Mas, com o auxílio divino, jamais se deixou levar pelo ardor das paixões que dominavam os jovens de sua companhia. Embora fosse inclinado à vida dissipada, nunca cedeu à tentação. Vivia num ambiente marcado pela cobiça desenfreada dos comerciantes, mas ele mesmo, embora gostasse de obter seus lucros, jamais se prendeu desesperadamente ao dinheiro e às riquezas.

O Senhor incutia em seu coração um sentimento de piedade que o tornava generoso com os pobres. Este sentimento foi crescendo em seu coração e impregnou-o de tanta bondade que ele decidiu, como ouvinte atento que era do Evangelho, ser generoso com quem lhe pedisse esmola, sobretudo a quem pedisse por amor de Deus. No entanto, um dia, estando muito ocupado em negócios, despediu de mãos vazias um pobre que lhe pedia uma esmola por amor de Deus. Caindo em si, correu atrás do homem, deu-lhe uma rica esmola e prometeu ao Senhor nunca mais recusar, sendo-lhe possível, o que quer que lhe pedissem por amor de Deus. Observou esse propósito até a morte com uma caridade incansável e que lhe granjeou sempre mais a graça e o amor de Deus. Mais tarde, já como perfeito imitador de Cristo, dizia que durante sua vida mundana ele não podia ouvir estas palavras: “amor de Deus” sem ficar comovido.

Mansidão, gentileza, paciência, afabilidade mais que humana, liberalidade que ultrapassava seus recursos eram sinais de sua natureza privilegiada que anunciavam já uma efusão mais abundante ainda da graça divina nele. De fato um cidadão de Assis, homem simples do povo, que parecia inspirado por Deus, tirou o manto ao encontrar Francisco em Assis e estendeu-o sob os pés do jovem afirmando que um dia ele seria digno do maior respeito, que em breve realizaria grandes feitos e mereceria dessa forma a veneração de todos os fiéis.

2. Por essa época, Francisco ainda ignorava os planos de Deus a seu respeito, pois não havia aprendido a contemplação das coisas do alto, levado que era sempre em direção às coisas externas por ordem de seu pai, nem havia adquirido ainda o gosto pelas coisas de Deus, atraído para as coisas inferiores pela corrupção que todos nós temos desde o berço. Mas “o sofrimento permite a uma alma compreender muitas coisas; a mão do Senhor pesou sobre ele, e a direita do Altíssimo o transformou” (Is 28,19; Ez 1,3; Sl 76,11), sujeitando-lhe o corpo a uma longa enfermidade para preparar sua alma a receber o Espírito Santo. Havendo recuperado suas energias, já se vestia de novo com elegância. Certo dia encontrou um cavaleiro, nobre de nascimento mas pobre e mal vestido; ficou com pena daquele homem, desfez-se imediatamente de suas vestes e deu-as a ele, poupando assim, num duplo gesto de caridade, ao cavaleiro a vergonha e ao pobre a miséria.

3. Naquela noite, enquanto dormia, Deus em sua bondade mostrou-lhe em visão magnífica um grande palácio de armas que levavam a cruz de Cristo marcada nos brasões. Mostrava-lhe assim que a gentileza que ele praticara com o pobre cavaleiro por amor ao Grande Rei seria recompensada de modo incomparável. Perguntou Francisco para quem era tudo aquilo. E uma

voz do céu lhe respondeu: “Para ti e teus soldados”. Ainda não tinha experiência em interpretar os divinos mistérios e ignorava a arte de ir além das aparências visíveis até as realidades invisíveis. Por isso estava convencido, ao acordar, que essa estranha visão lhe garantia um imenso sucesso para o futuro. Entregue a essa ilusão, decide alistar-se no exército de um conde, grande senhor da Apúlia, na esperança de conquistar, sob suas ordens, essa glória militar que lhe prometia aquela visão.

Põe-se a caminho e chega à cidade seguinte. Durante a noite ouve o Senhor lhe dizer em tom familiar: “Francisco, quem pode fazer mais por ti: o senhor ou o servo, o rico ou o pobre?” Francisco responde que é o senhor e o rico, evidentemente. E o Senhor lhe retruca: “Por que então deixas o Senhor para te dedicares ao servo? Por que escolhes um pobre em vez de Deus que é infinitamente rico?” “Senhor, responde Francisco, que quereis que eu faça?” E Deus lhe disse: “Volta para tua terra, pois a visão que tiveste prefigura um acontecimento totalmente espiritual que se realizará não da maneira como o homem propõe, mas assim como Deus dispõe”. De manhã, Francisco tratou de voltar para Assis. Estava sobremodo alegre e o futuro não lhe dava preocupação; era já um modelo de obediência e aguardou a vontade de Deus.

4. Desde esse instante ele se afastou da vida agitada de seus negócios e rogou à divina misericórdia que o iluminasse a respeito de sua vocação. Perseverando na oração, chegou a um desejo do céu tão intenso e a um desprezo tão grande das coisas da terra por amor à pátria celeste, que começou a sentir o valor da descoberta que fizera do tesouro escondido e, como um comerciante prudente, pensava em liquidar todos os seus bens para comprar a pedra preciosa. Como fazer, ele ainda não sabia. Tinha apenas esta certeza, pelas luzes recebidas: que o intercâmbio espiritual começa pelo desprezo do mundo e que para alguém ser soldado de Cristo é preciso já ter conseguido a vitória sobre si mesmo.

5. Certo dia, andando a cavalo na planície que se estende junto de Assis, encontrou um leproso. Foi um encontro inesperado e Francisco ficou muito horrorizado diante daquele triste quadro. Mas lembrou-se do propósito de perfeição que abraçara e da necessidade de vencer-se a si mesmo primeiro, se quisesse ser cavaleiro de Cristo. Imediatamente desceu do cavalo e correu a beijar o pobre homem. O leproso estendeu a mão para receber uma esmola. Francisco deu-lhe um dinheiro e um beijo. Montou novamente a cavalo, olhou em frente e em toda a volta, e, nada havendo que lhe impedisse a vista, todavia não viu mais o leproso. Cheio de admiração e alegria, começou a cantar os louvores do Senhor e prometeu fazer coisas melhores ainda no futuro.

A partir desse momento, freqüentava os lugares solitários, propícios às lágrimas, aos gemidos inefáveis, de tal forma que suas instantes preces foram ouvidas pelo Senhor. Um dia, ao rezar assim na solidão e totalmente absorto em Deus, apareceu-lhe Cristo crucificado. Diante dessa visão, “derreteu-se-lhe a alma” (Ct 5,6) e a recordação da paixão de Cristo gravou-se-lhe tão profundamente no coração, que a partir desse instante dificilmente podia conter o pranto e deixar de suspirar quando pensava no Crucificado. Ele mesmo confessou esse fato pouco antes de morrer. Logo compreendeu que se dirigiam a ele aquelas palavras do Evangelho: “Quem quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24).

6. Imbuiu-se desde então do espírito de pobreza, com um profundo sentimento de humildade e uma atitude de profunda compaixão. Jamais suportara a vista dos leprosos, mesmo à distância, e sempre evitara encontrar-se com eles, mas agora, desejando alcançar o total desprezo de si mesmo, servia-os com devoção, humildade e benevolência, pois diz o profeta Isaías que Cristo crucificado foi considerado um homem leproso e desprezado. Visitava-lhes constantemente as casas e distribuía entre eles esmolas generosas, beijando-lhes as mãos e os lábios com profunda compaixão.

Ao se achegar aos pobres, não se contentava em lhes dar o que possuía. Desejava dar-se a si mesmo e quando já não tinha mais dinheiro, entregava suas vestes, descosendo-as ou rasgando-as às vezes para as distribuir. Aos sacerdotes pobres, que ele respeitava e venerava, ajudava-os oferecendo-lhes sobretudo paramentos para o altar: queria assim ter sua parte no culto divino e aliviar a miséria aos ministros do altar.

Por essa época realizou uma peregrinação ao túmulo de São Pedro. Ao reparar o grande número de mendigos reunidos em frente da igreja, levado de compaixão e seduzido pelo amor à pobreza, escolheu um dos mais miseráveis, propôs trocar com ele as roupas, vestindo os farrapos do pobre. Passou todo o dia na companhia dos pobres, cheio de uma alegria que ele ainda não experimentara. Queria assim desprezar aquelas coisas às quais o mundo empresta tanto valor e chegar progressivamente à perfeição evangélica. Também cuidava de trazer em seu corpo, pela mortificação da carne, a cruz de Cristo que já levava em seu coração. Tudo isso se deu quando Francisco ainda vivia e se vestia como um leigo no mundo.

## CAPITULO 2

### Conversão definitiva e restauração de três igrejas

1. O próprio Cristo era o único guia de Francisco em todo esse tempo. Em sua bondade, interveio mais uma vez com a suave influência de sua graça. Francisco saiu um dia da cidade para meditar, Ao passar pela igreja de São Damião, que estava prestes a ruir de tão velha, sentiu-se atraído a entrar e rezar. De joelhos diante do Crucificado, sentiu-se confortado imensamente em seu espírito e seus olhos se encheram de lágrimas ao contemplar a cruz. Subitamente, ouviu uma voz que vinha da cruz e lhe falou por três vezes: “Francisco, vai e restaura a minha casa. Vês que ela está em ruínas”. Francisco encontrava-se sozinho na igreja e ficou amedrontado ao ouvir aquela voz, mas a força de sua mensagem penetrou profundamente em seu coração e ele, delirando, caiu em êxtase. Por fim voltou a si e tratou de pôr em execução a ordem recebida. Concentrou todas as forças na restauração daquela igreja material. Mas a igreja a que a visão se referia era aquela que “Cristo resgatara com o próprio sangue” (At 20,28). O Espírito Santo mais tarde lho revelou e ele o ensinou a seus irmãos.

Levanta-se então, faz o sinal-da-cruz para ter coragem, pega na loja do pai alguns fardos de tecido, vai a galope até Foligno, vende sua mercadoria juntamente com o cavalo que lhe servira de montaria. Volta a Assis, entra na igreja que se propusera restaurar. Encontra aí o pobre sacerdote capelão e saúda-o respeitosamente, oferece seu dinheiro para restaurar a igreja e distribuir aos pobres, pede-lhe enfim humildemente a permissão de viver algum tempo ao seu lado. O capelão concorda em dar-lhe pousada, mas temendo a família recusa aceitar o dinheiro. Em seu total desinteresse pelo dinheiro, Francisco atira-o a um canto da janela com tanto desprezo como se fosse poeira.

2. Mas a permanência do servo de Deus junto ao capelão se prolongava; seu pai acabou compreendendo o que estava acontecendo e correu furioso até a igreja. Ao ouvir as ameaças daqueles que o procuravam e ao perceber que estavam se aproximando, Francisco escondeu-se numa caverna secreta; sendo ainda novo no serviço de Cristo, não quis enfrentar as iras do pai. Permaneceu no esconderijo durante vários dias, implorando continuamente a Deus com muitas lágrimas que o livrasse das mãos de seus perseguidores e lhe permitisse, em sua bondade, realizar os desejos que ele mesmo havia inspirado. Enfim, sentiu-se inundado de alegria, começou a se acusar de medroso e covarde, saiu de sua gruta e se dirigiu corajosamente a Assis. Ao verem seus concidadãos seu rosto macilento e o espírito transformado, disseram que estava louco, perseguiram-no atirando-lhe pedras e lama, cobrindo-o de insultos, como um alienado, um lunático. Mas o servo de Deus, insensível e inabalável, passava por cima de todas as injúrias como se nada houvesse escutado. Ao ouvir aquele tumulto, o pai correu imediatamente até ele a fim de oprimi-lo ainda mais, não para protegê-lo. Sem nenhuma compaixão, arrastou-o para casa, censurou-o o mais que pôde, bateu nele e por fim colocou-o na prisão. Tudo isso, porém, fez com que ele se tornasse mais resoluto e decidido a levar a cabo seus planos, repetindo a frase do Evangelho: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,10).

3. Pouco depois, no entanto, aproveitando de uma viagem que o pai fizera, a mãe, que não aprovava o procedimento de seu marido e não esperava mais poder dobrar a coragem a toda prova de seu filho, livrou-o da prisão e permitiu que ele fosse embora; Francisco deu graças a Deus e voltou à solidão. Mas ao regressar o pai e não o encontrando em casa, destratou a mulher e em seguida foi à procura do filho, cheio de cólera, disposto a trazê-lo, se possível, para casa, ou ao menos a expulsá-lo de sua terra. Francisco, a quem Deus dava toda a coragem, saiu ao encontro do pai furioso, disse-lhe com firmeza que lhe eram indiferentes a prisão e as pancadas e acrescentou solenemente que por amor de Cristo estava disposto a enfrentar alegremente todas as provações. Vendo que não conseguia trazê-lo de volta à casa paterna, tentou recuperar o dinheiro. E quando, enfim, o encontrou atirado num canto da janela da igreja, satisfez sua cobiça e acalmou um pouco.

4. Não contente com ter recuperado seu dinheiro, tratou de fazer com que Francisco fosse levado até ao bispo da diocese, onde ele deveria renunciar a toda a sua herança e devolver-lhe tudo que tinha. No seu autêntico amor à pobreza, Francisco nada opunha a essa cerimônia e se apresenta de boa mente diante do bispo e, sem esperar um minuto nem hesitar de qualquer forma, sem aguardar qualquer ordem nem pedir qualquer explicação, tira imediatamente todas as suas vestes e as entrega ao pai. Todos viram então que, sob as vestes finas, o homem de Deus levava um cilício. Despiu mesmo os calções, em seu fervor e entusiasmo, e ficou nu diante de todos. Então disse ao pai: “Até agora chamei-te meu pai, mas de agora em diante posso dizer sem qualquer reserva: ‘Pai nosso que estais no céu’, pois foi a ele que confiei meu tesouro e nele depositei minha fé”. O bispo, que era um homem santo e muito digno, chorava de admiração ao ver os excessos a que o levava seu amor a Deus; levantou-se, abraçou-o e envolveu-o no seu manto, ordenando que trouxessem alguma roupa para cobri-lo. Deram-lhe um pobre manto que pertencia a um dos camponeses a serviço do bispo; Francisco o recebeu agradecido e, depois, havendo encontrado um pedaço de giz no caminho, traçou uma cruz sobre o manto. Muito expressiva

era semelhante veste neste homem crucificado, neste pobre seminu. Dessa forma, o servo do Grande Rei foi deixado nu para seguir as pegadas de seu Senhor atado nu à cruz e foi assim também que ele adotou essa cruz como emblema, a fim de confiar sua alma ao madeiro que nos salvou e por meio dele escapar são e salvo do naufrágio do mundo.

5. Estando agora livre dos laços que o prendiam aos desejos terrenos, em seu desprezo pelo mundo, Francisco abandonou a cidade natal e procurou fora um lugar onde pudesse ficar a sós, alegre e despreocupado. Aí na solidão e no silêncio poderia ouvir as revelações secretas de Deus., Ia dessa forma pela floresta, alegre e cantando em francês os louvores do Senhor, quando dois ladrões surgiram do cerrado e caíram sobre ele. Ameaçaram-no e perguntaram quem ele era, mas ele respondeu corajosamente com as palavras proféticas: “Sou o arauto do Grande Rei”. Bateram nele e o lançaram numa fossa cheia de neve, dizendo-lhe: “Fica por aí, miserável arauto de Deus”. Francisco esperou que fossem embora, saiu da fossa, alegre, recomeçando com mais ânimo ainda sua canção em honra do Senhor.

6. Chegou então a um mosteiro próximo onde pediu uma esmola. Recebeu-a, mas ninguém o reconheceu nem lhe deu a mínima atenção. Em seguida dirigiu-se a Gúbio onde foi reconhecido e hospedado por um de seus antigos amigos de quem aceitou uma de suas túnicas bem baratas, digna de um pobrezinho do Senhor. Depois disso, em seu amor à verdadeira humildade, dedicou-se aos leprosos vivendo com eles, a todos servindo por amor a Deus. Lavava-lhes os pés, tratava-lhes as feridas, retirava-lhes os pedaços de carne podre, fazia parar o pus; em sua extraordinária devoção, chegava mesmo a beijar-lhes as chagas purulentas: começo já bem significativo para o médico que seria ele mais tarde! Por isso Deus lhe outorgou o poder de curar as doenças da alma e do corpo. Entre outras muitas curas, por exemplo, merece referido este fato que se passou um pouco mais tarde, numa época em que seu nome já era bem mais conhecido: um homem do condado de Espoleto tinha a boca e o maxilar corroídos por uma doença horrível, diante da qual toda a medicina nada podia fazer. De volta de uma peregrinação ao túmulo dos Apóstolos aonde tinha ido pedir o socorro de Deus, encontrou Francisco e, por devoção, quis beijar-lhe os pés. Mas o humilde homem de Deus não o permitiu e beijou na face aquele que lhe queria beijar os pés. Mal o servo dos leprosos, admirável em seu amor, tocou com seus lábios santos aquela chaga horrível, a doença desapareceu e o enfermo encontrou a saúde tanto tempo almejada. Não sei o que mereça mais nossa admiração: a humildade capaz de um beijo tão caridoso ou o poder que se patenteia num milagre tão espantoso.

Lançado pois este fundamento sólido da humildade desejada por Cristo, Francisco lembrou-se da ordem que recebera do Crucificado de restaurar a igreja de São Damião. Como filho autêntico da obediência, voltou a Assis para atender à vontade divina ou ao menos mendigar o material necessário. Por amor de Cristo pobre e crucificado, ele vai pedindo esmola sem qualquer vergonha junto àqueles mesmos que o haviam conhecido como grande senhor. E apesar de fraco e extenuado pelos jejuns, carregava nas costas pesados fardos de pedras. Com a ajuda de Deus e a cooperação do povo, conseguiu enfim chegar a termo com a restauração da igreja de São Damião. E para não ficar de braços cruzados, encetou a reconstrução de outra igreja delicada a São Pedro, situada a boa distancia da cidade. Na autenticidade e pureza de sua fé 5, tinha Francisco grande devoção ao Príncipe dos Apóstolos.

8. Terminado esse trabalho, chegou a um lugar chamado Porciúncula, onde existia uma velha igreja dedicada à Virgem Mãe de Deus, abandonada e sem ninguém que dela cuidasse. Francisco era grande devoto de Maria Senhora do Mundo, e quando viu a igreja naquele desamparo, começou a morar aí permanentemente a fim de poder restaurá-la. Foi agraciado com a visita freqüente dos santos anjos (o que aliás não estranho, uma vez que a igreja se chamava Santa Maria dos Anjos) e se fixou neste local por causa de seu respeito pelos anjos e de seu amor à Mãe de Cristo. Sempre amou esse lugar acima de qualquer outro no mundo, pois foi aí que ele principiou humildemente, progrediu na virtude e atingiu a culminância da felicidade. Foi esse lugar que ele confiou aos irmãos ao morrer como particularmente caro à Santíssima Virgem.

Cabe aqui referir a visão que teve um irmão a esse respeito antes de se converter. Viu ele em volta dessa igreja uma multidão incalculável de pobres cegos, de joelhos, braços erguidos e semblantes voltados para o céu; com gritos e lágrimas, imploravam todos misericórdia e a luz dos olhos. E eis que uma luz brilhante desceu do céu e os envolveu a todos restituindo-lhes a visão e a saúde que almejavam.

Este é o lugar em que Francisco fundou a Ordem dos Frades Menores por inspiração de Deus e foi a divina Providência que o fez restaurar três igrejas antes de fundar a Ordem e começar a pregar o Evangelho. Isto significa que ele progrediu desde as coisas materiais em direção às realizações mais espirituais, das coisas menores às maiores, na devida ordem, tudo sinal profético daquilo que ele haveria de realizar mais tarde. E analogamente aos três edifícios que ele reconstruía, a Igreja de Cristo se renovaria de três modos diferentes sob a orientação de Francisco e segundo sua Regra e doutrina, e o tríplice exército daqueles que devem ser salvos alcançaria vitória. Hoje podemos verificar que essa profecia se cumpriu.

### CAPÍTULO 3

#### Fundação da Ordem e aprovação da Regra

1. Francisco permaneceu ainda algum tempo na igreja da Virgem Mãe de Deus, suplicando-lhe em instantes e contínuas preces que se tornasse sua advogada. E pelos méritos da Mãe de misericórdia e junto daquela que concebera o Verbo cheio de graça e de verdade, ele também concebeu e deu à luz o espírito da verdade evangélica. E foi assim que sucedeu: assistia ele à missa dos Apóstolos devotamente; o Evangelho falava da missão dos discípulos que Cristo envia a pregar ensinando-lhes a maneira evangélica de viver: não levar ouro nem prata, nem dinheiro no cinto, nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem sapatos, nem bastão. Compreendeu imediatamente o sentido da passagem e, em seu amor pela pobreza apostólica, reteve essas palavras firmemente na memória e cheio de indizível alegria, exclamou: “É isso o que desejo ardentemente; é a isso que aspiro com todas as veras da alma”. E sem mais delongas, arrojou para longe os calçados, abandonou o bastão que levava, desprezou bolsa e dinheiro e contente com vestir uma pobre túnica, se desfaz do cinto em que pendia a espada, se cinge com uma corda áspera e nodosa, repele do coração toda preocupação terrena e já não pensa em nada mais senão na maneira como haveria de pôr em execução aquela celestial doutrina para se conformar perfeitamente ao gênero de vida observado pelos apóstolos.

2. Movido assim pelo Espírito de Deus, começou Francisco a desejar vivamente a prática da perfeição evangélica e a convidar os outros a que abraçassem os salutares rigores da penitência. E as palavras que para esse fim lhes dirigia não eram vãs nem ridículas, mas cheias de virtude celeste, e penetravam até o íntimo do coração, suscitando admirável compunção dos ouvintes. Em todas as pregações anunciava a paz, saudando o povo no início dos sermões com estas palavras: “O Senhor vos dê a paz”. Porque, como ele atestou mais tarde, o Senhor mesmo lhe revelou esta forma de saudação. Poderíamos dizer, aplicando a palavra do verso de Isaías: “Anunciou a paz, pregou a salvação e por suas oportunas intervenções, reconciliou com a verdadeira paz aqueles que, longe de Cristo, estavam longe da salvação” (Is 52,7).

3. Dessa forma, muitos começaram a reconhecer a verdade da doutrina que o homem de Deus com simplicidade pregava e de sua vida. Alguns sentiram-se impulsionados à penitência pelo seu exemplo e a associar-se a ele vestindo o mesmo hábito, levando a mesma vida e abandonando suas posses. O primeiro deles foi o venerável Bernardo que, feito participante da vocação divina, mereceu ser o primogênito do santo Pai Francisco, primeiro no tempo e primeiro na santidade.

Depois de verificar pessoalmente a santidade do servo de Cristo, Bernardo decidiu seguir seu exemplo, abandonando completamente o mundo. Por fim procurou para saber como realizar seu propósito.

Ao ouvi-lo, o servo de Deus sentiu um grande conforto espiritual, porque havia concebido seu primeiro filho, e exclamou: “É a Deus que devemos pedir conselho”.

No dia seguinte de manhã, foram à igreja de São Nicolau, e depois de orar, Francisco, devoto adorador da Santíssima Trindade, por três vezes abriu o Evangelho, pedindo a Deus que por três vezes confirmasse o propósito de Bernardo.

À primeira abertura do livro dos Evangelhos, encontraram a passagem que diz: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis e dá-o aos pobres” (Mt 19,21). A segunda: “Nada leveis pelo caminho” (Lc 9,3). A terceira: “Quem quiser vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24).

“Esta é nossa vida e nossa regra - disse Francisco - e de todos aqueles que quiserem unir-se à nossa companhia. Se quiseres ser perfeito, vai, e põe em prática o que acabaste de ouvir”.

4. Pouco tempo depois, o mesmo Espírito chamou outros cinco homens e o número dos irmãos subiu a seis. O terceiro foi nosso santo pai Egídio, homem realmente cheio de Deus e digno de ser solenemente recordado. Pois, tendo chegado às mais sublimes virtudes, ao fim de sua vida, como Francisco havia predito, e embora iletrado e simples, alcançou os mais altos cumes da contemplação. Pois, efetivamente, ocupado continuamente e por espaço de muito tempo na contemplação das coisas celestiais, de tal modo era arrebatado até Deus em êxtase, como eu mesmo fui testemunha ocular, que parecia levar entre os homens uma vida mais angélica do que humana. 5. Manifestou Deus igualmente por esse tempo a um certo sacerdote da cidade de Assis, chamado Silvestre, homem de costumes ilibados, uma visão que não podemos deixar de referir. Julgando as coisas de modo meramente humano, admirava-se Silvestre muito do modo de vida que haviam adotado Francisco e seus seguidores, e para não permanecer em seus falsos juízos, visitou-o a graça do Senhor. Viu então em sonho

medonho dragão rondando a cidade de Assis. Sua extrema corpulência parecia ameaçar com um completo extermínio toda aquela comarca. Viu depois sair da boca de Francisco uma cruz preciosíssima de ouro, cuja parte superior chegava até ao céu, e os braços pareciam estender-se até os confins da terra. À vista dessa cruz esplendorosa, fugiu aquele horrendo e espantoso dragão. Repetindo-se este sonho pela terceira vez, julgou ser um oráculo divino, e referiu a visão com todos os detalhes ao servo de Deus Francisco e a seus companheiros. E abandonando pouco depois o mundo seguiu com tanta perfeição as pegadas traçadas por Cristo, que sua vida na Ordem confirmou o caráter celestial da visão que tivera no mundo.

6. Quando Francisco ouviu esta visão, não se deixou seduzir pelos astutos enganos da vangloria; mas reconhecendo a bondade de Deus em seus benefícios, animou-se a pelear com maior coragem contra a perversidade e malícia do inimigo infernal e a pregar por toda parte as glórias da cruz. Estando um dia na solidão, viu desfilar diante de seus olhos os anos passados e os chorava amargamente. A alegria do Espírito Santo, porém, se derramou sobre ele e lhe garantiu que seus pecados estavam plenamente perdoados. Foi então arrebatado em êxtase e absorvido completamente numa luz maravilhosa, de modo que se iluminaram as profundezas de sua alma e viu o que o futuro lhes reservava para ele e seus filhos. Voltou a seguir aos irmãos, outra vez, e lhes disse: “Tende coragem, amados filhos, alegrai-vos no Senhor; não vos entristeçais por serdes um pequeno número nem por causa de minha simplicidade ou da vossa, pois o Senhor fez-me ver com toda clareza que Deus fará de nós uma imensa multidão e, pela graça de sua bênção, nos multiplicará sempre mais”.

7. Nesse mesmo período, entrou na religião um outro varão santo, chegando então o número dos filhos benditos do homem de Deus a sete. O bom Pai reuniu em torno de si todos os seus filhos e lhes falou longamente do reino de Deus, do desprezo do mundo, da necessidade de renunciar à própria vontade e mortificar o próprio corpo e lhes revelou sua intenção de enviá-los às quatro partes do mundo. Aquela simplicidade que parecia estéril no seráfico Pai havia gerado sete filhos; mas seu amor ardente desejava gerar a todos os homens para os rigores da penitência. “Ide, dizia o bem-aventurado Pai a seus filhos, anunciar a paz a todos os homens; pregai-lhes a penitência para a remissão dos pecados; sede pacientes na tribulação, solícitos na oração, sofridos na adversidade, ativos e constantes no trabalho; modestos nas palavras, sérios em vossos costumes e agradecidos ao receber benefícios. Sabei que, em recompensa de tudo isso, vos está prometido um reino que não terá fim”. Prostrados humildemente em terra os filhos em presença de tão bom Pai, receberam com alegria de espírito o mandamento da santa obediência. E disse a cada um em particular: “Lança no Senhor os teus cuidados e ele cuidará de ti” (Sl 54,23). Era sua frase costumeira ao enviar um irmão às missões.” Ele, porém, consciente de sua vocação de modelo e querendo agir antes de falar, tomou um de seus companheiros e se dirigiu a um dos quatro pontos cardeais, deixando para os outros irmãos os três outros pontos cardeais, como se quisesse traçar um imenso sinal-da-cruz. Quando mais tarde quis rever os filhos bem-amados e não sabendo como fazer chegar até eles sua voz, pediu ao Senhor que os reunisse, ele “que reúne os filhos disperses de Israel” (Sl 146,2). E sucedeu que, sem terem sido convocados por quem quer que fosse, mas por um favor da bondade de Deus, todos, para grande admiração comum, se encontraram como Francisco havia desejado. Outros quatro homens de bem vieram se associar a eles, elevando-se agora o número dos irmãos a doze.

8. Vendo que o número dos irmãos aumentava gradativamente, Francisco escreveu uma regra de vida breve e simples para si e seus companheiros. Seu fundamento inabalável era a observância dos Evangelhos, ao que ele acrescentou um número reduzido de outras prescrições, que lhe pareciam necessárias para a vida em comum. Estava ansioso em ver aprovado pelo papa o que escrevera. Pondo toda sua confiança no Senhor, resolveu apresentar-se com seus companheiros diante da Sé Apostólica. Deus olhou propício para o seu desejo e confortou os irmãos que estavam apavorados de se verem tão simples e inexperientes, mostrando a Francisco a seguinte visão: parecia-lhe estar percorrendo um caminho, à beira do qual erguia-se uma árvore que ele dobrou com facilidade até a terra. Homem cheio de Deus que era, compreendeu imediatamente que a visão era uma profecia do modo como o papa haveria de aprovar seus planos e ficou extremamente alegre. Falou aos irmãos e encorajou-os. Em seguida pôs-se a caminho com eles.

9. Chegado à Cúria Romana, conduziram-no à presença do Sumo Pontífice. O Vigário de Cristo, que se encontrava no palácio lateranense e caminhava no lugar chamado *Speculum*, imerso em profundos pensamentos, mandou embora com desprezo, como um importuno, o servo de Cristo.

Este humildemente se retirou. Na noite seguinte, porém, o Pontífice teve uma revelação de Deus. A seus pés via uma palmeira que ia crescendo pouco a pouco até se tornar uma belíssima árvore. Enquanto o Vigário de Cristo se perguntava, maravilhado, que poderia significar aquela visão, a luz divina gravou-lhe na mente que a palmeira representava aquele pobre que ele havia repellido na véspera. Na manhã seguinte, o papa mandou seus servos procurar aquele pobre em toda a cidade. Encontraram-no na hospedaria de S. Antônio junto ao Latrão. E o fez comparecer à sua presença. Introduzido Francisco à presença do Sumo Pontífice, manifestou-lhe seus propósitos, pedindo-lhe com humildade e constância que se

dignasse aprovar a referida Regra e forma de vida.

Ao ver o Vigário de Cristo, Inocêncio III, homem de grande sabedoria, a admirável pureza de alma do servo de Deus, a firmeza de seus propósitos e o ardente amor que votava aos seus ideais, inclinou-se benignamente a ouvir as petições do santo. Mas não quis aprovar logo a regra de vida proposta pelo pobrezinho, porque parecia estranha e por demais penosa às forças humanas no parecer de alguns cardeais. Mas entre estes encontrava-se um homem venerável, o cardeal João de São Paulo, bispo de Sabina, amante das pessoas de virtude e santidade e decidido protetor dos pobres de Cristo. Tomou a palavra e, inflamado do Espírito de Deus, disse ao Sumo Pontífice e a seus irmãos cardeais: “Este pobre pede apenas que lhe seja aprovada uma forma de vida evangélica. Se portanto rejeitarmos seu pedido como difícil em demasia e estranho, tenhamos cuidado em não ofender dessa forma o Evangelho. De fato se alguém dissesse que na observância da perfeição evangélica e no voto de praticá-la existe algo de estranho ou de irracional, ou impossível, é réu de blasfêmia contra Cristo, autor do Evangelho”.

Diante dessas razões, o sucessor de Pedro voltou-se para o pobre de Cristo e lhe disse: “Meu filho, faz uma oração fervorosa a Cristo para que por teu intermédio nos mostre a sua vontade. Assim que a tivermos conhecido com maior clareza, poderemos aceder com mais segurança aos teus pedidos”.

10. O servo de Deus entregou-se imediatamente à oração fervorosa e com suas humildes súplicas obteve do Senhor que lhe revelasse o que deveria falar ao Pontífice e que este sentisse em seu íntimo os efeitos da inspiração divina. Como Deus lhe havia sugerido, contou ao Pontífice a parábola de um rei muito rico que, feliz, desposara uma bela senhora pobre e dela tivera vários filhos com a mesma fisionomia do rei, pai deles, e que por isso forem educados em seu palácio. E acrescentou à guisa de explicação: “Não há nada a temer que morram de fome os filhos e herdeiros do Rei dos céus, os quais, nascidos por virtude do Espírito Santo, à imagem de Cristo Rei, de uma mãe pobre, serão gerados pelo espírito da pobreza numa religião sumamente pobre. Pois se o Rei dos céus promete a seus seguidores a posse de um reino eterno, quanto mais seguros podemos estar de que lhes dará também todas aquelas coisas que comumente não nega nem aos bons nem aos maus!” O Vigário de Cristo ouvira com muito interesse a parábola e sua explicação; estava maravilhado e já não duvidava de que Cristo havia falado pela boca deste homem. Tivera, aliás, pouco tempo antes uma visão em que o Espírito de Deus lhe mostrara a missão a que Francisco estava destinado. De fato, vira em sonho a basílica do Latrão prestes a ruir e um homem pobrezinho, pequeno e de aspecto desprezível, a sustinha com os ombros para não cair.

E concluiu o Pontífice: “Este é, na verdade, aquele que com seu exemplo e doutrina há de sustentar a santa Igreja de Deus”. Por essa razão anuiu benignamente ao pedido do santo, e daí em diante o teve sempre em grande estima. Concedeu-lhe pois o que pedia, prometendo-lhe conceder muito mais para o futuro. Aprovou também a Regra e deu-lhe a missão de ir por todo o mundo pregar a penitência. Mandou igualmente impor tonsuras em todos os leigos companheiros de Francisco para lhes permitir pregar a palavra de Deus sem empecilhos. “

#### **CAPITULO 4**

##### **Progresso da Ordem sob sua direção e confirmação da Regra aprovada anteriormente**

1. Com a graça de Deus e aprovação do papa, Francisco sentia-se agora confiante; e outra vez tomou O caminho pelo vale de Espoleto, onde resolveu pregar o Evangelho de Cristo e viver de acordo com ele. E confabulando pelo caminho com seus companheiros, discutiam a maneira como observar com toda sinceridade a Regra que haviam recebido e como viveriam diante de Deus em santidade e justiça. Discutiam igualmente como se aperfeiçoariam e dariam aos outros o bom exemplo. Já se fazia tarde e eles ainda prosseguiram o colóquio. Estavam cansados pelo esforço contínuo do caminho e começaram a ficar com fome. Decidiram então parar num lugar solitário. Premidos por essa necessidade e não podendo de nenhum modo ir à procura de alimentos, experimentaram logo os efeitos da amorosa providência do Senhor. Apareceu inesperadamente um homem carregando algum pão que lhes deu, desaparecendo logo a seguir, sem lhes deixar qualquer idéia de onde viera ou para onde seguira. Os irmãos reconheceram então que a companhia do homem de Deus era para eles uma garantia da ajuda de Deus e se sentiram saciados mais pelo dom da generosidade divina do que pelo alimento material recebido. Ainda muito comovidos, decidiram firmemente e assumiram o compromisso irrevogável de jamais ser infiéis ao voto de pobreza. Quaisquer que fossem sua escassez e trabalhos.

2. Chegaram finalmente ao vale de Espoleto, animados dessas boas disposições. Começaram a discutir se haveriam de viver entre o povo ou procurar a solidão. Francisco, que era um verdadeiro servo de Deus, recusou confiar apenas em sua própria opinião ou nas sugestões de seus companheiros. Mas quis saber a vontade de Deus perseverando na oração. Depois.



iluminado por uma revelação divina, sentiu que era enviado por Deus para conquistar para Cristo as almas que o demônio estava tentando roubar. Por isso resolveu viver para utilidade de todos e não apenas para si só, sentindo nisso o exemplo daquele que se dignou morrer pela salvação de todos os homens.

3. Retirou-se pois o servo de Deus com seus companheiros a um tugúrio pobre e abandonado, perto de Assis. Viviam aí trabalhando muito e passando penúria, de acordo com a altíssima pobreza, comprazendo-se em alimentar-se mais com o pão das lágrimas do que com a abundância e as delícias terrenas. Entregavam-se ali a santos e piedosos exercícios; sua oração devota e quase nunca interrompida era mais mental do que vocal, pois não dispunham de livros litúrgicos pelos quais pudessem recitar as horas canônicas do ofício divino. Mas, na falta desses, revolviam dia e noite o livro da cruz de Cristo, que sempre tinham à vista, incitados pelo exemplo e pela palavra do amantíssimo pai, que freqüentemente lhes pregava com inefável doçura as glórias da cruz de Cristo. E como os irmãos lhe pedissem com insistência que lhes ensinasse a orar, disse-lhes: “Quando quiserdes orar, dizei: “Pai nosso” e: “Nós vos adoramos, ó Cristo, em todas as igrejas que estão no mundo inteiro e vos bendizemos porque por vossa santa cruz remistes o mundo”. Ensinou-lhes também a louvar a Deus em todas as suas criaturas, a venerar com especial respeito aos sacerdotes, a crer firmemente e confessar com simplicidade os dogmas da fé conforme crê e ensina a santa Igreja Romana. Seguiam fielmente os discípulos a doutrina de seu santo mestre e todas as vezes que divisavam ao longe alguma igreja ou cruz, prostravam-se humildemente e as adoravam na forma que haviam aprendido.

4. Durante o tempo em que os irmãos moravam nesse lugar, foi o santo à cidade de Assis num sábado para no domingo fazer o sermão costumeiro na catedral. Enquanto passava a noite em oração, conforme seu hábito, num tugúrio situado no jardim dos cônegos, longe de seus filhos, eis que por volta da meia-noite - alguns irmãos dormiam, outros ainda oravam - um carro de fogo de maravilhoso esplendor encimado por um globo resplandecente, semelhante ao sol, que iluminava a noite, entrou pela porta da cabana e fez três voltas. Os que vigiavam ficaram estupefatos e os que dormiam acordaram apavorados; seus corações se iluminaram mais que seus corpos, embora a essa luz admirável pudessem ler às claras a consciência de cada um; eram capazes de penetrar os sentimentos uns dos outros, e acreditavam unanimemente que era o Pai que, embora ausente de corpo, se encontrava presente em espírito, aparecendo-lhes sob essa imagem, fulgurante e abrasado de amor. Também tinham plena certeza de que o Senhor lhes queria mostrar por esse carro de fogo resplendente que eles seguiam, como verdadeiros israelitas, o novo Elias estabelecido por Deus para ser “o carro e o condutor” (cf. 4Rs 2,12) dos homens do Espírito. Devemos crer que Deus, pela oração de Francisco, abriu os olhos desses homens simples para que contemplassem suas grandezas, Como outrora havia aberto os olhos do servo de Eliseu para que visse “a montanha coberta de carros de fogo e de cavalos que rodeavam o profeta” (cf. 4Rs 6,17). Ao voltar o santo homem para junto de seus irmãos, penetrou os segredos de suas consciências, reanimou-lhes a coragem falando-lhes da visão extraordinária que haviam tido e fez-lhes numerosas predições com relação aos progressos da Ordem. Ao ouvi-lo expor assim tantas coisas fora do alcance de uma inteligência humana, compreenderam os irmãos claramente que o Espírito do Senhor estava sobre seu servo Francisco com tal plenitude que para eles a escolha mais acertada era seguir sua vida e doutrina.

5. Depois desses acontecimentos, Francisco, pastor da pequena grei, inspirado pela graça divina, conduziu os seus doze irmãos a Santa Maria da Porciúncula, pois desejava que a Ordem dos irmãos menores crescesse e se desenvolvesse sob a proteção da Mãe de Deus, naquele lugar em que, pelos méritos dela, havia dado os primeiros passos. Como arauto do Evangelho, percorria cidades e vilas, anunciando o reino de Deus, “não por doutas palavras da sabedoria humana, mas pela virtude do Espírito Santo” (1Cor 2,13). Parecia um homem do outro mundo, conservando a alma e o semblante continuamente voltados para o alto e procurando erguer da terra todos os corações. Desde então a vinha do Senhor começou a produzir renovos perfumados, flores de suavidade, de honra e de santidade e a dar frutos abundantes.

6. Muitos, inflamados pelo ardor de sua pregação, impunham-se a nova regra de penitência de acordo com a fórmula aperfeiçoada pelo homem de Deus que decidiu chamar esse gênero de vida “Ordem dos Frades da Penitência”. E não havendo outro caminho possível para todos os que buscam o céu a não ser o caminho da penitência, admitem-se nela os clérigos e os leigos, os solteiros e os casados. Os inúmeros milagres realizados por alguns deles provam bem qual o mérito que tiveram aos olhos de Deus. Houve também donzelas que optaram pela castidade perpétua, entre as quais Clara, virgem amantíssima de Deus, primeiro rebento do jardim, perfumada como branca flor primaveril, esplêndida como estrela fulgurante. Gloriosa agora no céu, é justamente venerada na terra pela Igreja, ela que foi, em Cristo, a filha do Pai São Francisco, pobrezinho, e a mãe das damas pobres.

7. Também houve um grande número de homens que, movidos não só por devoção, mas também inflamados do desejo da perfeição de Cristo, abandonavam toda vaidade mundana e seguiam a Francisco. Crescendo e se multiplicando dia após dia,

espalharam-se em pouco tempo até aos confins da terra. Realmente a santa pobreza, único viático que levavam consigo em suas viagens, os tomava prontos para toda obediência, fortes para enfrentar as fadigas e sempre dispostos a partir em missão. Nada possuíam deste mundo e a nada se apegavam. Nada, pois, temiam perder. Estavam livres dos cuidados, sem ansiedades que os perturbassem ou lhes causassem preocupações e os distraíssem. Seus corações viviam na paz e olhavam o futuro dia após dia, sem se preocuparem com abrigo para a noite. Em diversas partes do mundo sucedia-lhes ser cobertos de injúrias como pessoas desprezíveis e desconhecidas; mas o amor do Evangelho os tornara tão pacientes, que eles mesmos procuravam os lugares em que sabiam que seriam perseguidos e evitavam aqueles em que a santidade deles era conhecida e haviam encontrado honra e simpatia. A pobreza que suportavam era para eles como riqueza e abundância, e segundo a palavra do profeta tinham prazer “não nas coisas grandes, mas nas pequenas” (Eclo 29,30).

Certa vez, alguns irmãos chegados às terras dos pagãos encontraram um sarraceno que, movido de compaixão, lhes ofereceu dinheiro necessário para comprarem o que comer, mas eles recusaram aceitar o dinheiro. Ficou admirado, porque via que nada tinham. Percebeu então que era por amor a Deus que eles se haviam feito mendigos e recusavam dinheiro. Sentiu-se tão atraído por eles, que se ofereceu para dar-lhes o suprimento necessário, enquanto lhe restasse alguma fortuna. Preciosa e inestimável pobreza, poder admirável que soube converter em tão grande ternura e compaixão um coração bárbaro e feroz! Por conseguinte, é um crime monstruoso e detestável que um cristão pisoteie e despreze essa pérola preciosa que teve em tão grande estima um infeliz sarraceno.

8. Nesse tempo, um religioso da Ordem dos Crucíferos, chamado Morico, encontrava-se numa hospedaria próxima à cidade de Assis, vítima de enfermidade tão grave e prolongada, que os médicos esperavam para muito breve a sua morte. Vendo-se nesse estado, enviou o enfermo uma pessoa que em seu nome pedisse com instância a Francisco se dignasse rogar por ele ao Senhor. Ouviu o santo afavelmente essa súplica e recolhendo umas migalhas de pão, amassou-as com um pouco de azeite tomado da lâmpada que ardia diante do altar da Santíssima Virgem, formou com essa massa um preparado inteiramente novo e o enviou ao doente através de seus religiosos, dizendo-lhes ao mesmo tempo: “Ide, levai este remédio ao nosso irmão Morico e dizei-lhe que estou certo de que por meio dele a virtude onipotente de Cristo não só lhe devolverá inteiramente a saúde, mas também, convertendo-o em esforçado guerreiro, fará que venha muito cedo a engrossar as fileiras de nosso exercito”. Mal o enfermo provou daquele antídoto, feito sob inspiração divina, levantou-se completamente curado, sentindo-se tão revigorado por Deus na alma e no corpo que, tendo ingressado na Ordem de Francisco, nela perseverou por muitos anos levando uma vida de muita penitência: suas vestes eram apenas uma túnica pobre e consumida pelo uso, sob a qual levou por muito tempo um áspero cilício, colado à carne; comia apenas alimentos crus, ervas, legumes e frutas; não se sabe que tenha provado algum dia pão e vinho. Apesar disso, sempre viveu são e robusto e sem azares de espécie alguma.

9. Cresciam cada dia mais em mérito os pobrezinhos de Cristo, e a fama de que gozavam se espalhou como um perfume, atraindo de todos os pontos da terra homens que queriam conhecer nosso bem-aventurado Pai. E até mesmo um poeta mundano, outrora coroadado pelo imperador e apelidado posteriormente “Rei das Canções”, desejou conhecer esse homem de Deus, de cujo desprezo pelo mundo todos falavam. Encontrou-o, por acaso, pregando num mosteiro de São Severino, e ali a mão do Senhor pousou sobre ele: viu Francisco, pregador da cruz de Cristo, atravessado por duas espadas brilhantes e postas em forma de cruz; uma delas descia da cabeça aos pés e a outra se dirigia, penetrando pelo peito, desde a extremidade de uma mão até a da outra. O poeta não conhecia a Francisco pessoalmente, mas percebeu que a pessoa que lhe aparecia naquele milagre não poderia ser outra. Ficou estupefato ante aquela visão que Deus lhe mostrava e imediatamente resolveu encetar uma vida mais santa; a palavra do santo levou-o à compunção, como se uma espada espiritual saindo de sua boca o tivesse traspassado. Por isso, desprezando todas as pompas e vaidades do mundo, uniu-se a Francisco e abraçou resolutamente seu gênero de vida, professando a Regra da Ordem. E como o Seráfico Pai muito se alegrou ao vê-lo convertido das iniquidades do mundo à tranqüila paz de que gozam os verdadeiros discípulos de Cristo, quis que na Ordem fosse conhecido com o nome de Frei Pacífico. Muito santo se tornou Pacífico mais tarde; e antes de ir à França, em que foi o primeiro ministro provincial, foi agraciado por Deus com uma visão. Um grande tau apareceu várias vezes na testa de Francisco, iluminando e adornando maravilhosamente a sua face com singular variedade de cores. E na verdade o santo nutria grande veneração e afeto pelo sinal tau. E mesmo o recomendava muitas vezes por palavras e o escrevia de próprio punho sobre as cartas que enviava, como se sua missão consistisse, conforme a palavra do profeta, em “marcar com um tau a fronte dos homens que gemem e choram” (Ez 9,4), convertidos sinceramente a Cristo.

10. Com o passar dos anos e crescendo o número dos irmãos, o solícito pastor começou a reuni-los no local chamado Santa Maria da Porciúncula para o capítulo geral, a fim de repartir entre eles, por sorte, a terra ou propriedade de sua pobreza e dar a cada qual a porção que a obediência determinasse. Mais de cinco mil irmãos aí se reuniram e faltava tudo nesse lugar. Mas

Deus, em sua bondade, veio-lhes em socorro, concedendo-lhes o suficiente para as forças do corpo e a alegria do espírito. Aos capítulos provinciais Francisco não podia assistir pessoalmente, mas a sua presença era marcada por diretivas solícitas, oração contínua e com sua bênção eficaz. E às vezes mesmo, por virtude do poder de Deus, ele aparecia visivelmente. Um dia, por exemplo, quando o glorioso confessor de Cristo, Antônio, estava pregando aos irmãos no capítulo de Arles acerca do título da cruz: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”, certo religioso de virtude comprovada, de nome Monaldo, movido por instinto interior e divino, dirigiu os olhos para a porta da sala onde se celebrava o capítulo, e cheio de admiração viu ali, com os olhos corporais, o seráfico Pai, que, elevado no ar e de mãos estendidas em forma de cruz, abençoava seus religiosos. Todos experimentaram naquela ocasião tanta e tão extraordinária consolação de espírito, que em seu interior não lhes foi possível duvidar da real presença do seráfico Pai, confirmando-se depois nesta crença não só pelos sinais evidentes que haviam observado, como também pelo testemunho que verbalmente lhes deu o próprio santo. Devemos admitir que a mesma força onipotente de Deus que permitiu outrora ao santo bispo Ambrósio assistir aos funerais do glorioso Martinho, para que venerasse com piedoso afeto aquele santo pontífice, essa mesma providência quis igualmente que seu servo Francisco estivesse presente à pregação de Santo Antônio, grande arauto do Evangelho, para que aprovasse a verdade daquela doutrina, sobretudo no que se refere à cruz de Cristo, cujo ministro e embaixador fora constituído.

11. Quando a Ordem se expandiu, Francisco julgou ter chegado o momento de obter a confirmação em caráter definitivo pelo Papa Honório, sucessor de Inocêncio, da forma de vida aprovada por este último. Deus então, para instruí-lo, fez-lhe a seguinte revelação: parecia-lhe ter ajuntado do chão minúsculas migalhas de pão e ele devia distribuí-las a seus irmãos esfaimados que se comprimiam em grande número à sua volta. Como hesitasse em distribuir tão pequenas migalhas que lhe poderiam ter escapado das mãos, disse-lhe uma voz do céu: “Francisco, com todas essas migalhas fazes uma hóstia e poderás dar de comer a todos os que o desejarem”. Ele assim fez, mas todos aqueles que a recebiam sem devoção ou a tratavam sem consideração apareciam claramente marcados de uma lepra que os consumia. De manhã, contou o santo tudo isso a seus companheiros, triste por não saber penetrar o mistério. Mas no dia seguinte à noite enquanto, privando-se do sono, ele continuava a orar, ouviu a mesma voz lhe dizer do alto do céu: “Francisco, as migalhas que viste na última noite são as palavras do Evangelho, a hóstia representa a Regra e a lepra o pecado”.

Querendo, pois, reduzir a uma forma mais sucinta, conforme o sentido da visão anterior, a Regra escrita antes com abundância de palavras tomadas ao Evangelho, movido por inspiração divina, subiu com dois companheiros ao cume de um monte e aí, havendo-se entregue durante vários dias a um jejum rigoroso a pão e água, fez escrever uma nova Regra conforme o Espírito Santo lhe ia ditando. Mas aconteceu que, ao descer do monte, Francisco entregou aquela Regra a seu vigário, com encargo de a guardar; e como este, depois de alguns dias, afirmasse que a havia perdido por descuido, o santo voltou novamente à solidão do monte e a escreveu pela segunda vez de modo inteiramente igual à primeira, como se o próprio Deus a houvesse ditado palavra por palavra. Depois disso, conseguiu logo, como desejava, que o mencionado Papa Honório III lhe confirmasse solenemente a Regra, no oitavo ano de seu pontificado. Exortando mais tarde fervorosamente a seus filhos à fiel observância da referida Regra, garantia-lhes que ele nada havia colocado nela que fosse de sua reflexão pessoal, antes tudo o que continha escrevera conforme o próprio Senhor lhe havia revelado. E para que assim constasse com mais certeza para testemunho divino, passados alguns dias, foram impressas em seu corpo pelo dedo do Deus vivo as chagas de Cristo, como se fossem elas uma bula do Sumo Pontífice, Cristo Jesus, em confirmação absoluta da Regra e recomendação eficaz de seu autor, como se dirá depois ao descrevermos mais amplamente as virtudes do santo.

## **CAPITULO 5**

### **Austeridade de vida e como as criaturas lhe proporcionavam consolo**

1. Francisco, o homem de Deus, via que por seu exemplo muitíssimos se sentiam encorajados a levar a cruz de Cristo com grande fervor e com isso também ele se sentia animado, como bom guia do exército de Cristo, a conquistar vitoriosamente as culminâncias da virtude. A fim de realizar aquelas palavras do Apóstolo: “Os que são de Cristo crucificaram sua carne com seus vícios e concupiscências” (GI 5,24), e levar no próprio corpo a armadura da cruz, refreava os estímulos dos sentidos com uma disciplina tão rigorosa que a muito custo admitia o necessário para seu sustento.

Dizia que é difícil satisfazer as exigências do corpo sem se abrir mão das baixas tendências dos sentidos. Por essa razão, a contragosto e raramente, aceitava alimentação cozida e, neste caso, ou lhe acrescentava cinzas ou a mergulhava na água para torná-la insípida. E que diremos do vinho se a própria água ele a bebia tão escassamente, ainda que abrasado de sede? Facilmente encontrava meios de tornar mais penosa sua abstinência em que todos os dias fazia progresso; pois, embora houvesse chegado ao cume da perfeição, procurava, contudo como se fosse um principiante, castigar com novas mortificações as revoltas da carne. Mas quando saía pelo mundo, conformava-se, no tocante à comida, com aqueles que o

hospedavam em suas casas, seguindo nisso o conselho do Evangelho; mas logo que voltava ao retiro, entregava-se de novo aos costumeiros rigores de sua abstinência. Desse modo agia com austeridade consigo mesmo, mas suave e caridosamente com o próximo, e conformando-se em tudo ao Evangelho de Cristo, não só jejuando, mas também comendo, a todos edificava com seu exemplo. Era a terra nua que quase sempre servia de leito a seu pobre corpo fatigado. Muitas vezes dormia sentado, usando uma pedra ou um tronco como travesseiro, enquanto o único manto andrajoso lhe cobria o corpo. E assim servia ao Senhor no frio e na nudez.

2. Alguém lhe perguntou certa vez como podia se proteger contra o rigor do inverno com agasalhos tão pobres e ele respondeu cheio de estranho fervor de espírito: “Se tivéssemos internamente esse fogo que é o desejo da pátria celeste, não teríamos dificuldade em suportar o frio externo”. Tinha horror de roupas caras e preferia as grosseiras, acrescentando que João Batista foi louvado por Cristo por causa de suas roupas rudes. Se a roupa que recebesse parecia muito macia, costumava coser-lhe por dentro pedaços de cordas grosseiras porque, dizia ele, é nos palácios dos ricos que devemos procurar os que usam roupas finas e não nas choupanas dos pobres. Sabia de própria experiência que os demônios ficavam aterrorizados ao verem pessoas vestidas com roupas rudes, ao passo que vestes ricas ou macias lhes davam coragem para atacarem mais afoitamente.

Certa noite, usou um travesseiro de penas, contrariamente aos seus costumes, porque estava com dor de cabeça e sofria dos olhos; mas um demônio entrou no travesseiro e não lhe deu descanso até de manhã, impedindo-o de se entregar à oração. Finalmente ele chamou um irmão e lhe disse que levasse embora aquele travesseiro. Ao deixar o quarto com o travesseiro, o irmão ficou sem forças e com os membros paralisados. Então Francisco, que viu em espírito o que estava acontecendo, com uma palavra restituiu ao irmão o vigor do corpo e da alma.

3. Francisco vigiava constantemente sobre si mesmo, tomando todo cuidado em conservar puros sua alma e seu corpo; no início de sua conversão, em pleno inverno, às vezes, mergulhava num fosso cheio de água gelada para reprimir os desordenados movimentos da concupiscência e preservar ileso dos ardores do torpe deleite a cândida veste de seu pudor virginal. Um homem espiritual, afirmava ele, suporta muito mais facilmente o frio que congela o corpo do que o ardor do mais leve desejo carnal que domine seu espírito.

4. Uma noite, enquanto orava num cubículo do eremitério de Sarteano, o antigo inimigo o chamou por três vezes: “Francisco, Francisco, Francisco!” E tendo perguntado o que queria, o demônio acrescentou maliciosamente: “Não existe pecador algum no mundo com quem Deus não use de misericórdia, se ele se converter. Mas aquele que se mata com suas penitências, jamais encontrará misericórdia”. O homem de Deus logo percebeu, por revelação divina, o engano do inimigo que tentava chamá-lo de volta à tibieza, como logo a seguir ficou demonstrado pelo que aconteceu. De fato Francisco sentiu arder dentro de si uma grave tentação sensual, alimentada pelo sopro daquele que tem um “hálito ardente como brasas” (Jó 41,12). Mal a notou e já se despojou de suas vestes e começou a disciplinar-se com todo rigor. “Eia, irmão burro, assim te convém permanecer, assim te convém estar e sofrer os açoites que bem mereces. O hábito religioso serve para a decência e leva em si o caráter da santidade; por essa razão não deve apropriar-se dele um homem luxurioso. Pois bem, se pretendes evitar o castigo, anda, pois, para onde te apraza”. Movido então de um grande fervor de espírito, saiu da cela e foi a um campo que ficava bem próximo e aí, nu como estava, se revirou num grande monte de neve para sufocar assim os ardores da concupiscência. Em seguida, formou sete bolas ou figuras de neve de diversos tamanhos, e diante delas falava a si mesmo: “Tens aqui, neste bloco maior, a tua mulher; esses quatro são dois filhos e duas filhas; os outros dois são um servo e uma serva, que precisas para os trabalhos da casa. Apressa-te, pois, a vesti-los porque estão morrendo de frio. Mas se as muitas preocupações que te dão te aborrecem, procura desprender-te deles e consagra-te fielmente a teu único Deus e Senhor”. O tentador, vencido, bateu em retirada imediatamente e o santo voltou à sua cela, vitorioso. O frio externo que ele se impusera como castigo tinha tão bem apagado o fogo interior da concupiscência que se livrou dele para sempre. Um dos irmãos, que estava em oração naquela hora, testemunhou todo o espetáculo graças a um esplêndido luar que havia; o homem de Deus, informado desse fato, contou-lhe o drama de sua tentação, mas proibiu-lhe que falasse dele a quem quer que fosse, enquanto vivesse.

5. Ensinava que não basta só mortificar as paixões da carne e refrear seus estímulos, mas também guardar com suma vigilância os outros sentidos, através dos quais a morte entra na alma. Recomendava muito evitar-se com todo empenho a familiaridade e as conversas com as mulheres, porque para muitos elas são ocasião de ruína. Pois, afirmava ele, “é o que perde os mais fracos e enfraquece os mais fortes; conseguir evitar o contágio das mulheres para quem com elas se entretém é tão difícil quanto ‘caminhar no fogo e não queimar os pés’, como diz a Escritura (cf. Pr 6,27). A não ser que se trate de um indivíduo de virtude muito provada”. Ele mesmo desviava os olhos para não perder tempo com vaidades, de tal forma que

não conhecia mulher alguma pelas feições, como ele próprio assegurou certa vez a um companheiro.

Julgava perigoso permitir que a fantasia retivesse a imagem delas capaz de fazer renascer o fogo numa carne já dominada ou de manchar a alvura de uma alma inocente. Chegava mesmo a declarar que falar a uma mulher era frivolidade, salvo confissão ou breve aconselhamento, de acordo com as necessidades de sua alma e as exigências das boas maneiras: “De que assuntos poderia um religioso tratar com uma mulher a não ser o caso de ela lhe pedir devotamente a penitência ou algum conselho para melhorar sua vida? Quem se sente muito seguro de si, não toma o devido cuidado com o inimigo, e o demônio quando pode pegar um homem por um fio de cabelo transforma este numa grossa amarra com que o arrasta sem dificuldade ao abismo”.

6. Quanto à preguiça, sentina de todos os maus pensamentos, ensinava que se há de fugir dela com o maior cuidado e mostrava por seu exemplo que é preciso dominar a carne preguiçosa e rebelde mediante contínuas disciplinas e frutuosas fadigas. Por isso chamava o corpo de “irmão burro”, indicando assim que é necessário carregá-lo de trabalho e de fardos, puni-lo com chicotadas e ser sustentado com alimento ordinário e escasso. Por isso quando via algum ocioso e vagabundo, desses que pretendem viver às expensas do suor dos outros, chamava-o de “Irmão Mosca”, porque este, nada fazendo de bom e usando mal dos benefícios recebidos, chega a se converter em objeto de abominação para todos. Por isso, em certa ocasião assim se expressava: “Quero que meus irmãos trabalhem e se ocupem em algum trabalho honesto, para que não se entreguem à ociosidade e venham a cair por palavra ou pensamento em algo que seja ilícito ou pecaminoso”. Queria que seus irmãos observassem o silêncio indicado no Evangelho, quer dizer, que em todas as circunstâncias evitassem com todo cuidado qualquer palavra ociosa, de que no dia do juízo deverão prestar contas (cf. Mt 12,36).

Levado por esse sentimento, toda vez que encontrava um religioso viciado pelo apetite desenfreado de falar, repreendia-o duramente, dizendo que o calar com modéstia protege a pureza do coração e não é virtude de menor importância, se é verdade, como diz a Escritura, que “a morte e a vida se encontram em poder da língua” (Pr 18,21), não tanto por razão do gosto quanto pela excessiva loquacidade.

7. Por outro lado, também é verdade que procurava inculcar com insistência em seus irmãos o desejo de uma vida austera e penitente, mas lhe repugnava a excessiva severidade que não se reveste de entranhas de misericórdia nem é condimentada com o sal da discricção. Efetivamente aconteceu que um de seus irmãos, entregue aos rigores de uma abstinência por demais rigorosa, começou a desmaiar de tanta fome, não podendo encontrar um momento de repouso. Compreendendo o bom pastor o perigo que corria aquela ovelha de seu rebanho, chamou-o, colocou diante dele um pouco de pão e, para não deixá-lo embaraçado, começou a comer por primeiro, enquanto com suavidade convidava o outro a comer. O irmão deixou de lado a vergonha, tomou daquela comida com grande alegria, uma vez que com sua vigilância e condescendência o Pai lhe havia evitado os danos do corpo e lhe dera motivo de grande edificação. Na manhã seguinte, reuniu o homem de Deus os irmãos e, referindo-se ao que havia acontecido naquela noite, acrescentou esta advertência: “Irmãos, sede modelos uns dos outros, não pelos jejuns mas por vossa caridade!”. Recomendou-lhes também a prática da prudência, não a da prudência inspirada por nossa natureza humana decaída, mas a prudência praticada por Cristo, cuja vida é modelo de toda perfeição.

8. Em seu estado atual de fraqueza, o homem é incapaz de imitar o Cordeiro de Deus crucificado com perfeição, evitando todo contágio do pecado. E assim ensinava Francisco aos seus irmãos mediante seu próprio exemplo que aqueles que procuram ser perfeitos devem purificar-se, dia após dia com as lágrimas da contrição. Atingira extraordinária pureza da alma e do corpo, embora nunca deixasse de purificar sua visão espiritual com lágrimas em profusão e não levasse em consideração o fato de isso lhe custar a saúde dos olhos. Em consequência de suas constantes lágrimas, veio a sofrer dos olhos, mas quando o médico disse que deveria restringir as lágrimas se quisesse evitar a perda da visão, ele replicou: “Irmão médico, usufruímos da luz deste mundo em comum com as moscas; não devemos rejeitar a presença da luz eterna apenas para preservá-la. Nosso corpo recebeu a faculdade da visão por causa da alma; a visão de que goza a alma não foi dada por causa do corpo”. Preferia perder a visão dos olhos a sufocar a devoção do espírito, refreando as lágrimas, que limpam os olhos da alma e os tornam capazes de ver a Deus.

9. Certa vez, os médicos prescreveram-lhe como remédio uma cauterização, e os irmãos insistiam com ele para que consentisse. O homem de Deus aceitou com humildade, pois via então uma ocasião de se curar e ao mesmo tempo de sofrer. Chamaram pois o cirurgião. Veio ele e colocou um ferro no fogo para realizar a operação. O servo de Cristo, querendo dar coragem ao próprio corpo, tomado de horror natural, dirigiu-se ao fogo como a um amigo: “Meu irmão fogo, disse ele, o Altíssimo te criou como o mais útil, belo e poderoso 15 entre todas as coisas para expressar a formosura; sê propício comigo nesta hora, sê compassivo. Peço ao Senhor que te criou se digne moderar para mim teu calor, a fim de que possa sofrer-te

quando me queimares suavemente”. Terminada a oração, fez o sinal-da-cruz por cima do ferro em brasa e aguardou sem trepidar. O ferro penetrou candente naquela carne delicada, cauterizando desde a orelha até os cílios. O santo expressou com as seguintes palavras a dor que lhe havia produzido aquele fogo: “Louvai ao Senhor, irmãos meus caríssimos, pois na verdade vos digo que nem senti a dor do fogo nem experimentei dor alguma no corpo”. E voltando-se para o cirurgião lhe disse: “Se a carne ainda não está bem queimada, podes cauterizá-la ainda mais”. Ao ver o médico naquela carne enferma virtude tão rara de espírito, ficou cheio de admiração e, atribuindo-a a verdadeiro milagre, exclamou: “Asseguro-vos, meus irmãos, que hoje vi coisas admiráveis”. Pois havia o santo chegado a tão alto grau de perfeição, que com harmonia admirável a carne se sujeitava ao espírito e o espírito a Deus, e por divina ordenação as criaturas sujeitas ao serviço de Deus se submetiam também de modo inefável ao domínio e vontade de seu servo.

10. Certo dia, encontrando-se gravemente doente no eremitério de Santo Urbano e sentindo as forças o abandonar, pediu vinho para beber. Como não houvesse em casa nenhuma gota, mandou vir água. Fez sobre ela o sinal-da-cruz e aquilo que até então era apenas água pura transformou-se em delicioso vinho. O que a pobreza do eremitério tornava impossível foi obtido pela pureza do santo. Mal provou do vinho e as forças lhe voltaram. A água tinha um novo gosto, e o doente obtinha dela uma saúde nova. Tanto a bebida como aquele que a tomara foram miraculosamente transformados. Eram dois modos de indicar quanto Francisco já se havia “despojado do homem velho e se transformara no homem novo” (cf. Cl 3,9-10).

11. Não eram apenas as criaturas que se submetiam à vontade do servo de Deus; o próprio Criador de todas as coisas acedia aos seus desejos. Certa vez, o santo, prostrado por muitas doenças ao mesmo tempo, sentiu desejo de um pouco de música que lhe devolvesse a alegria do espírito. Mas como as conveniências não permitiam contratar homens para esse fim, os anjos deram sua colaboração para alegrá-lo. De fato, certa noite, enquanto vigiava em meditação, de repente ouviu uma cítara tocando com uma harmonia maravilhosa e uma melodia dulcíssima. Não se via ninguém, mas percebia-se claramente o afastamento ou a aproximação do citarista. Enlevado em Deus o espírito do santo, sentiu-se repleto de tanta suavidade com aquela dulcíssima e inefável harmonia que lhe pareceu estar gozando já na mansão eterna. Esse fato não pôde ele ocultar aos mais familiares de seus religiosos, os quais conheciam freqüentemente por certos indícios que o Senhor confortava o santo com grandes e extraordinárias consolações de modo que nem ele mesmo as podia ocultar.

12. Uma outra ocasião, indo pregar com um irmão entre a Lombardia e a Marca de Treviso, sobreveio a noite e ainda se encontravam às margens do rio Pó. Era muito perigoso continuar naquela escuridão sem enxergar e no meio de terras alagadas. O companheiro disse ao santo: “Pai, reza a Deus que nos livre dos perigos que nos ameaçam!” Com sua imensa confiança, disse o santo: “Deus pode, se agrada à sua bondade, dissipar as trevas e nos dar a luz benéfica”. Mal acabara de falar, uma luz miraculosa os envolveu e embora mais além fosse noite total eles viam claramente e num grande raio a estrada e suas redondezas. Essa luz foi guia do corpo e conforto para a alma deles, e após uma longa caminhada, chegaram à hospedaria, sem dificuldade, cantando hinos e cânticos de louvor.

Considerai, pois, quanta e quão admirável foi a virtude deste santo, a cujo império e vontade o fogo apaga seu ardor, a água se converte em vinho generoso, os anjos o recreiam com suas celestiais harmonias e a luz divina lhe indica o caminho, demonstrando-se dessa forma que todas as criaturas do mundo contribuíam sensivelmente para manifestar a santidade de nosso grande patriarca.

## **CAPITULO 6**

### **Humildade e obediência, favores com que Deus o cumulava**

1. A humildade, defesa e ornamento de todas as virtudes, havia cumulado o homem de Deus de bens superabundantes. Aos próprios olhos, era apenas um pobre pecador. Na realidade, porém, era o espelho resplendente de toda santidade. Como um arquiteto prudente (cf. 1Cor 3,10), que começa pelas fundações, ele se empenhou, de corpo e alma a construir unicamente sobre a humildade, conforme aprendera de Cristo. “O Filho de Deus, dizia ele, deixando o seio do Pai, desceu das alturas do céu até a nossa miséria para nos ensinar a humildade, Ele, que é o Senhor e o Mestre, tanto pelo exemplo quanto pela palavra”. Por isso, como verdadeiro discípulo de Cristo, procurava diminuir-se aos próprios olhos e dos demais, recordando as palavras do Mestre: “O que para os homens é estimável, é abominável perante Deus” (Lc 16,15). E gostava de repetir esta máxima: “O homem é o que é diante de Deus, nem mais nem menos”. Por isso considerava insensatez consumada envaidecer-se alguém com os favores do mundo, o conforme essa doutrina, se alegrava particularmente com as ofensas que recebia e se entristecia quando alguém o louvava. Pois preferia ouvir a seu respeito vitupérios e não louvores, sabendo que aqueles contribuíam eficazmente para sua própria emenda, enquanto os louvores poderiam causar-lhe algum dano à alma.

Segundo esse princípio, quando as pessoas exaltavam sua elevada santidade, costumava ordenar a um dos irmãos que, sem receio, lhe dirigisse palavras de desprezo e humilhação. E quando o religioso, forçado pela obediência, o chamava de rústico, grosseiro, homem iletrado ou inútil para tudo, cheio de santa alegria, que se refletia em seu semblante, Francisco lhe respondia: “Bendiga-te o Senhor, meu filho, pois és o único que dizes a verdade, e são estas as palavras que sempre deveria ouvir o filho de Pedro Bernardone”.

2. E para fazer-se desprezível aos outros, não hesitava, nas viagens de pregação que fazia, de revelar a todo o povo seus próprios defeitos. Um dia, doente e sem mais energias, viu-se obrigado a suavizar um pouco os rigores de seu jejum a fim de recuperar a saúde. Assim que recobrou as forças, não perdeu tempo em se expor ao desprezo dos outros, tanto ele mesmo se desprezava: “Não é justo que as pessoas me tomem por um homem mortificado, enquanto ocultamente cuido de mim com demasiadas regalias”. Levantou-se então imediatamente, impelido pelo espírito de santa humildade, e tendo convocado o povo para a praça da cidade de Assis, entrou na catedral com grande solenidade, acompanhado de muitos irmãos que trouxera consigo. Atou uma corda ao pescoço e nu, sem outras roupas que as necessárias para o decoro, apresentou-se diante de todos e em seguida ordenou que o conduzissem ao pelourinho onde era costume manter os criminosos que deveriam ser executados. Subiu ao pelourinho, e no maior rigor do inverno e apesar de estar ardendo em febre e extremamente fraco, pregou com grande fervor de espírito, falando a seus ouvintes que não deveriam honrá-lo como se fosse um homem espiritual, mas desprezá-lo como um glutão e carnal. Todos os assistentes, cheios de admiração diante desse espetáculo extraordinário e profundamente edificadas, pois conheciam muito bem sua austeridade, proclamaram que semelhante humildade era mais admirável do que imitável. Suponhamos que se trate de uma dessas ações simbólicas habituais entre os profetas (cf. Is 20,3), e não propriamente um exemplo; assim mesmo, temos aí uma bela lição de humildade perfeita em que o discípulo de Cristo ensina que ele deve desprezar todos os testemunhos do louvor passageiro, reprimir toda vaidade e pretensão e depor a máscara da simulação hipócrita.

3. Muitas vezes praticava ações dessa espécie a fim de parecer externamente como um desses vasos de perdição e dessa forma ter em si o espírito de santificação. Quando as multidões o aclamavam, dizia: “Ainda poderei ter filhos e filhas: não me louveis como se já estivesse salvo. Não se deve louvar a ninguém quando não se sabe como há de terminar”. Falava assim aos seus admiradores. Mas a si mesmo dizia: “Francisco, se o Senhor houvesse conferido ao mais desalmado ladrão os dons que recebeste, saberia agradecê-los e corresponderia muito mais do que tu”. Muitas vezes dizia assim aos irmãos: “Ninguém deve iludir-se exaltando-se injustamente por coisas que também um pecador pode realizar. Pois um pecador pode jejuar, orar, chorar e disciplinar a própria carne. E só isto não pode fazer: ser fiel ao seu Senhor. Por isso devemos gloriarnos somente nestes casos: rendendo a Deus a glória que lhe é devida; servindo-o com fidelidade; atribuindo-lhe tudo o que lhe pertence”.

4. Como o comerciante de que fala o Evangelho, querendo Francisco ganhar sempre mais e tornar produtivo cada um de seus instantes, procurou ser súdito e não superior, obedecer e não mandar; por essa razão, renunciou ao cargo de superior geral, pedindo um guardião a cuja vontade se submeteu em todas as circunstâncias. Com efeito, dizia ele, o fruto da santa obediência é tão abundante, que nenhuma fração de tempo transcorre sem vantagem para aqueles que submetem a cerviz ao jugo da obediência. Por isso tinha o hábito de prometer sempre obediência ao irmão com quem viajava e de observá-la. Certa vez disse aos companheiros: “Entre os benefícios que Deus me concedeu em sua bondade, obtive a graça de estar pronto a obedecer com igual solicitude a um noviço de uma hora que me fosse dado como guardião como ao irmão mais antigo e mais experimentado. Um súdito não deve considerar em seu superior o homem, mas aquele por amor do qual ele aceitou obedecer. Quanto menos digno o superior, tanto mais aarada a Deus a humildade daquele que obedece”. Aos irmãos que lhe perguntavam um dia como reconhecer o religioso verdadeiramente obediente, propôs ele em parábola o exemplo do cadáver: “Tomai, disse ele, um corpo que a alma abandonou e colocai-o em qualquer lugar. Vereis que se o moverdes, não se há de opor; se o deixardes cair, não protestará; se o colocardes numa cátedra, não dirigirá seus olhos para o alto, mas para o mais baixo da terra; se o adornardes com vestido de púrpura, só aumentareis sua palidez cadavérica. Tal o verdadeiro obediente: não julga por que o movem de um lado para outro, não se preocupa com o lugar onde o coloquem, não insiste para que o removam de um convento para outro; se é elevado a um ofício honroso, conserva sua costumeira humildade, e quanto mais honrado se vê, tanto mais indigno se julga de toda honra”.

5. Um dia disse a um companheiro seu: “Não me julgarei nunca um verdadeiro irmão menor, enquanto não chegar ao estado de espírito que te vou descrever. Imagina que eu sou o superior de meus irmãos, vou ao capítulo, faço um sermão, dou meus conselhos e quando termino, alguém me diz: ‘Não tens o que é necessário para ficar conosco; não tens estudos, não és eloqüente, não tens cultura, e és idiota e simples!’ E sou expulso vergonhosamente, desprezado de todos. Pois bem, se não ouvisse todos esses impropérios com igual serenidade de semblante, com a mesma alegria da alma e com igual tranqüilidade

de espírito como se fossem louvores, não seria certamente irmão menor”. E não contente com isso acrescentava: “Uma dignidade é uma ocasião de queda; o louvor é um precipício escancarado; mas o lugar de súdito é fonte de méritos para a alma. Por que desejar os riscos e não as vantagens, uma vez que é para nos enriquecer que o tempo nos foi dado?” Compreende-se pois por que Francisco, modelo de humildade, quis que seus irmãos fossem chamados “frades menores”, e os superiores da Ordem “servos”, para assim empregar os próprios termos do Evangelho (cf. Mt 25,45) que ele aceitou seguir e ensinar a seus discípulos, recordando-lhes que haviam entrado na escola de Cristo de coração humilde precisamente para dele aprenderem a humildade. Jesus Cristo efetivamente, para ensinar a seus discípulos a santa humildade, havia dito: “Aquele dentre vós que quiser ser o maior deve fazer-se servidor de todos, e aquele de vós que quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mt 20,26-27). Certo dia, falava o servo de Deus com o cardeal bispo de Óstia, protetor e principal propagador da Ordem dos Frades Menores, que mais tarde, segundo a profecia do santo, chegou a ser Pontífice Romano, com o nome de Gregório IX. Este lhe perguntou se desejava que seus irmãos fossem promovidos às dignidades eclesiásticas, e Francisco lhe respondeu: “Senhor, meus irmãos se chamam precisamente ‘menores’ para que nunca presumam elevar-se a coisas maiores. Se quereis, pois, que dêem fruto abundante na Igreja de Deus, deixai-os e conservai-os no estado de sua própria vocação e não permitais de modo algum que sejam promovidos aos honrosos cargos da Igreja”.

6. Preferindo a pobreza para si e seus irmãos acima de qualquer honra deste mundo, Deus que ama os humildes julgou-o digno de maior honra. Esse fato foi revelado a um dos irmãos, homem virtuoso e santo, numa visão que teve do céu. Estava viajando com Francisco, quando entraram numa igreja abandonada, onde oraram com todo fervor. Este irmão teve então uma visão em que via uma multidão de tronos no céu, um dos quais era radiante de glória e adornado de pedras preciosas e era o mais elevado de todos. Estava maravilhado com tanto esplendor e se perguntava a quem ele caberia. Ouviu então uma voz que lhe dizia: “Esse trono pertenceu a um dos anjos caídos. Agora está reservado ao humilde Francisco”. Ao voltar a si do êxtase, o irmão seguiu o santo que estava saindo da igreja. Retomaram o caminho e continuaram conversando sobre Deus. O irmão recordou-se então da visão e discretamente perguntou a Francisco o que achava de si mesmo. Respondeu o humilde servo de Cristo: “Reconheço que sou o maior pecador do mundo”. Replicou-lhe o irmão que ele não podia fazer semelhante afirmação em consciência tranqüila, nem mesmo pensar assim. Francisco continuou: “Se Cristo houvesse tratado ao maior celerado dos homens com a mesma misericórdia e bondade com que me tem tratado, tenho certeza que ele seria muito mais reconhecido a Deus do que eu”. Ao ouvir palavras de tanta humildade, o irmão teve a confirmação de que a sua visão era verdadeira, sabendo perfeitamente que, segundo o santo Evangelho, o verdadeiro humilde será exaltado ao trono de glória de que o soberbo é excluído.

7. Em outra ocasião, enquanto orava numa igreja deserta da província de Massa, próxima a Monte Casale, soube por inspiração divina que naquela igreja jaziam relíquias de santos. Penalizado de vê-las assim tanto tempo abandonadas sem a veneração que lhes era devida, ordenou aos irmãos que as levassem ao convento. Depois, chamado a outros compromissos, deixou os irmãos, que esqueceram a ordem do Pai e perderam o mérito da obediência. Um dia, porém, desejando celebrar os sagrados mistérios, descobriram, para grande surpresa de todos, sob as toalhas do altar, ossos belíssimos e de suave perfume. Eram as relíquias transportadas para lá não pelas mãos dos homens, mas pelo poder de Deus. Voltando pouco depois, o homem de Deus lhes perguntou se haviam executado suas ordens a respeito das relíquias. Os irmãos humildemente se acusaram de haverem descuidado de obedecer e obtiveram o perdão depois de se penitenciarem. E disse-lhes o santo: “Bendito seja o Senhor meu Deus que se dignou ele mesmo fazer o que vós deveríeis ter feito!” Considerai a solicitude da divina Providência pela poeira que somos todos nós e reconhecer a excelência da virtude do humilde Francisco na presença de Deus, pois, não tendo os homens cumprido as ordens do santo, quis o próprio Deus condescender benignamente a seus desejos.

8. Certo dia Francisco chegou a Ímola e se dirigiu ao bispo local para lhe pedir humildemente autorização de convocar o povo e pregar. Ao ouvir o bispo semelhante pedido, respondeu-lhe com certa dureza: “Meu irmão, eu mesmo prego a meu povo e isto basta!” Francisco inclinou a cabeça com toda humildade e saiu. No entanto, não havia passado ainda uma hora, e lá estava ele de novo. O bispo ficou quase irritado e lhe perguntou o que vinha fazer de novo. Então Francisco replicou respeitosa e sem o mínimo sinal de arrogância: “Senhor, quando um pai expulsa o filho por uma porta, este deve encontrar uma outra para entrar”. Vencido com tanta humildade, o bispo, entusiasmado, abraçou-o e disse-lhe: “Doravante pregareis em minha diocese, tu e teus companheiros; dou-vos permissão irrestrita, pois tua santa humildade bem a merece!”

9. Em outra ocasião chegou Francisco a Arezzo e encontrou toda a cidade num grande tumulto provocado pelas lutas de facções políticas à beira da destruição. Encontrou hospedagem numa aldeia fora das muralhas da cidade e pôde ver os demônios que perturbavam os cidadãos e os excitavam à mútua matança. Resolvido a banir para longe aquelas sediciosas forças infernais, enviou para diante de si, como núncio ou embaixador, ao bem-aventurado irmão Silvestre, homem de



columbina simplicidade, dizendo: “Vai, meu filho, às portas da cidade e da parte de Deus onipotente e em virtude da santa obediência, ordena a esses demônios que saiam imediatamente”. Obediente como era, cumpriu imediatamente o que lhe mandava o santo. Aproximou-se das portas da cidade, cantando um hino de louvor a Deus, e clamou em altos brados: “Em nome do Deus onipotente e por ordem de seu servo Francisco, ide-vos embora, todos vós espíritos infernais!” Logo a cidade ficou pacificada e se tranqüilizaram seus moradores respeitando os mútuos direitos. Assim, banida para longe dali a soberba furiosa dos demônios que haviam cercado a cidade e sobrevivendo a sabedoria de um pobrezinho, quer dizer, a profunda humildade de Francisco, refez-se a paz ficando a cidade libertada, pois com a extraordinária virtude de sua obediência Francisco merecera alcançar sobre aqueles espíritos rebeldes e dispostos a tudo tal domínio, que pôde reprimir suas diabólicas fúrias e pôr em fuga sua danosa violência.

10. Como acabamos de ver, as excelentes virtudes dos humildes abatem o orgulho dos demônios. No entanto, para resguardar a sua humildade, permite Deus que recebam bofetadas, como atesta São Paulo de si mesmo (cf. 2Cor 12,7) e como Francisco experimentou. Convidado, certo dia, pelo Senhor Cardeal Leão de Santa Cruz a permanecer com ele em Roma por algum tempo, consentiu humildemente, pois respeitava e amava muito o cardeal. Mas, ao anoitecer, Francisco, depois de haver orado, se preparava para dormir, quando surgiram demônios furiosos que caíram sobre o soldado de Cristo, bateram nele e o deixaram :semimorto. Chamando então seu companheiro, o servo de Deus lhe contou o que acabara de acontecer e concluiu: “Vês, irmão, se os demônios que só possuem o poder que a Providência divina lhes concede se lançaram sobre mim com tanta fúria, é porque a minha permanência na corte dos grandes é um mau exemplo. Meus irmãos que moram em pequenos conventinhos, se souberem que vivo em companhia de cardeais, poderiam acreditar que estou mergulhado nas coisas mundanas, inebriado pelas honras e cumulado de bem-estar. Creio ser melhor que aquele que tem por vocação dar o exemplo fuja dos palácios e more humildemente em pobres conventos no meio dos humildes, a fim de lhes dar, partilhando de sua situação, mais força para suportar a sua indigência”. De manhã procuraram o cardeal e com humildes escusas se despediram dele.

11. O homem de Deus detestava a soberba, origem de todos os males, e a desobediência, filha da soberba; mas estava sempre disposto a acolher toda atitude humilde de penitência e arrependimento. Certa vez, apresentaram-lhe para o justo castigo um irmão acusado de desobediência. Por sinais que não o enganavam, o homem de Deus percebeu que o irmão estava sinceramente arrependido e imediatamente se dispôs ao perdão, tanto amava ele a humildade. Todavia, para evitar que a facilidade do perdão fosse para os outros um incentivo para faltarem, ordenou que lhe tirassem o capuz e o lançassem às chamas. Cumpria mostrar a todos o rigor que merecem as faltas à obediência. Depois de algum tempo mandou que retirassem do fogo o capuz para restituí-lo ao irmão, humilde e arrependido. Retiraram então o capuz do meio do fogo. E que maravilha! O capuz não tinha o menor sinal de queimadura! Deus assim demonstrava com um só milagre a virtude do santo e a humildade do penitente.

A humildade de Francisco merece pois ser imitada. Ele conseguiu tal mérito ainda neste mundo que fez o próprio Deus condescender com seus desejos, mudou os afetos do coração humano, reprimiu com seu poder a presunçosa malícia dos demônios e, com apenas um gesto de sua vontade, apagou a voracidade das chamas. Esta virtude é, na verdade, a que, exaltando os homens, obriga ao humilde a dar a todos o merecido respeito e faz, por outro lado, que todos o honrem e glorifiquem.

## **CAPITULO 7**

### **Amor à pobreza e intervenções miraculosas nas necessidades**

1. Entre outros dons e carismas que o Doador de todos os bens concedeu a Francisco, houve um privilégio singular: o de crescer nas riquezas da simplicidade através do amor pela altíssima pobreza. Considerando o santo que esta virtude havia sido familiar ao Filho de Deus e vendo-a quase desterrada do mundo, quis torná-la sua esposa, amando-a com amor eterno, e por ela não só deixou pai e mãe, mas generosamente distribuiu tudo quanto possuía. Ninguém foi tão ávido de ouro quanto o foi Francisco da pobreza e ninguém pôs tanto cuidado em guardar seus tesouros como o foi ele em conservar tão preciosa pérola. Por isso nada o ofendia tanto como ver em seus irmãos qualquer coisa que não estivesse inteiramente de acordo com a pobreza. E na verdade, o santo, desde o início de sua vida religiosa até a morte possuiu estas riquezas: a túnica, o cordão e as roupas de baixo; e vivia contente. Muitas vezes recordava, sem poder conter as lágrimas, a pobreza de Cristo e de sua Mãe. Afirmava que esta é a rainha das virtudes, porque a vemos brilhar com pleno fulgor mais do que todas as outras, no Rei dos reis e na Rainha sua Mãe 16. Por essa razão, certa vez, reunidos os irmãos e tendo-lhe um deles perguntado qual a virtude mais apropriada do que qualquer outra para se captar a perfeita amizade de Cristo, respondeu como quem descobre um segredo íntimo do coração. “Sabei, irmãos, que a pobreza é o caminho mais seguro para a salvação, como fundamento

que é da humildade e raiz de toda perfeição, e seus frutos, embora ocultos, são múltiplos e abundantíssimos. Essa virtude é aquele tesouro evangélico escondido no campo; para comprá-lo se deve vender tudo e por seu amor desprezar tudo o que não se pode vender”.

2. E dizia: “Quem pretende chegar ao cume da pobreza deve renunciar não somente à prudência segundo o mundo, mas também às letras e às ciências; assim despojado daquilo que ainda é uma forma de posse, proclamará o poder do Senhor (cf. SI 73,15-16) e se oferecerá nu ao abraço do Crucificado. Aquele que guarda sua reservazinha de amor-próprio no íntimo do coração ainda não renunciou inteiramente ao mundo”. Em seus sermões aos irmãos sobre a pobreza, muitas vezes citava esta passagem do Evangelho: “As raposas têm suas covas e os pássaros seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). Concluía daí que os irmãos não devem construir senão casas pequenas e pobres, como os pobres fazem, nem se instalar nelas como proprietários mas comportar-se como peregrinos e estrangeiros na casa dos outros. Ser peregrino, dizia ele, é ser recebido na casa dos outros, ter nostalgia da pátria e irradiar a paz à sua passagem. Mandava mesmo derrubar casas já construídas ou fazia sair delas os irmãos, quando as considerava contrárias à pobreza evangélica por terem os irmãos aceito a propriedade delas ou exagerado seu conforto. Para ele a pobreza era a pedra fundamental da Ordem, fundamento de todo esse edifício que permanecerá sólido enquanto ela for sólida e se um dia ela desaparecer, ficará completamente destruído.

3. “Para se entrar na vida religiosa, ensinava ele de acordo com uma revelação, é preciso começar praticando esta palavra do Evangelho: ‘Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis e dá-o aos pobres’” (Mt 19,21). Por essa razão só admitia à Ordem aquele que houvesse renunciado à propriedade e nada absolutamente retivesse para si. Assim se conformava ao Evangelho e evitava o escândalo que provocaria o costume das bolsas particulares. Um homem da Marca de Ancona lhe pediu um dia admissão na Ordem. “Se quiseres partilhar a vida dos pobres de Cristo, disse-lhe Francisco, distribui entre os pobres do mundo tudo o que possuis”. Ao ouvir isso, retirou-se ele, distribuiu seus bens à própria família e os pobres ficaram sem nada. Era um amor bem carnal que assim o fazia agir. Voltou ele e contou tudo ao santo, que o repreendeu duramente: “Segue teu caminho, irmão Mosca. Nunca deixaste tua casa ou tua família. Repartiste teus bens com a parentela e defraudaste os pobres. Não és, pois, digno de viver com os pobres evangélicos. Começaste por espírito carnal: para um edifício espiritual é um fundamento que não vale nada!” Voltou o homem carnal para os seus, exigiu de volta os bens que havia deixado e que não quis distribuir aos pobres, abandonando assim imediatamente seus propósitos de virtude.

4. Em outra época, vivia a comunidade de Santa Maria da Porciúncula em tanta miséria que nada tinham para oferecer aos irmãos que chegavam de visita. O vigário de Francisco aproximou-se dele e lhe falou da penúria que sofriam e pediu-lhe permissão para reservar algo dos bens dos noviços que entravam na Ordem para poderem recorrer a esses bens quando parecesse indispensável. Francisco, que tinha a proteção da divina Sabedoria, replicou: “Irmão caríssimo, Deus proibiu que atentássemos contra a Regra por qualquer motivo que seja. Se a situação é precária, prefiro que se suprimam os adornos do altar da gloriosa Virgem ao menor atentado contra o voto de pobreza e observância do Evangelho. Pois a bem-aventurada Virgem Maria ficará muito mais satisfeita se, despojando embora seu altar, seguirmos perfeitamente os conselhos do santo Evangelho do que se, enfeitando seu altar, transgredirmos os conselhos que seu Filho nos deixou e nós prometemos seguir”.

5. Andando o santo certo dia com um companheiro através da Apúlia, viu, ao sair da cidade de Bari, no caminho, uma bolsa que parecia repleta de dinheiro. O companheiro insistiu com o pobrezinho de Cristo que seria conveniente recolher do chão aquela bolsa e distribuir o dinheiro aos pobres. Francisco recusou ouvir esse pedido, suspeitando que naquela bolsa se escondia, sem dúvida, alguma cilada diabólica. Por isso julgava que o companheiro lhe estava aconselhando uma coisa não meritória, ou até mesmo pecaminosa, isto é, apoderar-se do alheio a pretexto de o dar aos pobres. Por esta recusa afastaram-se daquele lugar e apressaram o passo continuando a viagem começada. Mas não ficou tranqüilo aquele irmão levado de uma falsa piedade, chegando mesmo ao extremo de repreender a Francisco e acusá-lo de não querer socorrer as necessidades dos pobres. Importunado com tanta insistência, consentiu o santo em voltar ao local mencionado, não para satisfazer o irmão, mas para pôr à luz o ardil do demônio. Volta até a bolsa com o irmão e um jovem que passava; põe-se em oração e ordena a seu companheiro que pegue o dinheiro. O irmão tremia já de medo, pois começava a pressentir uma aparição do demônio; mas forçado pelo preceito da santa obediência, pôs de lado toda dúvida e estendeu a mão para pegar o dinheiro. No mesmo instante, uma serpente descomunal saiu da bolsa e, ao desaparecer, no mesmo instante, levou-a consigo, ficando bem claro o ardil do demônio. Uma vez desmascarada a dita astúcia, disse Francisco a seu companheiro: “O dinheiro, irmão caríssimo, para os servos de Deus é apenas o demônio e uma serpente venenosa!”

6. Depois disso, ao se dirigir à cidade de Sena por motivo urgente, aconteceu ao santo um fato extraordinário. Três senhoras pobres, perfeitamente semelhantes de estatura, idade e semblante, saíram-lhe ao encontro na grande planície que se estende

entre Campiglia e San Quirico, as quais o saudaram de um modo completamente inusitado: “Seja bem-vinda a Senhora Pobreza”. A essas palavras, uma alegria inefável inundou o coração apaixonado daquele amante da Pobreza, pois se houvesse nele qualquer virtude a saudar, nenhuma outra melhor existiria. Tendo elas desaparecido subitamente, os companheiros de Francisco, ao considerar nas três senhoras semelhança tão admirável e a surpresa de tal aparição, a forma que usaram de saudação e o repentino desaparecimento delas, julgaram com toda razão que nisso tudo se ocultava algum segredo misterioso relacionado com o santo fundador. De fato, essas três senhoras pobres com traços tão semelhantes, saudação tão estranha e desaparecimento tão inesperado, podem perfeitamente simbolizar a perfeição evangélica, cuja tríplice beleza: pobreza, castidade e obediência, resplandecia igualmente no homem de Deus, que havia preferido orgulhar-se na pobreza. Tinha como um privilégio e ora a chamava sua mãe, ora sua esposa, ora sua senhora. Na pobreza buscava Francisco superar a todos os outros, ele que aprendera da própria pobreza a se considerar inferior a todos. Se lhe acontecia encontrar alguma pessoa mais pobre que ele, ao menos na aparência, logo se censurava e se empenhava a ser também como ela, como se tivesse medo de ser vencido pelo outro na amorosa porfia da pobreza. Certa ocasião, lhe sucedeu encontrar um pobre. Vendo-lhe a nudez, compadeceu-se profundamente dele, e voltando-se ao companheiro, com voz lastimosa lhe disse: “Que vergonha deve causar-nos, irmãos, a nudez deste mendigo! Escolhemos a pobreza como nossa riqueza mais estimada, e eis que neste homem ela resplandece muito mais do que em nós”.

7. Por amor da santa pobreza, o servo de Deus onipotente preferia alimentar-se das esmolas coletadas de porta em porta àquelas que lhes eram oferecidas espontaneamente. Sendo convidado alguma vez por grandes personagens e não podendo eximir-se da honra de assentar-se às mesas suntuosas, ia primeiro mendigando pelas casas mais próximas alguns pedaços de pão, e, enriquecido depois com essa esmola, não rejeitava o convite. Foi o que fez certa vez ao ser convidado pelo cardeal de Óstia, extraordinariamente afeiçoado ao pobre de Cristo. Queixou-se o cardeal julgando ser pouco honroso para ele que, devendo comer em sua casa, tivesse pedido esmola. Francisco lhe respondeu: “Senhor, grande honra vos tributei, honrando ao outro Senhor mais excelente. Porque na verdade o Senhor se compraz na pobreza, e muito mais naquela que por amor de Cristo se converte em mendicância voluntária. Não quero trocar por essas vãs riquezas que vos foram concedidas aquela dignidade real que Cristo, que se fez pobre por nós, tomou para si, a fim de nos enriquecer com sua pobreza e tornar-nos, como verdadeiros pobres de espírito, herdeiros e reis do reino dos céus”.

8. Ao exortar os irmãos a pedir esmolas, Francisco costumava dizer-lhes: “Ide, porque nestes últimos dias os irmãos menores foram dados ao mundo como benefício, para que os eleitos os tratem de tal modo que mereçam ser louvados pelo supremo Juiz no dia do juízo e ouvir estas palavras: ‘Quando fizestes isso ao menor de meus irmãos, a mim o fizestes’” (Mt 25,40). Por isso julgava ele honroso pedir esmola com o título de irmãos menores, pois o próprio Senhor o usou nos Evangelhos, ao falar da recompensa reservada aos eleitos. Sempre que podia, ia pedir esmola nas principais festas do ano, lembrado das palavras do salmista: “O homem comeu o pão dos anjos” (Sl 77,25), pois para ele era realmente o pão dos anjos, esmolado de porta em porta pela santa Pobreza por amor de Deus, e concedido pelos benfeitores por amor de Deus sob a inspiração dos anjos bem-aventurados.

9. Certo dia de Páscoa, encontrando-se em um santuário ou eremitério, tão distanciado do contato dos homens que não podia facilmente mendigar seu alimento, lembrou-se daquele que no mesmo dia apareceu em traje de peregrino aos discípulos no caminho de Emaús. Pediu esmola a seus irmãos, considerando-se a si mesmo como um pobre peregrino. E tendo-a recebido com humildade, instruiu-os nas divinas letras, exortando-os a que no deserto deste mundo se julgassem peregrinos e estrangeiros, isto é, como verdadeiros israelitas, e a que celebrassem continuamente em pobreza de espírito a Páscoa do Senhor, ou seja, o trânsito desta vida à vida eterna. Não era o desejo do ganho que o animava a pedir esmolas, mas a força do Espírito que o dominava; e por isso Deus, Pai dos pobres, sempre teve com ele um cuidado todo particular.

10. Certa ocasião, ele adoecera gravemente no pequeno convento de Nocera, e o povo de Assis, em sua veneração pelo santo, enviou-lhe uma escolta para reconduzi-lo a Assis. Sempre seguindo o servo de Cristo, chegaram a Satriano, pequena aldeia pobre; era hora da refeição; estavam com fome; percorreram a cidade em todas as direções: não havia meio algum de comprar o que quer que fosse, e voltaram de mãos vazias. Disse-lhes então o santo: “Se nada encontrastes, é porque tivestes mais confiança em vossas ‘moscas’ (chamava assim o dinheiro) do que em Deus. Voltai às casas aonde já fostes bater e pedi esmola por amor de Deus. E não creiais que isso seja um gesto vergonhoso ou humilhante - seria errado pensar assim - pois todas as coisas, desde o pecado, nos foram dadas a título de esmola, aos dignos e aos indignos, pela magnânima bondade de nosso Grande Esmoler”. Os soldados deixam de lado a vergonha e vão pedir esmola espontaneamente, recebendo por amor de Deus muito mais do que poderiam comprar com o dinheiro que possuíam; pois a graça de Deus agiu com tanta eficácia, que os pobres habitantes, comovidos profundamente, não só se contentaram em dar o que tinham como também se puseram generosamente a serviço deles. Foi assim que a pobreza, tesouro de Francisco, conseguiu aliviar a indigência que o ouro não

pudera.

11. No tempo que esteve doente num eremitério perto de Rieti, um médico o visitava com freqüência. Mas como o pobrezinho de Cristo não tivesse condições de recompensá-lo dignamente por seu trabalho, o próprio Deus em sua infinita liberalidade, para que o médico não ficasse sem a devida recompensa, remunerou, em nome do pobrezinho, os serviços dele com este singular benefício. Havia o médico construído por esse tempo e às próprias custas uma casa inteiramente nova, e logo se abriram em suas paredes, de alto a baixo, grandes fendas que ameaçavam fazer ruir a casa, não havendo recurso humano nenhum capaz de impedir o desabamento da casa. O médico, cheio de confiança nos méritos do santo, pediu a seus companheiros com grande fé e devoção que lhe dessem alguma coisa que houvesse sido tocada pelas mãos de Francisco. A força de repetidas instâncias conseguiu obter uma mecha dos cabelos do santo, a qual pela tarde introduziu cuidadosamente em uma das fendas da parede, e ao levantar-se no dia seguinte observou que a fenda se fechara tão perfeitamente que não pôde extrair as próprias relíquias colocadas no dia anterior nem encontrar vestígio algum das referidas fendas. Eis como aquele que com tanto zelo se devotara aos cuidados do pobre corpo em ruína do servo de Deus preservou da ruína a sua própria casa.

12. Certa ocasião, querendo o homem de Deus transferir-se a um eremitério para se dedicar mais livremente à contemplação, e como estava enfermo, pediu a um pobre que o transportasse em seu burro. No calor do verão, o homem seguia a pé o servo de Deus montanha acima. Cansado do percurso muito longo e difícil e forçado pela sede, a um certo ponto começou a gritar ao santo: “Morro de sede se não encontrar um pouco d’água imediatamente!” No mesmo instante, Francisco apeou do burro e prostrado de joelhos em terra, levantou as mãos ao céu, não deixando de rezar fervorosamente até conhecer que o Senhor ouvira sua oração. Concluída a oração, disse afavelmente ao homem: “Vai até aquela pedra, irmão, e ali encontrarás água fresca e abundante, que neste momento Cristo, em sua misericórdia, fez jorrar da pedra para ti”. Estupenda comiseração de Deus, que com tanta facilidade se inclina aos desejos de seus servos! O homem sedento pôde beber de uma água nascida da rocha pela virtude de um santo em oração e foi um rochedo bem duro que lhe forneceu com que matar a sede. Não existia nenhum fio d’água anteriormente nesse local. E por mais que se procurasse, não se encontrou resquício sequer de água naquele lugar.

13. Mais adiante, no devido lugar, contaremos como Cristo, pelos méritos de seu pobre, multiplicou os víveres em pleno mar. Agora recordemos apenas esta aventura. Com um pouco de alimento recebido como esmola, salvou durante vários dias da morte toda a tripulação que morria de fome. Não podemos deixar de ressaltar aqui que o servo do Deus onipotente, semelhante a Moisés, ao fazer jorrar água do rochedo, também se parece com Eliseu, ao multiplicar os víveres.

Lancem, pois, os pobres para longe de si qualquer desconfiança, porque se a pobreza de Francisco foi bastante rica para fornecer a seus benfeitores o que lhes faltava: alimento, bebida, moradia, quando o dinheiro, a técnica e a natureza pareciam impotentes, com tanto mais razão nos merecerá ela os bens que procedem da ordem habitual da divina Providência. Se a aridez da pedra, à voz de um pobre, produziu uma abundante bebida a um infeliz que morria de sede, nenhuma criatura com toda certeza negará os próprios serviços àqueles que abandonaram tudo para escolherem o Criador de todas as coisas.

## SEGUNDA PARTE

### CAPITULO 8

#### **Seu sentimento de compaixão e o amor que as criaturas lhe devotavam**

1. A verdadeira piedade, que, na palavra do Apóstolo, é útil a todas as coisas, encheu o coração de Francisco, compenetrando-o tão intimamente, que parecia dominar totalmente a personalidade do homem de Deus. Nasceram daí a devoção que o elevava até Deus, a compaixão que fazia dele um outro Cristo, a amabilidade que o inclinava para o próximo, e uma amizade com cada uma das criaturas, que lembra nosso estado de inocência primitiva. Mas, embora atraído espontaneamente por todas as criaturas, seu coração o levava especialmente às almas resgatadas pelo sangue precioso de Cristo Jesus, e quando nelas percebia qualquer mancha de pecado, chorava sua desgraça com uma sensibilidade tão patética que as gerava todo dia, como uma mãe, em Cristo. Entende-se a veneração que tinha pelos pregadores, ministros da palavra de Deus, porque eles suscitam para seu irmão morto, para Jesus Cristo crucificado pelos pecadores, filhos que seu zelo e

atividade convertem e dirigem. E dizia que esse ministério de misericórdia é muito mais agradável ao Pai de todas as misericórdias do que qualquer sacrifício, sobretudo se o faz em espírito de perfeita caridade, mais pelo exemplo do que pela palavra, mais pela oração e pelas lágrimas do que por discursos excessivos.

2. Por isso dizia que se deveria deplorar como destituído de verdadeira piedade todo pregador que na pregação procura mais a própria glória do que a salvação das almas ou que destrói com seu mau exemplo aquilo que ele edifica com a verdade de sua doutrina. Por isso afirmava que se deve preferir sempre um irmão simples e iletrado a semelhante pregador, pois aquele por sua simplicidade e santidade de vida move os outros a praticar o bem. E insistindo nesse ponto, recordava as palavras da Escritura: “A estéril deu à luz muitos filhos” (1Rs 2,5), e assim interpretava esse versículo: “A estéril é o irmão humilde e simples que não tem na Igreja de Deus o cargo de gerar filhos espirituais. Este dará à luz no dia do juízo muitos filhos, pois naquele dia o Juiz atribuirá à sua glória aqueles que ele agora converte com suas preces ocultas. Aquela que tem muitos filhos ficará estéril, porque o pregador vão e loquaz, que agora se gloria de haver gerado espiritualmente a muitos, saberá então que nenhuma parte teve em sua geração espiritual”.

3. Procurava a salvação das almas com todo o ardor e com todo o zelo e dizia-se inundado de suavíssimo consolo e de um gozo inefável ao saber que, atraídos pelo odor de santidade de seus irmãos espalhados pelo mundo, muitos homens abraçavam o caminho da virtude. Ao ouvir tais coisas, exultava de alegria, cumulava das bênçãos mais copiosas, dignas do maior apreço, a todos aqueles irmãos que com a palavra ou o exemplo convertiam a Cristo os pecadores. Pelo contrário, todos aqueles que com sua depravada vida manchavam a honra de sua religião sagrada incorriam no terrível anátema de sua maldição: “Por ti, altíssimo Senhor, e por toda a corte celestial, e por mim, pequenino servo vosso, sejam malditos aqueles que com seu mau exemplo confundem e destroem o que edificastes e nunca cessais de edificar pelos santos irmãos desta Ordem” 17. Enchia-se muitas vezes de tanta tristeza ao ver escandalizados os pequeninos, que julgava perder a vida, não fossem as forças que lhe dava a divina clemência. Certo dia, perturbado por causa dos maus exemplos, orava fervorosamente ao Pai das misericórdias em favor de seus filhos, e ouviu do Senhor estas palavras: “Por que te perturbas, vil homenzinho? Porventura o poder que te dei sobre minha Ordem te teria feito esquecer que sou eu o seu principal protetor? Se eu te escolhi a ti, homem simples, é para que tudo aquilo que realizarei em ti não seja atribuído ao trabalho do homem mas à graça do alto. Eu te chamei, te guardarei e alimentarei; se alguns irmãos caírem, levantarei outros em seu lugar, e, se preciso, farei nascer outros mais; e por maiores que sejam as perseguições suscitadas contra esta pobre religião, ela permanecerá sempre firme com meu auxílio”.

4. Fugia da maledicência como se fuge da picada de uma serpente ou de uma epidemia horrível, por ser mortal para a piedade e a graça, objeto de abominação de Deus infinitamente bom, dizia ele, porque o maledicente se alimenta do sangue das almas que ele matou com a espada de sua língua. Ouviu certo dia um irmão denegrindo o bom nome de um outro; voltou-se para o seu vigário e lhe disse: “Apressa-te, faze uma investigação minuciosa. E se verificares que o irmão acusado é inocente, impõe ao acusador um castigo exemplar!” Na sua opinião, aquele que havia despojado um irmão de sua reputação devia ser despojado do hábito com proibição de levantar os olhos para o céu, enquanto não houvesse procurado, segundo suas possibilidades, restituir aquilo que havia roubado. “E a maledicência é um pecado maior que um roubo, dizia ele, pois a lei de Cristo que cumprimos por amor nos obriga a desejar a salvação das almas mais do que a do corpo”.

5. Com grande ternura se compadecia Francisco de todos os que se encontravam aflitos por causa de alguma enfermidade corporal. E quando notava em alguém indigência ou necessidade, na suave piedade do coração, a considerava como sofrimento do próprio Cristo. A caridade de Cristo, infusa em sua alma, havia multiplicado a bondade inata. Seu coração se comovia de piedade à vista dos pobres e doentes. E quando não podia socorrê-los materialmente, procurava ao menos mostrar-lhes seu amor. Ouviu um dia um irmão maltratar um mendigo importuno; amante que era de todos os pobres, ordenou ao irmão: “Tira o hábito, lança-te aos pés deste pobre, reconhece publicamente tua falta, pede-lhe perdão e que reze por ti!” O outro obedeceu humildemente, e o Pai lhe disse com bondade: “Quando vês um pobre, irmão, é a imagem do Senhor e de sua pobre Mãe que tens diante dos olhos. De igual modo debes considerar nos enfermos as misérias a que Cristo quis se sujeitar por nosso amor”. Em todos os pobres ele, que era pobre e de espírito cristão, via a imagem de Cristo. Por isso, quando os encontrava, dava-lhes generosamente tudo quanto havia recebido de esmola, ainda que necessário para viver. Estava convencido de que devia restituir-lhes o que era deles. E voltando um dia de Sena, encontrou um pobre; ele mesmo, por causa de sua doença, levava além do hábito um pequeno manto. Viu a miséria do pobre e não se conteve: “É preciso, disse ele ao companheiro, que devolvamos a esse homem o manto que lhe pertence. Nós o recebemos emprestado até encontrar uma pessoa mais pobre que nós”. Mas o companheiro sabia os cuidados que exigia o estado do Pai e se opôs terminantemente a que socorresse o outro com prejuízo próprio. Mas ele disse: “Minha convicção é que o Grande Esmoler me repreenderia como um roubo não dar a alguém que fosse mais necessitado aquilo que eu levo”. Aliás, ao receber

qualquer coisa em vista de sua saúde, costumava pedir licença ao doador para dar de presente a oferta, caso encontrasse quem fosse mais pobre do que ele. Distribuía tudo o que recebia: mantos, túnicas, livros, toalhas de altar ou tapetes, tudo o que servisse de esmola aos pobres, para cumprir o dever da caridade. Muitas vezes ao se encontrar com pobres carregando pesadas cargas, punha-as sobre seus próprios ombros para auxiliá-los.

6. Acostumado a voltar continuamente à origem primeira de todas as coisas, concebeu por elas todas uma amizade extraordinária e chamava irmãos e irmãs as criaturas, mesmo as menores, pois sabia que elas e ele procediam do mesmo e único princípio. Contudo, tratava com muito maior ternura e mais suavemente as criaturas que representam de certo modo natural a piedosa mansidão de Cristo. As vezes resgatava cordeiros levados ao matadouro, em lembrança do Cordeiro mansíssimo que desejou ser levado à morte para resgatar os pecadores. Uma noite em que se hospedara no mosteiro de São Verecundo, na diocese de Gúbio, uma ovelha deu à luz um cordeiro. Mas uma porca impiedosa se encontrava no estábulo; sem comiseração pelo inocente, matou-o barbaramente e o devorou. Ao saber disso, o Pai compassivo, muito comovido e recordando-se do Cordeiro sem mancha, chorou diante de todos a morte do cordeirinho: “Ai de mim, irmão cordeirinho, animal inocente, que és para os homens a imagem da mansidão de Cristo! Maldita seja a ímpia que te causou a morte; que nenhum homem nem animal algum se alimente de suas carnes!” Coisa admirável! No mesmo instante começou a porca a ficar doente, e depois de haver sofrido durante três dias dores horríveis, pagou enfim com a morte aquela crueldade. Lançada para fora da cerca do mosteiro, esteve ali seca como uma tábua por muito tempo, de modo que não serviu de alimento para nenhum faminto. Considere aqui a impiedade humana com que castigo tão atroz será castigada no fim dos tempos, se com morte tão horrenda se castigou a ferocidade de um irracional; e advirta igualmente a piedade dos fiéis quão admirável foi no servo de Deus a virtude da misericórdia e a ternura para com todos, que mereceu de certo modo ser louvada pelos próprios animais.

7. Viajando certa vez pelos arredores de Sena, encontrou nos campos um grande rebanho de ovelhas. Mal as saudou, afavelmente, e todas pararam de pastar e correram para ele, levantando a cabeça e fixando-o com os olhos. Fez-lhes tanta festa, que os pastores e irmãos ficaram maravilhados de as ver tão contentes, desde os cordeiros até aos carneiros. Em Santa Maria da Porciúncula, certo dia ofereceram ao homem de Deus uma ovelha que ele de boa mente aceitou, tanto ele amava a inocência e simplicidade que esses animais manifestam espontaneamente. O santo lhe fazia suas recomendações: estar atenta aos louvores divinos, não causar dano aos irmãos por menor que fosse... E ela, sensível à afeição do homem de Deus, fazia o que podia para se conformar. Quando ouvia o canto dos irmãos no coro, também entrava na igreja, dobrava os joelhos sem que ninguém lhe tivesse ensinado e, como saudação, dava alguns vagidos diante do altar da Virgem, Mãe do Cordeiro. Além disso, quando na celebração da missa chegava o momento em que o sacerdote levantava o sacratíssimo corpo de Cristo, a ovelhinha dobrava os joelhos em atitude reverente como se desse modo quisesse censurar a irreverência dos maus cristãos e convidar aos devotos à maior veneração de tão grande sacramento. Por um certo tempo em que se encontrava na cidade de Roma, teve também sob sua guarda, em recordação do Cordeiro sem mancha, um cordeirinho, o qual entregou à nobre e devota matrona Jacoba de Settesoli. O cordeirinho, como se estivesse instruído pelo santo nas coisas espirituais, era um companheiro inseparável dessa senhora, seguia-a à igreja, aí ficava com ela e com ela voltava para casa. E se acaso a senhora não se mostrava tão diligente em levantar-se pela manhã, o cordeirinho acordava-a com seus balidos e golpeava-a com seus pequenos chifres, exortando-a com tais gestos a apressar-se a ir à igreja. Por esse motivo, aquela senhora guardava com admiração e amor o cordeirinho, discípulo de Francisco, que era então já mestre na vida devota.

8. Outra ocasião, em Greccio, ofereceram ao homem de Deus uma lebrezinha viva que, posta no chão e livre para fugir para onde quera, correu para o regaço do bondoso Pai quando este a chamou. Francisco acariciou-a com ternura e afeto, demonstrando-lhe um amor quase materno, depois admoestou-a gentilmente que não mais se deixasse apanhar e permitiu-lhe ir-se embora em liberdade. Em vão, porém, a colocaram em terra para que fugisse. Ela voltava ao Pai como se por um instinto secreto percebesse a piedade de seu coração. Por fim, por ordem do Pai, os irmãos a levaram a lugares mais distantes e mais seguros.

Fato semelhante ocorreu numa ilha do lago de Perusa. Havia capturado uma lebre e a ofereceram ao homem de Deus. Ela se refugiava com muita confiança nas mãos e no regaço amoroso do homem de Deus, embora fugisse de todas as outras pessoas.

Ao atravessar o lago de Rieti, a fim de alcançar o eremitério de Greccio, certo pescador, por devoção, lhe ofereceu uma ave aquática. Tomou-a ele nas mãos abertas e convidou-a a voar embora. Mas vendo o santo que ela não queria ir embora, levantando os olhos para o céu, ficou imerso em longa oração. Depois de muito tempo, voltando a si, como se fosse de um outro mundo, voltou a convidar o pássaro a voar embora e louvar o Senhor. E tendo recebido a permissão e a bênção,

expressando sua alegria com os movimentos do corpo, partiu. Ainda no mesmo lago, ofereceram-lhe um peixe magnífico e ainda vivo; chamou-o de “irmão”, como sempre fazia, e o colocou de volta na água perto do barco. Mas o peixe continuou a agitar-se alegremente na água diante do homem de Deus, como se estivesse sob o influxo de seu amor, e só se afastou do barco depois de receber a permissão e a bênção do santo.

9. Atravessando certo dia as lagunas de Veneza em companhia de um irmão, encontrou um grande bando de passarinhos nos salgueiros cantando animadamente. Diante desse espetáculo, disse a seu companheiro: “Nossos irmãos pássaros estão louvando o Criador; associemo-nos a eles para também nós cantarmos nossas horas canônicas e os louvores do Senhor!” Entraram para o meio dos pássaros e nenhum se espantou. Mas o gorjeio ensurdecedor impedia os irmãos de escutar um ao outro na recitação dos Salmos. Então o santo se voltou para eles e lhes disse: “Irmãos passarinhos, parai de cantar até que tenhamos prestado a Deus os louvores que lhe são devidos”. Eles se calaram imediatamente e ficaram assim até ao fim do ofício e das laudes que levam bastante tempo. Em seguida, o santo lhes permitiu cantar e eles reencetaram o gorjeio habitual.

Uma cigarra, em Santa Maria da Porciúncula, gostava de morar numa figueira perto da cela do homem de Deus e seu canto era um estímulo contínuo ao louvor de Deus, uma vez que ele havia aprendido a admirar a magnificência do Criador, mesmo nas coisas pequenas. Certo dia, o servo do Senhor chamou a cigarra que, instruída pelo céu, voou para sua mão, e disse-lhe Francisco: “Canta, irmã cigarra, louva com teu júbilo a Deus Criador”. E ela, obedecendo, começou logo a cantar e só parou para voltar à sua árvore, por ordem do Pai. Aí ficou durante oito dias: ia até ao santo, cantava e voltava, conforme lhe ordenava ele. Por fim o homem de Deus disse aos companheiros: “Vamos despedir nossa irmã cigarra: ela nos alegrou bastante com seu canto e nos incentivou durante oito dias a louvar a Deus”. Uma vez livre, ela partiu e não mais voltou, como se receasse desobedecer ainda que só levemente.

10. O santo estava doente em Sena, e um nobre lhe enviou um faisão vivo que ele acabava de capturar. Assim que a ave o viu e ouviu, de tal maneira se afeiçoou a ele, que não mais queria se separar dele. Por diversas vezes transportada para longe do convento, numa vinha, para que fosse embora se assim desejasse, voltava de novo em rápido vôo ao Pai como se houvesse sido sempre alimentada por sua mão. Entregue mais tarde a um homem que vinha frequentemente visitar o santo por devoção, mas entristecida de ficar assim distante do Pai amoroso, não quis se alimentar. Devolvida ao servo de Deus, ao vê-lo começou a se agitar alegremente e comeu então com avidez. Acabava o santo de voltar à ermida do Alverne certo dia para jejuar uma quaresma em honra de São Miguel Arcanjo, quando passarinhos de toda espécie vieram voar em volta de sua cela, como para lhe mostrar por seus pios e revoadas a alegria por sua vinda, seduzi-lo e forçá-lo a permanecer. Ao ver tudo isso, disse ao companheiro: “Estou notando, irmão, que é vontade de Deus permanecermos aqui por um momento, enquanto nossos irmãos passarinhos parecem encantados com nossa chegada”.

Durante essa estadia aí, um falcão que morava por aquelas partes fez com ele um pacto de amizade: à noite, chegando a hora em que o santo tinha por hábito levantar-se para recitar o ofício divino, ele o antecipava sempre com seu canto. Isso era sumamente grato ao santo, pois a constante solicitude que o falcão tinha com ele fazia expulsar toda tentação de preguiça. Mas quando o servo de Deus piorava em suas enfermidades, o falcão se mostrava muito atento e condescendente, não o despertando a horas impróprias da noite. Pelo contrário, como estava instruído pelo próprio Deus, ao amanhecer, prorrompia em leves e suaves ruídos, à semelhança de quem toca um sino. A alegria de toda aquela variedade de aves bem como o canto do falcão eram seguramente o presságio divino da elevação que nesse lugar, pouco depois, a aparição do serafim devia conferir ao cantor e ao adorador de Deus arrebatado nas asas da contemplação.

11. Durante uma estadia no eremitério de Greccio, os habitantes da região sofriam sucessivos prejuízos: lobos ferozes, não contentes de arrebatar o gado, atacavam também os homens; o granizo todos os anos devastava as plantações e as vinhas. Vendo-os tão aflitos, o arauto do santo Evangelho disse-lhes um dia num sermão: “Para honra e louvor de Deus onipotente, prometo-vos que os males serão banidos para longe e que Deus, contemplando-vos com amor, vos enriquecerá de bens temporais se, dando crédito às minhas palavras, vos arrependerdes mediante prévia e sincera confissão de vossas culpas, produzindo frutos dignos de penitência’. Ao mesmo tempo, porém, vos anuncio que se, manifestando-vos ingratos aos benefícios que haveis recebido do céu, voltardes de novo ao ‘vômito da culpa’, se renovará a peste, serão muito maiores as penas que haveis de sofrer e a ira do Senhor vos castigará com rigor maior”. Ao ouvir essas terríveis advertências do zeloso pregador, os moradores de Greccio se entregaram imediatamente aos rigores de uma saudável penitência. Logo cessaram as calamidades, desapareceram os perigos e nem os lobos nem o granizo jamais voltaram a lhes causar algum mal; pelo contrário, se alguma vez o granizo destruíra os campos vizinhos, ao aproximar-se dos limites de Greccio, ou desaparecia por completo ou tomava outro rumo. Vê-se, pois, que o próprio granizo e os lobos observaram fielmente o pacto do servo de

Deus e não mais atentaram contra os bens e propriedades dos homens, convertidos realmente a Deus, ao menos enquanto, conforme as promessas feitas, não violaram os mandamentos do Senhor. Devemos, pois, ter em alta consideração a piedade do bem-aventurado Pai São Francisco, tão admirável e verdadeiramente celestial, que abrandou a ferocidade dos animais ferozes, domesticou os animais silvestres, ensinou aos mansos e reduziu à sua primitiva obediência a natureza animal que por causa do pecado se rebelara contra o homem. Esta é a verdadeira piedade que, tornando amigas todas as criaturas, “é útil para tudo, pois tem a seu favor as promessas da vida presente” (1Tm 4,8) e da futura.

## **CAPITULO 9**

### **Fervor de sua caridade e desejo do martírio**

1. Quem poderá exprimir a caridade ardente que abrasava o coração de Francisco, o amigo do Esposo? Parecia inteiramente devorado, como um carvão ardente, pelas chamas do amor de Deus. Logo que ouvia falar do amor do Senhor, ele se empolgava, ficava comovido e inflamado, como se a voz que ressoava externamente fosse um arco a fazer vibrar internamente as cordas de seu coração. Segundo ele, era uma prodigalidade digna de um príncipe uma tal compensação pelas esmolas recebidas e prova de loucura total preferir o dinheiro ao, amor de Deus, pois a inestimável moeda do amor divino é a única que nos permite resgatar o reino dos céus. Eis por que é necessário amar muito o amor daquele que muito nos amou. Impelido dessa forma por todas as coisas ao amor de Deus, ele se rejubilava em todas as obras saídas das mãos do Criador, e graças a esse espetáculo que constituía sua alegria, remontava até Aquele que é a causa e razão vivificante do universo. Numa coisa bela sabia contemplar o Belíssimo e, seguindo os traços impressos nas criaturas, por toda parte seguia o Dileto. De todas as coisas fazia uma escada para subir até Aquele que é todo encanto. Em cada uma das criaturas, como derivações, percebia ele, com extraordinária piedade, a fonte única da bondade de Deus e, como a harmonia preestabelecida por Deus entre as propriedades naturais dos corpos e suas interações lhe parecia uma música celestial, exortava todas as criaturas, como o profeta Davi, ao louvor do Senhor.

2. A recordação de Jesus crucificado permanecia constantemente em sua alma, como a bolsa de mirra sobre o coração da esposa do Cântico dos Cânticos, e na veemência de seu amor extático ele desejava ser inteiramente transformado nesse Cristo Crucificado. Uma de suas devoções particulares era, durante os quarenta dias que seguem a Epifania, que é o tempo do retiro de Cristo no deserto, procurar a solidão e, oculto em sua cela, dedicar-se ininterruptamente, observando um jejum rigorosíssimo, à oração e ao louvor a Deus. Nutria por Cristo um amor tão ardente, e seu Bem-Amado correspondia-lhe com uma afeição tão familiar, que o servo de Deus julgava ter diante dos olhos a presença quase contínua do Salvador; ele mesmo por diversas vezes o disse confidencialmente a seus irmãos. O sacramento do Corpo do Senhor o inflamava de amor até ao fundo do coração: admirava, espantado, misericórdia tão amável e amor tão misericordioso. Comungava muitas vezes e com tanta devoção, que comunicava aos outros sua devoção quando, todo inebriado do Espírito e inteiramente absorto em saborear o Cordeiro imaculado, era arrebatado em freqüentes êxtases.

3. Seu amor à Mãe do Senhor Jesus era realmente indizível, pois nascia em seu coração ao considerar que ela havia convertido em irmão nosso ao próprio Rei e Senhor da glória e que por ela havíamos merecido alcançar a divina misericórdia. Em Maria, depois de Cristo, depositava toda a sua confiança; por isso a constituiu advogada sua e de seus irmãos, e em sua honra jejuava devotamente desde a festa dos apóstolos São Pedro e São Paulo até o dia da Assunção. Um vínculo de amor indissolúvel unia-o aos anjos cujo maravilhoso ardor o punha em êxtase diante de Deus e inflamava as almas dos eleitos; por devoção aos anjos, celebrava uma quaresma de jejuns e orações durante os quarenta dias que seguem a Assunção da Santíssima Virgem Maria. São Miguel sobretudo, a quem cabe o papel de introduzir as almas no Paraíso, era objeto de uma devoção especial em razão do desejo que tinha o santo de salvar a todos os homens.

Os santos e a memória deles eram para ele como carvões ardentes, que reavivavam nele o incêndio deificante. Venerava com devoção ferventíssima todos os apóstolos e especialmente Pedro e Paulo, por causa da ardente caridade que tinham a Cristo. Em honra deles e por amor deles oferecia ao Senhor o jejum de uma quaresma especial.

Nada mais possuía o pobre de Cristo a não ser duas pequenas moedas: seu corpo e sua alma, que ele podia distribuir com caridade liberal. Mas oferecia continuamente a Deus seu corpo e sua alma por amor a Cristo, pois quase a cada instante imolava o corpo com o rigor do jejum e a alma com a chama do desejo: holocausto, seu corpo, imolado fora, no átrio do templo; incenso, sua alma, exalado dentro do templo.

4. Sua devoção fervorosa e sua caridade ardente de tal maneira o elevavam às coisas divinas, que os efeitos daquelas virtudes se derramavam copiosamente nos outros homens que lhe eram iguais em natureza ou em graça. Os sentimentos



bem naturais de seu coração eram suficientes para torná-lo fraterno diante de toda criatura. Não admira que seu amor a Cristo o tenha transformado ainda mais em irmão daqueles que levam a imagem do Criador e são resgatados por seu sangue. Só se considerava amigo de Cristo empenhando-se pelas almas resgatadas por ele. E afirmava que nada se deveria preferir à salvação das almas, apresentando para isso como prova decisiva o fato de que o Unigênito de Deus dignara-se morrer por elas na árvore santa da cruz. É o que explica a veemência com que ele orava, a atividade extraordinária de suas viagens de pregação e seus excessos em se tratando de dar o exemplo. Quando lhe censuravam as austeridades exageradas, respondia que tinha sido dado aos outros como exemplo. Embora sua carne inocente, sujeita voluntariamente ao espírito, não merecesse castigo algum por suas faltas pessoais, contudo, a fim de dar o exemplo, impunha-lhe sempre novas penas e trabalhos, “caminhando pelos outros por duras sendas” (SL 16,4). “Pois, dizia, se eu falasse a língua dos anjos e dos homens e não tivesse em mim a caridade (1Cor 13,1-3) nem desse àqueles que estão à minha volta o exemplo da virtude, de nada me adiantaria, muito menos aos outros”.

5. No fervor de sua caridade sentiu-se inspirado a imitar o triunfo glorioso dos mártires nos quais o fogo da caridade não se extinguia nem se quebrantava a coragem. Inflamado por esse perfeito amor que “expulsa o temor” (1Jo 4,13), suspirava por se oferecer como hóstia viva a Deus imolada pela espada do martírio; dessa forma ele passaria a Cristo a morte que ele aceitara por nós e levaria os homens ao amor de Deus. No sexto ano depois de sua conversão, ardendo de desejo de martírio, resolveu ir à Síria pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis. Mas o navio que o conduzia foi arrastado pelos ventos contrários para as costas da Eslavônia. Aí ficou algum tempo sem encontrar navio com destino ao Oriente. Entendeu que lhe era recusado o que desejava. E como alguns marinheiros se aprestavam a ir a Ancona, pediu para embarcar por amor de Deus. Mas como não tivessem com que pagar, os marinheiros nem quiseram ouvi-lo e o homem de Deus, entregando-se inteiramente nas mãos de Deus, introduziu-se sub-repticiamente no navio com seu companheiro. Entretanto, um homem certamente enviado por Deus para socorrer o pobre Francisco chegou trazendo víveres, chamou um dos marujos, homem temente a Deus, e lhe disse: “Guarda com todo cuidado estas provisões para os pobres irmãos que estão escondidos no navio; tem a bondade de lhes entregar de minha parte quando tiverem necessidade”. Os ventos sopravam com tal violência que os dias passaram sem que fosse possível abicar em parte alguma; os marujos estavam no fim das provisões; sobravam apenas as esmolas graciosamente oferecidas pelo céu ao pobre Francisco. Eram muito modestas, mas o poder de Deus as multiplicou de tal forma e em tanta quantidade que, apesar do atraso ocasionado pela tempestade que continuava a castigar duramente, elas satisfizeram totalmente às necessidades de todos até Ancona. E os marujos, vendo afastado o perigo de morte de que os livrara o servo de Deus, deram graças ao Altíssimo onipotente, que sempre se mostra admirável e amável nos seus amigos e servos. E com muito acerto, pois haviam enfrentado de perto os tremendos perigos do mar e visto as admiráveis obras de Deus nas águas profundas.

6. Afastou-se do mar e começou a peregrinar pela terra espalhando a semente da salvação e colhendo uma messe abundante de bons frutos. Mas o fruto que mais o atraía era o martírio, o mérito de morrer por Cristo; desejava a morte por Cristo mais do que os méritos de uma vida virtuosa, e dirigiu-se a Marrocos para anunciar o Evangelho de Cristo ao Miramolim e seu povo e tentar assim conquistar a suspirada palma do martírio. O desejo que o levava a tais gestos era tão poderoso que, apesar de sua saúde precária, ia sempre à frente de seu companheiro de caminhada e, na pressa de realizar seu plano, parecia voar, inebriado do Espírito Santo. Havia já chegado à Espanha, mas Deus, que o queria para outras missões, dispusera de modo diferente os acontecimentos: uma doença bastante grave o prostrou, impedindo-o de realizar seu desejo. Não obstante a certeza do Lucro que a morte representava para ele, o homem de Deus compreendeu ser necessário viver ainda pela família que gerara. Por isso voltou para cuidar das ovelhas entregues à sua guarda.

7. Mas o ardor de sua caridade o impelia ao martírio. Pela terceira vez tentou ele partir aos países infiéis para difundir com o derramamento de seu sangue a fé na Trindade. Aos treze anos de sua conversão, foi às regiões da Síria, enfrentando corajosamente muitos perigos a fim de comparecer diante do Sultão da Babilônia, pessoalmente. Uma guerra implacável castigava cristãos e sarracenos. Os dois exércitos encontravam-se acampados muito próximos, separados apenas por uma estreita faixa de terra, que ninguém podia atravessar sem perigo de morte. O Sultão havia publicado um edito cruel: todos que lhe trouxessem a cabeça de um cristão receberiam uma grande quantidade de ouro. Mas o intrépido soldado de Cristo Francisco, julgando chegada a ocasião de realizar seus anseios, resolveu apresentar-se diante do Sultão, sem temer a morte, mas antes desejoso de enfrentá-la. Confortado pelo Senhor, depois de fervorosa oração, repetia com o profeta: “Ainda que ande em meio às trevas da morte, não temerei mal algum, porque estás comigo” (SI 22,4).

8. Tomou, pois, consigo um companheiro chamado Iluminado, homem de inteligência e coragem 22. E havendo começado a caminhar, saíram-lhes ao encontro duas mansas ovelhinhas, à vista das quais, cheio de alegria, disse a seu companheiro: “Confiemos no Senhor, irmão, porque em nós se realizam hoje as palavras do Evangelho: ‘Eis que vos envio como ovelhas

entre lobos” (Mt 10,16). E tendo-se adiantado, encontraram as sentinelas sarracenas que, quais lobos vorazes contra ovelhas, capturaram os servos de Deus e, ameaçando-os de morte, maltrataram-nos com crueldade e desprezo, os cobriram de injúrias e violências e os algemaram. Por fim, depois, de havê-los afligido e atormentado de mil maneiras, a divina Providência fez com que os levassem à presença do Sultão, realizando-se desse modo as fervorosas aspirações de Francisco. Colocados em sua presença, perguntou-lhes aquele bárbaro príncipe quem os havia enviado, a que vinham e como tinham conseguido chegar a seu acampamento. Ao que respondeu o servo de Deus com intrepidez que sua missão não procedia de nenhum homem, mas de Deus altíssimo que o enviava para ensinar a ele e a todo o seu povo os caminhos da salvação e para pregar-lhes as verdades de vida contidas no Evangelho. Com tanta constância e clareza em sua mente, com tanta virtude na expressão e com tão inflamado zelo pregou ao Sultão a existência de um só Deus em três pessoas e a de um Jesus Cristo, Salvador de todos os homens, que claramente se viu realizar-se em Francisco as palavras do Evangelho: “Porei em vossos lábios palavras tão cheias de sabedoria, que a elas não poderá resistir nenhum de vossos adversários” (Lc 21,15). Admirado o Sultão ao ver o espírito e o fervor do seráfico Pai, não apenas o ouvia com grande satisfação, mas até insistiu com repetidas súplicas que permanecesse algum tempo com ele. Mas o servo de Deus, iluminado pela força do alto, logo lhe respondeu dizendo: “Se me prometeres que tu e os teus vos convertereis a Cristo, permanecerei de muito bom grado entre vós. Mas se duvidas em abandonar a lei impura de Maomé pela fé santíssima de Cristo, ordena imediatamente que se faça uma grande fogueira e teus sacerdotes e eu nos lançaremos ao fogo, a ver se deste modo compreendes a necessidade de abraçar a fé sagrada que te anuncio”. A essa proposta, replicou sem demora o Sultão: “Não creio que haja entre meus sacerdotes um só que, para defender sua doutrina, se atreva a lançar-se ao fogo nem esteja disposto a sofrer o menor tormento”. E sobrava-lhe razão para dizer isso, pois vira que um de seus falsos sacerdotes, ancião e protervo sequaz de sua lei, desaparecera, mal ouviu as primeiras palavras do santo. Este acrescentou, dirigindo-se ao Sultão: “Se em teu nome e em nome de teu povo me prometes abraçar a religião de Cristo, com a condição que eu saia ileso da fogueira, estou disposto a entrar eu sozinho nela. Se o fogo me consumir entre suas chamas, atribua-se isso a meus pecados; mas se, como espero, a virtude divina me conservar ileso, reconheceréis a ‘Cristo, virtude e sabedoria de Deus’ (cf. 1Cor 1,24) e único Salvador de todos os homens”. A essa proposta respondeu o Sultão que não podia aceitar esse contrato aleatório, pois temia uma sublevação popular. Mas ofereceu-lhe numerosos e ricos presentes que o homem de Deus desprezou como lama. Não era das riquezas do mundo que ele estava ávido, mas da salvação das almas. O Sultão ficou ainda mais admirado ao verificar um desprezo tão grande pelos bens deste mundo. Não obstante sua recusa ou talvez seu receio de passar à fé cristã, rogou ao servo de Deus que levasse todos aqueles presentes e os distribuisse aos cristãos pobres e às igrejas. Mas o santo que tinha horror de carregar dinheiro e não via na alma do Sultão raízes profundas da fé verdadeira, recusou-se terminantemente a aceitar sua oferta.

9. Vendo frustradas suas ânsias de martírio e conhecendo que nada adiantava seu empenho na conversão daquele povo, resolveu Francisco, por inspiração divina, voltar aos países cristãos. E assim, por disposição da bondade divina e pelos méritos e virtude do santo, sucedeu que o amigo de Cristo procurou com todas as suas energias morrer por ele, mas não conseguiu. Desse modo não perderia o mérito do desejado martírio e ainda gozaria de vida para ser mais adiante assinalado com um singular privilégio. Aconteceu assim para que aquele fogo primeiro ardesse em seu coração e mais tarde se manifestasse em sua carne. Ó varão verdadeiramente ditoso, cuja carne, embora não tenha sucumbido sob o ferro do tirano, teve, contudo, tão perfeita semelhança com o Cordeiro morto por nosso amor! Ó varão mil vezes feliz, cuja alma, “embora não haja sucumbido debaixo da espada do carrasco, nem por isso deixou de alcançar a palma do martírio!” (cf. *Breviário*, Ofício de S. Martinho de Tours, ant. das Vésperas).

## CAPÍTULO 10

### Zelo na oração e poder de sua prece

1. Francisco, servo de Cristo, tinha perfeita consciência que seu corpo (inacessível a qualquer paixão terrena em virtude de seu amor a Cristo) o forçava a caminhar como peregrino longe do Senhor (cf. 2Cor 5,6-8). Empenhava-se portanto por manter sempre ao menos seu espírito na presença do Senhor por uma oração ininterrupta, para não ficar sem o conforto do Bem-Amado. Pois para ele era um consolo na meditação orar e percorrer as mansões celestiais, já como cidadão dos anjos, para procurar aí, com todo o ardor de seu desejo, seu Bem-Amado do qual o separava unicamente a barreira da própria carne. A oração era também uma defesa ao se entregar à ação, pois persistindo nela, fugia de confiar em suas próprias capacidades, punha toda a sua confiança na bondade divina, lançando no Senhor os seus cuidados. Sobre todas as coisas, dizia, deve o irmão desejar a graça da oração e incitava os seus irmãos por todas as maneiras possíveis a praticá-la zelosamente, convencido de que ninguém progride no serviço de Deus sem ela. Quer andasse ou parasse, viajando ou residindo no convento, trabalhando ou repousando, entregava-se à oração, de modo que parecia ter consagrado a ela todo seu coração e todo seu corpo, toda sua atividade e todo seu tempo.

2. Compenetrado dessas verdades, jamais desprezava por negligência qualquer visita do Espírito; mas ao contrário, sempre que elas se apresentavam, seguia-as cuidadosamente e, enquanto duravam, procurava gozar da doçura que lhe comunicavam. Por isso, se estivesse caminhando e sentisse alguns movimentos do Espírito divino, parava um momento, deixando passar os companheiros, para gozar mais intensamente da nova inspiração e não receber em vão a graça celeste (cf. 2Cor 6,1). Sua contemplação o levava muitas vezes a tão alto nível que, arrebatado e fora de si, sentia o que um homem não pode sentir e ficava alheio ao que se passava à sua volta. Aconteceu em certa ocasião que ao passar por Borgo San Sepolcro, de população numerosa, ia montado num jumentinho por causa de sua enfermidade, e as multidões saíram ao seu encontro, atraídas a ele pela fama de suas virtudes. Detido por essas turbas, que o rodeavam e comprimiam de todos os lados, a tudo parecia insensível e como se seu corpo já estivesse inanimado. Bem mais tarde, passados já o burgo e os atropelos das multidões, pararam num albergue de leprosos. E ele, como se voltasse de algum rapto de espírito, perguntava com solicitude se chegariam logo ao dito burgo. Porque sua mente ocupada na contemplação das coisas celestes não se havia apercebido nem da variedade dos lugares e dos tempos, nem da multidão de pessoas que haviam saído a seu encontro. E sabe-se pelo testemunho de seus companheiros que isso acontecia com não pouca freqüência.

3. Francisco havia percebido na oração a presença do Espírito Santo, tanto mais propenso a derramar-se sobre os que o invocam quanto mais apartados os encontra do estrépito das coisas mundanas, Por isso, procurava lugares solitários, e durante a noite retirava-se aos bosques e igrejas abandonadas para, se entregar à oração, E aí na solidão, sustentou freqüentes lutas com os demônios, os quais, atacando-o de modo palpável, procuravam apartá-lo do exercício da oração. Mas ele, fortalecido com o auxílio do céu, quanto mais violentos os ataques do inimigo, tanto mais sólido parecia na virtude e mais fervoroso na oração, dizendo cheio de confiança a Cristo as palavras do salmista: “Defendei-me, Senhor, sob a sombra de vossas asas, da presença daqueles que me encheram de aflição” (Sl 16,8). E dirigindo-se depois aos demônios, dizia-lhes: “Espíritos malignos e perversos, atormentai-me quanto puderdes, pois nunca podereis mais do que aquilo que vos concede a mão do Senhor. De minha parte estou disposto a sofrer com sumo gozo quanto queira ele consentir-vos”. E não podendo os demônios suportar tão admirável constância, fugiam cobertos de confusão.

4. E o homem de Deus, estando só e em paz, fazia ecoar os bosques com seus gemidos, regava o chão com suas lágrimas, batia no peito e como se sentisse oculto, bem abrigado na câmara mais secreta do palácio, falava a seu Senhor, respondia a seu Juiz, suplicava ao Pai, entretinha-se com o Amigo. Aí também muitas vezes seus irmãos que o observavam piamente ouviram-no interceder com repetidas súplicas diante da divina clemência em favor dos pecadores e chorar em altas vozes como se estivesse presenciando a dolorosa paixão do Senhor. Uma noite também o viram na solidão orar com os braços estendidos em forma de cruz, estando seu corpo elevado da terra e envolto numa nuvem resplandecente, como se essa luz viesse a ser testemunha da admirável claridade de que gozava então Francisco em sua mente. Aí também, como atestam provas seguras, lhe eram revelados os mistérios ocultos da sabedoria divina que ele não divulgava externamente a não ser na medida em que era impelido a isso por amor a Cristo ou pelo bem que poderiam proporcionar aos outros. Dizia a respeito: “As vezes se perde um tesouro inestimável por uma vantagem medíocre, e é culpa nossa se Aquele que no-lo deu já não se mostra tão generoso”. Ao voltar de suas orações, que o transformavam quase num outro homem, punha toda atenção em comportar-se em conformidade com os demais, para não acontecer que o vento do aplauso lhe roubasse de sua alma os favores divinos que ele deixasse transparecer externamente. Ao ser surpreendido publicamente por uma visita do Senhor, ocultava-se de qualquer forma aos olhares das pessoas presentes a fim de nada desvendar dos favores do Esposo. Ao orar em companhia dos irmãos, evitava com sumo cuidado as exclamações, os gemidos, os suspiros e movimentos externos, já porque em tudo isso amava o segredo, já também porque, voltando a entrar prontamente em si mesmo, ficava absorto novamente em Deus. Costumava dizer aos da sua intimidade: “Quando um servo de Deus; entregue à oração, é visitado pelo Senhor, deve dizer-lhe: ‘Esta consolação, Senhor, a enviastes do céu a um pecador e indigno; eu a confio a vossos amorosos cuidados, pois do contrário me consideraria um ladrão de vossos divinos tesouros’. E ao terminar a oração, de tal modo se deve julgar pobre e pecador, como se nenhuma nova graça houvesse recebido”.

5. Estava o homem de Deus certa vez na Porciúncula rezando, quando o bispo de Assis chegou para lhe fazer a visita habitual. Logo que entrou no convento, dirigiu-se à cela em que o seráfico Pai estava orando; chamou à porta e, ansioso por entrar imediatamente, abusando um tanto de sua confiança, introduziu a cabeça para contemplar o santo em oração; mas de repente sentiu-se dominado de estranho temor, tremendo-lhe os membros, perdeu a fala e subitamente, por disposição divina, uma força estranha o tirou dali e o arrojou a uma grande distância. Amedrontado, correu o bispo depressa para junto dos irmãos, e logo que Deus lhe restituiu a fala, confessou ingenuamente sua falta.

O abade do mosteiro de São Justino, na diocese de Perusa, encontrou certo dia o servo de Deus e assim que o viu apeou do

cavalo para saudar o homem de Deus que ele venerava e conversar com ele acerca da salvação de sua alma. Após esse diálogo que lhe pareceu muito confortante, o abade se despediu pedindo-lhe humildemente que rezasse por ele. “De bom grado!”, disse Francisco. Não se encontrava ainda o abade muito longe, quando Francisco, o fiel, disse a seu companheiro: “Espera-me aqui um momento, irmão, pois quero cumprir o quanto antes a promessa que agora mesmo acabo de fazer”. Pôs-se a orar e no mesmo instante sentiu o abade em sua alma um ardor e uma suavidade desconhecidas até então, e caindo em êxtase ficou absorto totalmente em Deus. Assim ficou por breve espaço de tempo, e voltando a si, conheceu claramente quão eficaz era na presença de Deus a oração de Francisco. Com isso cresceu mais e mais no amor à Ordem e a muitos referiu esse fato, considerando-o um verdadeiro milagre.

6. Tinha o santo o hábito de oferecer a Deus o tributo das horas canônicas com temor e devoção. Embora sofresse dos olhos, do estômago, do baço e do fígado, não se permitia apoiar-se ao muro ou à parede ao recitar os Salmos, mas rezava as horas canônicas em posição ereta, sem capuz na cabeça, sem vagar com os olhos nem engolir as sílabas. Em viagem, à hora prevista, ele parava, e não havia temporal por mais torrencial que impedisse esse costume respeitoso. “Se damos repouso ao corpo, dizia ele, para que possa tomar um alimento que será pasto dos vermes juntamente com ele, com que paz e tranqüilidade não deve a alma tomar seu alimento de vida?” Julgava pecar gravemente se durante a oração, se deixasse levar por vãs imaginações, e quando lhe acontecia isso, não se contentava com acusar-se dessa falta no confessorário: queria também expiá-la o mais cedo possível. Esta resolução se transformara nele num reflexo habitual, de modo que esse tipo de moscas não vinha incomodá-lo, a não ser muito raramente. Ansioso por aproveitar os menores momentos de seu tempo, durante uma Quaresma confeccionou um pequeno vaso de madeira. E como um dia, ao rezar a Terça, o distraiu a idéia do vaso, cheio de fervor de espírito, queimou o vaso, dizendo: “sacrificá-lo-ei ao Senhor, já que impediu o sacrifício dos divinos louvores”. Com tão fervorosa atenção rezava os Salmos, que parecia ter a Deus presente; e quando neles ocorria o nome do Senhor, enchia-se de tanta doçura que parecia lambe os lábios. Querendo além disso que se honrasse com particular reverência o nome do Senhor, não apenas quando ocorria à mente, mas também quando se ouvia pronunciar ou se encontrava escrito, rogou encarecidamente aos irmãos que recolhessem com, o máximo cuidado e colocassem em lugar decente todos os papéis que encontrassem com o nome escrito do Senhor, para evitar que fosse profanado. Ao pronunciar ou ouvir alguém pronunciar o doce nome de Jesus, enchia-se internamente de um santo júbilo e externamente parecia completamente transformado, como se seu gosto experimentasse um sabor delicioso ou ressoasse em seus ouvidos um concerto celestial.

7. Três anos antes de sua morte, resolveu celebrar com a maior solenidade possível, perto de Greccio, a memória da Natividade do Menino Jesus, a fim de aumentar a devoção dos habitantes. Mas para que ninguém pudesse tachar esta festa de ridícula novidade, pediu e obteve do Sumo Pontífice licença para celebrá-la. Francisco mandou pois preparar um presépio e trazer muito feno, juntamente com um burrinho e um boi, dispondo tudo ordenadamente; reuniram-se os irmãos chamados dos diversos lugares; acorreu o povo, ressoaram vozes de júbilo por toda parte e a multidão de luzes e archotes resplandecentes juntamente com os cânticos sonoros que brotavam dos peitos simples e piedosos transformaram aquela noite num dia claro, esplêndido e festivo. E Francisco lá estava diante do rústico presépio em êxtase, banhado de lágrimas e cheio de gozo celestial. Principiou então a missa solene, na qual Francisco, que oficiava como diácono, cantou o Evangelho. Pregou em seguida ao povo e falou-lhe do nascimento do Rei pobre a quem ele chamava com ternura e amor de Menino de Belém. Havia entre os assistentes um soldado muito piedoso e leal que, movido por seu amor a Cristo, renunciou à milícia secular e se uniu estreitamente ao servo de Deus. Chamava-se João de Greccio, que afirmou ter visto no presépio, reclinado e dormindo, um menino extremamente lindo, ao qual tomou entre seus braços o bem-aventurado Francisco, como se quisesse despertá-lo suavemente do sono. Que esta visão do piedoso soldado é totalmente certa garante-o não só a santidade de quem a teve, como também sua veracidade e a evidenciam os milagres que a seguir se realizaram; pois o exemplo de Francisco, mesmo considerado do ponto de vista humano, tem poder para excitar a fé de Cristo nos corações mais frios. E aquele feno do presépio, cuidadosamente conservado, foi remédio eficaz para curar milagrosamente os animais enfermos e como antídoto contra outras muitas classes de peste. Deus glorificava em tudo o seu servo e provava pelos milagres evidentes o poder de suas preces e de sua santidade.

## **CAPITULO 11**

### **Conhecimento das Escrituras e espírito de profecia**

1. Pelo exercício contínuo da oração e pela prática das virtudes, havia o homem de Deus chegado a uma tal limpidez de alma que, sem haver adquirido pelo estudo o conhecimento dos santos livros, mas iluminado pelas luzes do alto, penetrava com espantosa acuidade ao mais profundo das Escrituras. Seu espírito, livre de toda mancha, penetrava os mais ocultos mistérios, e onde não podia chegar a ciência adquirida, penetrava o afeto do discípulo amante. Lia às vezes os livros santos,

e tudo o que sua inteligência captava sua memória retinha tenazmente, pois o ouvido atento de sua alma percebia o que o coração amante repassava sem descanso. Alguns irmãos um dia lhe pediram, para aqueles que haviam estudado, a permissão de se dedicarem aos estudos da Sagrada Escritura. Respondeu: “Permito, contanto que não se esqueçam de se dedicar também à oração, como Cristo, que, como se lê, mais rezou do que estudou, e contanto que não estudem unicamente para saber como falar, mas para pôr em prática primeiro aquilo que tiverem aprendido e, depois de terem posto em prática, para ensinar aos outros aquilo que eles devem fazer. Quero que meus irmãos sejam discípulos do Evangelho e que seus progressos no conhecimento da verdade sejam tais, que eles cresçam ao mesmo tempo na pureza da simplicidade. Dessa forma não hão de separar aquilo que o Mestre uniu com sua palavra bendita: a simplicidade da pomba e a prudência da serpente”.

2. Encontrando-se na cidade de Sena, perguntou-lhe certo religioso, doutor em teologia, acerca de algumas questões difíceis de compreender e lhe respondeu com tanta propriedade e descobriu tão claramente os mistérios da divina sabedoria 23, que aquele homem erudito muito se admirou e disse maravilhado aos circunstantes: “Na verdade, a teologia desse santo Pai, adquirida com as asas da pureza e da contemplação, é mais clara e penetrante que a vista da águia elevada sobre as nuvens; por outro lado, nossa ciência enfatuada se arrasta como um vil animal pela terra”. Efetivamente, embora leigo na arte da palavra, resolvia com muita ciência as dúvidas que lhe apresentavam e lançava luzes sobre os pontos obscuros. Não admira, pois, que o santo tenha recebido de Deus a inteligência das Escrituras: toda sua atividade, imitação perfeita de Cristo, era exclusivamente a prática da verdade contida nas Escrituras. E toda a sua vida interior era total hospitalidade ao Espírito, intérprete das Escrituras, docilidade a seus ensinamentos.

3. Também brilhava nele o espírito de profecia, de modo que previa claramente as coisas futuras, penetrava os mais íntimos segredos do coração, via as coisas ausentes como se acontecessem diante de si e não poucas vezes se fazia presente de modo maravilhoso aos que se achavam muito distantes do lugar em que ele se encontrava. Quando o exército cristão estava cercado Damietta, o homem de Deus já se achava munido não de armas mas da fé. Chegou o dia da batalha em que os cristãos haviam decidido atacar a cidade. Ao saber dessa resolução, ficou muito contrariado e disse ao companheiro: “O Senhor me mostrou que se os cristãos fizerem hoje o assalto à cidade, não se sairão bem; mas se eu disser tal coisa, hão de me considerar um louco, e se me calar, guardarei remorsos para sempre. Que te parece melhor?” Respondeu o companheiro: “Irmão, não te preocupes com o parecer dos homens; não é de hoje que te consideram um louco. Livra tua consciência desse encargo e tem mais temor de Deus do que dos homens”. A essas palavras o arauto de Cristo, cheio de coragem, enfrentou os cruzados e, preocupado com salvá-los do perigo, tentou impedir o ataque, anunciando a derrota. Os soldados desprezaram o vaticínio, endureceram o coração e não quiseram desistir da empresa. Avistaram-se os exércitos, travaram a batalha e as tropas cristãs se viram obrigadas a bater em vergonhosa retirada, sendo para elas a luta não um triunfo, mas uma derrota completa. Com tão tremenda desgraça ficou muito reduzido o exército cristão, pois entre mortos e prisioneiros ficaram fora de combate cerca de seis mil soldados. Uma lição ficou bem patente, clara e imperativa: a sabedoria de um pobre não se trata com desprezo, pois a alma do justo costuma dizer a verdade algumas vezes bem melhor do que sete sentinelas postos no alto como atalaias” (Eclo 37,18).

4. Em outra ocasião, após voltar dos países de além-mar, veio a Celano pregar e um cavaleiro que lhe tinha muita devoção convidou-o à sua mesa, com muita insistência. Aceitou o convite e toda a família ficou muito contente com a chegada de seus hóspedes, os pobres. Antes de sentar-se à mesa, o santo, como de costume, rezou e louvou a Deus, de pé, olhos voltados para o céu, mas quando terminou, chamou à parte aquele cavaleiro generoso e lhe disse: “Irmão hóspede, eis-me aqui vencido por teus rogos: entrei em tua casa para comer; agora, porém, escuta e põe logo em prática meus conselhos, porque não aqui mas em outro local muito em breve hás de comer. Faze portanto agora uma boa confissão de teus pecados, acompanhada de uma verdadeira dor de tuas culpas e não deixes de manifestar tudo o que for matéria do sacramento. Deves saber que o Senhor te recompensará hoje mesmo a devoção com que convidaste e recebeste a seus pobres”. O homem obedeceu imediatamente a estas palavras do santo, confessou todos os seus pecados ao irmão que o acompanhava e após “haver posto ordem em sua casa”, estava preparado da melhor forma possível a receber a morte. Enfim, sentaram-se todos à mesa e os convivas começaram a comer, quando, de repente, o cavaleiro morreu, levado por uma morte repentina, como havia predito o homem de Deus. Tão generosa hospitalidade lhe merecera a recompensa prometida pelo Verbo que é a Verdade: “Aquele que recebe um profeta receberá uma recompensa de profeta” (cf. Mt 10,41). A predição do santo lhe valeu a preparação para uma morte súbita 24, e fortalecido com as armas da penitência, conseguiu escapar à condenação eterna e entrar na pátria celeste.

5. No tempo em que o santo jazia doente em Rieti, trouxeram-lhe estendido sobre um leito um cônego de nome Gedeão, homem sensual e mundano, atingido de grave doença. O cônego pedia-lhe chorando, juntamente com os presentes, que o

abençoasse com o sinal-da-cruz. Mas o santo replicou: “Como poderei assinalar-te com a cruz, se até agora viveste segundo os instintos da carne, sem temer os juízos de Deus? Em vista das orações e devoção dos que intercedem por ti, marcar-te-ei com o sinal-da-cruz, em nome do Senhor. Mas sabe que te acontecerão coisas bem piores se voltares ao vômito depois de curado, pois os ingratos caem num estado pior que o primeiro!” Traçou o sinal-da-cruz sobre ele, e o homem que jazia paralisado levantou-se muito contente, prorrompendo em louvores ao Senhor, e exclamou como fora de si: “Já estou curado!” Ouviram-se então em seus ossos uns estalidos semelhantes aos que se percebem quando se partem com a mão gravetos secos. Mas por desgraça, não levou muito tempo, esqueceu-se de Deus e entregou-se de novo às desordens da sensualidade. Uma noite, havendo ceado na casa de um outro cônego, aí ficara para passar a noite, quando o telhado desabou. Todos escaparam à morte, menos o infeliz que ficou sob os escombros. Por um justo juízo de Deus, o último castigo desse homem foi pior que o primeiro, em razão de seu duplo pecado de ingratidão e de desprezo para com Deus. É preciso mostrar-se sempre reconhecido pelos benefícios recebidos. A recaída no vício é uma dupla ofensa.

Outra vez, uma mulher nobre e muito piedosa aproximou-se do santo, contou-lhe da dor que a oprimia e pediu-lhe o remédio acertado. Tinha um marido extremamente cruel que a privava de tudo quanto pertencia ao serviço de Deus; e entristecida por tal desgraça, pedia instantemente a Francisco que fizesse uma oração por ele para conseguir que Deus, com sua amorosa clemência, abrandasse seu coração endurecido. Ao ouvir essas queixas da mulher, disse-lhe o santo: “Vai em paz, filha, e fica certa de que muito em breve receberás de teu marido um grande consolo”. E logo acrescentou: “Dize a teu marido, da parte de Deus e de minha parte, que agora é tempo de misericórdia e de perdão, mas que depois virá o tempo da justiça rigorosa”. Recebida a bênção do santo, a mulher regressou à sua casa e, encontrando-se com seu marido, referiu-lhe o acontecido. De repente desceu o Espírito Santo sobre aquele homem e o transformou num homem novo, que com grande mansidão assim falou à mulher: “Amada esposa, entreguemo-nos desde agora ao serviço do Senhor e trabalhemos com empenho pela salvação de nossa alma”. Por sugestão de sua santa esposa, eles praticaram a castidade durante vários anos e no mesmo dia partiram para o Senhor. Que maravilha a virtude profética do santo: seu poder restituía a vida aos membros já secos e conseguia fazer chegar a piedade aos corações mais duros. Por outro lado, sua penetração estendia-se até aos acontecimentos do futuro e perscrutava o mistério das consciências, como um segundo Eliseu que herdara o duplo espírito do profeta Elias!

7. Em Sena, havia predito a um amigo seu algumas coisas que deveriam acontecer-lhe nos seus últimos dias. Então aquele douto religioso que, como recordamos acima, de tempos em tempos vinha discutir com ele sobre textos da Escritura, lhe perguntou se ele dissera realmente aquelas coisas que lhe haviam relatado. Francisco não se contentou com reconhecer que as dissera, mas insistiu e predisse a morte daquele que vinha se preocupar com a dos outros; enfim, para ter mais certeza de sensibilizar sua alma, revelou-lhe, por um outro milagre, uma inquietação que lhe roía a consciência, e ele não tivera coragem de confessá-la a ninguém. Deu-lhe a solução para o caso e conseguiu mediante seus conselhos lhe tirar aquele sofrimento da alma. Todas essas predições se realizaram, pois o religioso terminou seus dias exatamente como o servo de Cristo lhe havia anunciado.

8. Ao tempo que voltou de ultramar, tendo por companheiro a Frei Leonardo de Assis, aconteceu que Francisco, extenuado de cansaço, montou alguns instantes sobre um humilde jumentinho. Seguiu-o o companheiro, também exausto, e como era fraco de virtude, começou a dizer em seu íntimo: “Os pais dele e os meus não eram de igual condição, e no entanto ele anda agora a cavalo e eu, soldado, a pé, conduzo seu jumento”. Estando nessas reflexões, apeou o santo do animal imediatamente e lhe disse: “Tens razão, irmão, não fica bem que eu vá comodamente montado e tu andes a pé, pois no século foste muito mais nobre e poderoso do que eu”. O companheiro ficou atônito, e corrido de vergonha ao ver descobertos seus mais secretos pensamentos, prostrou-se banhado em lágrimas aos pés do seráfico Pai, a quem confessou sua culpa, pedindo humildemente o perdão.

9. Um irmão, muito devoto e admirador do servo de Deus, vivia remoendo em seu íntimo este pensamento: será digno da graça do céu aquele a quem o santo concede sua familiaridade e afeto; e ao contrário, aquele que o santo trata como um estranho se há de considerá-lo excluído do número dos eleitos. Atormentado com essa idéia perturbadora, suspirava para que o servo de Deus lhe concedesse sua familiaridade, mas a ninguém revelava o segredo de seu coração. O Pai piedoso, porém, chamou-o amavelmente e lhe disse: “Que não te perturbe nenhum pensamento, filho, pois te considero como o mais caro entre todos aqueles que me são particularmente caros e de boa mente te ofereço minha familiaridade e minha estima”. O irmão ficou maravilhado e mais devoto ainda se tornou desde então. Não só cresceu no amor ao santo, mas, por obra e graça do Espírito Santo, enriqueceu-se de dons sempre maiores.

Ao tempo em que no monte Alverne ficou recluso em sua cela, um de seus companheiros sentia um grande desejo: de ter

algumas palavras ao menos da Sagrada Escritura escritas de próprio punho do santo. Alimentava a convicção de que com esse recurso poderia eliminar ou ao menos suportar com menor sofrimento a grave tentação que o atormentava: tentação não dos sentidos, mas do espírito. Perseguido por esse pensamento, sentia-se oprimido em sua alma, pois, dominado pela vergonha, não ousava manifestar este seu desejo ao santo. Mas este, embora não lho tivesse revelado homem algum, soube do que se passava por revelação divina. Por essa razão mandou ao referido companheiro que lhe trouxesse papel e tinta e, conforme seus desejos, escreveu de sua própria mão no papel alguns louvores ao Senhor e ao final acrescentou sua bênção: “Toma para ti este escrito e guarda-o com cuidado até ao dia de tua morte”. Logo que recebeu aquele presente, a tentação desapareceu inteiramente. Ainda se conserva o documento, e os milagres que ele realizou testemunham em favor das virtudes de Francisco.

10. Havia num convento um irmão que - a julgar pelas aparências - era de uma santidade extraordinária. Levava uma vida exemplar, mas totalmente singular. Estava continuamente ocupado a rezar. Guardava um silêncio tão rigoroso, que chegava mesmo a se confessar não por palavras mas por sinais. Aconteceu que o santo Pai certo dia veio ao lugar onde se encontrava esse religioso para vê-lo e falar a respeito dele com os outros irmãos. Todos ponderavam e louvavam a grande virtude desse irmão. O santo, porém, lhes respondeu: “Não queirais, irmãos, elogiar nesse homem aquilo que não passa de ardis de Satanás! Sabei que na realidade tudo são tentação e embustes do demônio!” Os irmãos não queriam se convencer desse fato, pois lhes parecia impossível que a fraude pudesse disfarçar-se tão bem com as aparências, de santidade. Mas o referido irmão abandonou a Ordem pouco depois e todos viram a penetração do olhar profundo que assim havia descoberto o que se passava no fundo daquele coração. Houve igualmente muitos irmãos assim ditos de notável santidade cuja queda ele predisse e mais ainda de pecadores cuja conversão ele previu, demonstrando-se desse modo que havia chegado a contemplar já aqui o espelho da eterna Luz cujo brilho permitia aos olhos de sua alma enxergar como se estivessem presentes acontecimentos distantes no espaço e no tempo.

11. Em outra ocasião aconteceu que seu vigário celebrava o capítulo no momento em que ele se encontrava orando em sua cela, fazendo o ofício de intercessor e medianeiro entre Deus e seus irmãos. Havia um entre eles, que, coberto com a capa de injustas pretensões, queria subtrair-se ao rigor da disciplina regular. O santo chamou um de seus companheiros e lhe disse: “Irmão, vi o demônio montado sobre os ombros desse irmão desobediente e apertando-lhe fortemente o pescoço; cavalgado por um cavaleiro desses, ele sacode o freio da obediência e não obedece senão às rédeas de seus instintos. Mas eu roguei a Deus por ele e o demônio fugiu envergonhado. Vai, pois, dizer-lhe que submeta de novo o pescoço ao jugo da santa obediência”. Às palavras do mensageiro, o irmão se arrependeu imediatamente e atirou-se aos pés do vigário com toda humildade.

12. Dois irmãos vieram um dia de regiões muito distantes ao eremitério de Greccio, ansiosos por ver o homem de Deus e receber sua bênção, que há muito tempo desejavam. Mas ao chegarem, não encontraram o santo que já se havia retirado para a cela. Os dois irmãos, desolados, retomaram o caminho de volta. Mas eis que ao se afastarem, o santo, que não podia ter sabido da chegada nem da partida deles, saiu, contra seu costume, da cela, chamou-os afavelmente e, fazendo sobre eles o sinal-da-cruz, lhes concedeu em nome do Senhor a bênção tão desejada.

13. Chegaram um dia dois religiosos procedentes da Terra di Lavoro. O mais velho deles havia escandalizado várias vezes o companheiro, durante o caminho. Ao chegarem, o Pai perguntou ao mais jovem como se comportara o outro pelo caminho. Respondeu: “Certamente bastante bem”. A esta resposta, acrescentou Francisco: “Guarda-te, irmão, de mentir, mesmo sob a capa de humildade. Pois eu sei muito bem do que aconteceu. Espera um pouco e verás o resultado”. Ficou admirado sobremaneira o irmão ao ver como ele conhecia com tanta evidência as coisas ausentes. Pouco depois, o causador do escândalo, abandonando a Ordem, voltou ao século, sem pedir perdão ao seráfico Pai nem esperar dele a oportuna correção. Duas coisas ficaram demonstradas ao mesmo tempo com a ruína daquele homem: a equidade da justiça divina e a perspicácia surpreendente do espírito de profecia de nosso santo.

14. Vimos já nas páginas precedentes como ele apareceu milagrosamente a pessoas distantes. Aqui basta recordar como ele, estando ausente, surgiu diante dos irmãos, transfigurado, num carro de fogo, e como um crucificado aos capitulares de Arles. Devemos crer que tais fatos se deram por disposição divina, no sentido de que aquele seu maravilhoso aparecimento em vários locais com sua pessoa física indicava manifestamente como seu espírito vivia em perfeita comunhão com a Luz da eterna Sabedoria, a qual “é mais ágil que todas as coisas móveis, atravessa e penetra tudo, graças à sua pureza... Ela se derrama de geração em geração nas almas santas e forma os amigos e intérpretes de Deus” (Sb 7,24 e 27). De fato, o Mestre celestial costuma descobrir seus mais ocultos mistérios aos simples e pequeninos, como se viu em Davi, o mais ilustre dos profetas, depois em Pedro, o Príncipe dos Apóstolos, e mais tarde no Pobrezinho de Cristo, Francisco. Todos esses eram

simples, e não tinham erudição, mas pelas luzes do Espírito Santo chegaram a se tornar ilustres; pois o primeiro foi constituído pastor, encarregado de apascentar o povo de Israel resgatado do Egito; a Pedro, pescador, foi-lhe confiado o encargo de encher a rede misteriosa da Igreja com a multidão dos crentes; e a Francisco, simples comerciante, lhe inspirou o Senhor o desejo de vender e distribuir todas as coisas por Cristo, a fim de comprar a pérola preciosa de que fala o Evangelho.

## CAPITULO 12

### Eficácia de sua pregação e poder de curar

1. Fiel e verdadeiro servo de Cristo, querendo Francisco cumprir tudo com fidelidade e perfeição, esforçava-se por praticar sobretudo aquelas virtudes que conhecia serem mais gratas a Deus, como lhe ditara o Espírito Santo. E foi tal fidelidade que um dia o fez sofrer longamente por causa de uma dúvida angustiante. Ao voltar da oração, ele a expôs aos irmãos mais achegados, rogando-lhes que o auxiliassem a encontrar a solução:

“Meus irmãos, que me aconselhais, qual a vossa opinião: devo dedicar-me à oração ou caminhar de cidade em cidade para pregar? Pois sou um pobre homenzinho simples, sem eloqüência, mais dotado para a oração do que para a pregação. Na oração obtemos e acumulamos graças, ao passo que a pregação é, por assim dizer, uma distribuição dos bens recebidos do céu. Na oração purificamos todos os impulsos da alma e os centramos com maior firmeza n’Aquele que é o único e soberano Bem, enquanto: na pregação nosso espírito se cobre de poeira, como os pés, as distrações nos assaltam de toda parte e a disciplina se relaxa. Na oração falamos com Deus e o ouvimos, levando assim uma vida que se aproxima da dos anjos, ao passo que a pregação nos força a nos colocar continuamente ao nível dos homens e a viver com eles, pensar, ver, falar e escutar com eles... Mas, contra todas essas vantagens da oração, existe um argumento que, se nos colocarmos do ponto de vista de Deus, parecerá decisivo: o Filho único de Deus, Sabedoria suprema, deixou o seio do Pai pela salvação das almas, a fim de se dar ao mundo como exemplo, dirigir aos homens a Palavra que salva, dar-lhes seu sangue como resgate e libertação, como banho de purificação e como bebida que fortifica; nada reteve para si, mas nos deu tudo a fim de nos salvar. E como devemos imitar suas ações, tal como Moisés que confeccionou o candelabro de ouro segundo o modelo que Deus lhe mostrara sobre o monte, parece-me que o que mais agrada a Deus é que eu abandone a tranqüilidade de meu retiro para ir trabalhar e pregar”.

Durante vários dias continuou ele com seus irmãos a discussão sem chegar a formar uma convicção certa sobre a escolha que seria a mais agradável a Cristo. Ele mesmo, que recebia revelações maravilhosas em virtude de seu espírito de profecia, não conseguia esclarecer-se e resolver a questão: Deus permitia isso para evidenciar por um milagre o mérito de seu servo no momento de partir para a pregação e salvaguardar sua humildade.

2. Não se envergonhava de pedir conselhos aos seus inferiores nas coisas pequenas, ele que se julgava o menor de todos, embora houvesse aprendido do Mestre supremo grandiosas revelações. Por isso costumava ter sumo cuidado em indagar de que modo e de que forma poderia servir mais perfeitamente ao Senhor segundo seu beneplácito. Foi esta sua filosofia particular, foi esse seu mais ardente desejo enquanto viveu: consultar os sábios e os simples, os perfeitos e os imperfeitos, os grandes e os pequenos, de que maneira poderia chegar mais facilmente ao cume: da perfeição. E então chamou dois de seus irmãos e os enviou ao irmão Silvestre, aquele mesmo que em outro tempo vira sair da boca de Francisco uma cruz esplêndida, e então se encontrava entregue aos fervores da oração em um monte próximo à cidade de Assis, encarregando-o de consultar a Deus a fim de resolver aquela dúvida e pedindo-lhe que lhe comunicasse qual: a resposta do Senhor. Também pediu a Clara, virgem santa, encarregando-a de conferenciar sobre o assunto com alguma das mais puras e simples virgens que com ela estavam e acrescentando suas próprias orações às demais, para que procurasse verificar qual a vontade do Senhor. no assunto objeto da consulta. Houve uma unanimidade extraordinária: o sacerdote e a virgem, sob a inspiração do Espírito Santo, assim interpretaram a vontade de Deus: o arauto de Cristo deve ir pregar pelo mundo. Voltaram os irmãos, indicando qual a vontade de Deus, conforme tinham podido saber. Ele imediatamente se levantou, cingiu as vestes e, sem se deter um momento, se pôs a caminho. Ia com tanto fervor executar a vontade divina, corria tão velozmente, como se a mão do Senhor, descendo sobre ele, o houvesse cumulado de novas energias.

3. Aproximando-se de Bevagna, viu um pequeno bosque onde se haviam reunido passarinhos de toda espécie em grandes bandos. Correu imediatamente para lá e saudou-os como se fossem dotados de razão. Pararam todos para olhá-lo; os que estavam nas árvores se inclinavam e avançavam as cabeças, olhando de modo extraordinário. Adiantou-se para o meio deles, pediu-lhes mansamente que ouvissem a palavra de Deus e lhes disse: “Irmãos pássarinhos vós tendes muito motivo para bendizer vosso Deus e Criador que vos vestiu de tão ricas plumas e vos deu asas para voar; vos determinou para



morada a região pura dos ares e cuida de vós, sem que preciseis vos inquietar com nada”. Esse discurso provocou entre os passarinhos alegres manifestações: esticavam o pescoço, desdobravam as asas, abriam o bico e olhavam atentamente para Francisco. E o santo ia e vinha no meio deles, a alma delirando de fervor; roçava-lhes a túnica, nenhum porém se afastava. Por fim, traçou o sinal da cruz sobre eles, e os passarinhos, com sua permissão e sua bênção, voaram todos ao mesmo tempo. Os companheiros de missão olhavam aquele espetáculo. Ao voltar para junto deles, o homem simples e puro que era Francisco acusava-se de negligência por não haver até então pregado às aves.

4. Pregando em seguida nas vizinhanças, chegou a um lugar chamado Albino, onde, havendo congregado o povo e feito o devido silêncio, mal se ouvia sua voz na pregação por causa de um grande número de andorinhas que naquele mesmo lugar estavam construindo seus ninhos e faziam com seus pios um estrépito muito grande. E diante de todos, disse a elas: “Irmãs andorinhas, já é tempo que me deixeis falar, pois até agora haveis gritado bastante. Ouvi a palavra de Deus e guardai silêncio até que termine a pregação”. A esta ordem, e como se fossem capazes de conhecimento, silenciaram de repente as andorinhas, permanecendo no mesmo lugar até que o santo terminou seu sermão. Havendo presenciado essa maravilha, os ouvintes encheram-se de admiração e todos unânimes glorificavam ao Senhor. Divulgada a fama deste milagre por toda parte, muitas pessoas sentiram-se atraídas à veneração e devoção do santo.

5. Um estudante de Parma, excelente jovem, estudava com alguns companheiros, quando uma andorinha veio incomodá-los e importuná-los provocando grande ruído com seus pios. Disse ele a seus companheiros: “É uma das que perturbaram a pregação do homem de Deus Francisco até que ele lhes ordenou que calassem”. Voltou-se para a andorinha e lhe disse com plena segurança: “Ordeno-te, em nome do servo de Deus Francisco, que venhas aqui e fiques calada!” Em nome de Francisco, ela se calou imediatamente, como se tivesse ouvido a voz do santo homem, e veio se aconchegar na mão do estudante, que, estupefato, lhe devolveu a liberdade e não mais foi importunado por seus gritos.

6. Certa ocasião pregava o servo de Deus em Gaeta, à beira-mar, e as multidões, por devoção, acorriam a ele para tocá-lo. Mas o santo, que tinha horror desse tipo de sucesso tumultuoso, saltou sozinho dentro de uma barca que encontrou atracada. E como se fosse propulsionada por sua própria força, sem que aparecesse qualquer remador, foi ela entrando no mar para grande admiração de todos. Mas tendo-se afastado da praia, ficou imóvel entre as ondas todo o tempo que o santo esteve pregando às turbas que com religioso silêncio o ouviam da praia. Terminado o sermão, o povo, testemunha do milagre, recebeu a bênção e retirou-se para não mais importunar o santo, Então a barca por si mesma voltou à praia. Quem seria, pois, tão obstinado em sua impiedade para desprezar a pregação de Francisco cuja virtude admirável contribuía não só para que os seres irracionais ouvissem sua doutrina, mas também para que os corpos inanimados lhe servissem na pregação como se fossem racionais?

7. O Espírito do Senhor, que ungira a Francisco e o enviara, e o próprio Cristo, virtude e sabedoria do Pai, (1Cor 1,24), haviam derramado tão copiosamente seus dons sobre ele, que podia comunicar por sua palavra a doutrina autêntica de ambos e desenvolver seu poder em milagres estupendos. Sua palavra era um fogo ardente que penetrava até ao fundo dos corações e enchia de admiração a todos os ouvintes, pois não exibia as galas de uma eloqüência mundana, mas apenas espalhava o bom odor de verdades reveladas por Deus. Sucedeu certo dia, com efeito, que devendo pregar diante do próprio papa e dos cardeais, por encargo do bispo de Óstia, compôs um sermão, que aprendeu cuidadosamente de cor. Mas ao chegar o momento de se apresentar de pé diante da assembléia para pronunciar o discurso, esqueceu-o completamente e não pôde dizer uma palavra sequer do que escrevera. Confessou então o santo com a maior humildade o que lhe sucedia. Recolheu-se uns breves momentos para implorar as luzes do Espírito Santo e começou a expressar-se com tanta fluência, com raciocínios tão eficazes, que moveu à compunção as ilustres pessoas que o ouviam, mostrando-se bem às claras que não era ele, mas o Espírito Santo, quem falava por sua boca.

8. Aquilo que exigia dos outros por suas palavras já havia ele antes praticado por obras. Por isso não tinha medo de censores e pregava a verdade com suma coragem. Não costumava adular as culpas dos grandes, mas aplicava-lhes o ferro; nem dissimular a conduta dos pecadores, mas abatê-la com duras reprimendas. Com a mesma firmeza de espírito falava aos pequenos e aos grandes e tinha a mesma alegria de falar a poucos e a muitos. Pessoas de ambos os sexos e de todas as idades acorriam para ver e ouvir aquele homem novo que o céu deu ao mundo. Peregrinava pelas várias regiões, anunciando com fervor o Evangelho; e “o Senhor cooperava, confirmando a Palavra com os milagres que a acompanhavam” (Mc 16,20). De fato, em nome do Senhor, Francisco, pregador da verdade, expulsava os demônios, sarava os enfermos, e prodígio ainda maior, com a eficácia de sua palavra, enternecia e movia à penitência os obstinados e ao mesmo tempo devolvia a saúde aos corpos e aos corações. Provam-no alguns dos milagres realizados por ele, e que agora relataremos a título de exemplo.

9. Na cidade de Toscanella, foi ele acolhido devotamente como hóspede por um cavaleiro. Atendendo à sua grande insistência, tomou o santo pela mão o seu filho único, raquítico desde o nascimento, e imediatamente lho restituiu completamente são: aos olhos de todos enrijaram-se no mesmo instante os membros daquele corpinho e a criança se levantou sã e forte, “caminhando, saltando e louvando a Deus” (At 3,8).

Em Narni havia um paralítico inteiramente privado do uso dos membros. A pedido do bispo, fez Francisco sobre o doente um grande sinal-da-cruz, desde a cabeça até aos pés... O enfermo se levantou completamente curado.

Na diocese de Rieti, apresentou-se a ele uma mãe desolada: o filho tinha o ventre tão inchado por causa da hidropisia que, ao colocá-lo de pé, ele não conseguia ver os pés. Sofria assim desde os quatro anos de idade. O santo tocou-o e o inchaço desapareceu.

Em Orte, havia uma criança tão engelhada, que a cabeça tocava os pés e tinha também alguns ossos quebrados; os infelizes pais rogaram ao santo que a curasse, e este, com um sinal-da-cruz, restituiu-lhe imediatamente, com a saúde do corpo, a posição natural, sem nenhum vestígio de deformidade.

10. Na cidade de Gúbio, vivia uma mulher que tinha as mãos secas e contorcidas, nada podendo fazer com elas. Mas Francisco traçou sobre elas o sinal-da-cruz em nome do Senhor e elas, ficaram tão perfeitamente sãs, que ela de volta para casa pôde preparar sozinha, como outra sogra de São Pedro, sua própria comida e a dos pobres.

Em Bevagna, Francisco aplicou numa menina completamente cega por três vezes um pouco de saliva sobre os olhos em nome da Santíssima Trindade e a criança recuperou a visão tão desejada.

Em Narni, uma mulher, também cega, reviu a luz do dia, graças ao sinal-da-cruz que o santo traçou sobre ela.

Em Bolonha, uma criança tinha um dos olhos coberto por uma mancha e: não via absolutamente nada. Não havia remédio que a curasse. Mas depois que o servo de Deus lhe fez o sinal-da-cruz, desde a cabeça até aos pés, recuperou perfeitamente a vista. Em seguida entrou para a Ordem dos Frades Menores e dizia que via melhor com o olho curado do que com aquele que sempre estivera são.

Em San Gemini, o servo de Deus recebeu hospitalidade em casa de um homem piedoso, cuja mulher era atormentada pelo demônio. Depois de rezar, ordenou ao demônio, em virtude da obediência, que deixasse aquela mulher, e o pôs de tal modo em fuga, que ficou demonstrado claramente que a obstinação dos demônios não resiste à virtude da santa obediência.

Em Città di Castello, uma mulher estava possessa de um espírito mau e furioso. Apenas o santo ordenou ao demônio em nome da obediência, e este saiu, cheio de raiva, deixando livre o corpo e o espírito da mulher até então dominada por ele.

11. Um irmão encontrava-se atormentado por uma grave e estranha enfermidade. Na opinião de muitos, tratava-se de possessão diabólica e não de doença natural. Muitas vezes caía de cabeça no chão e se revirava espumando, enquanto os membros ora se contraíam, ora se dilatavam com violência, ora disformemente dobrados, ora retorcidos e por fim rígidos e duros como uma pedra. Em outras ocasiões assumia tal postura, que os pés se juntavam com a cabeça e nesta situação era alçado e lançado horrivelmente ao chão. Compadecido o servo de Deus com ver esse infeliz vítima de tão grave e irremediável enfermidade, e cheio de misericórdia com ele, fez que lhe dessem um pedacinho de pão do mesmo que ele estava comendo. Tanta foi a força daquele pão sobre o enfermo, que daí em diante nunca mais foi atormentado por essa enfermidade.

No condado de Arezzo, uma mulher sofria, havia muitos dias, de dores de parto e se encontrava às portas da morte. Nessa situação desesperadora, não tinha mais remédio senão recorrer a Deus. Em tal conjuntura, sucedeu que o servo de Cristo, montado num cavalo, por causa de sua enfermidade, chegou àquele lugar, coincidindo de passar exatamente pelo local onde se encontrava a doente. Ao verem os moradores daquele povoado o cavalo sobre o qual ia montado Francisco, apressaram-se a tirar-lhe o freio que aplicaram logo à enferma com êxito tão estupendo, que a mulher deu à luz imediatamente, sem nenhum perigo nem dor.

Em Città della Pieve, certo homem piedoso e temente a Deus possuía um cordão que o santo havia usado à cintura. Como

muitos homens e mulheres nessa cidade viviam sofrendo de diversas doenças, este homem ia visitá-los e dava-lhes a beber da água em que mergulhava o cingulo, e muitos assim ficaram curados.

Também os doentes que comiam do pão que o homem de Deus tocava ficavam logo curados por intervenção divina.

12. Tais milagres, e muitos outros ainda, davam à pregação de Francisco um efeito extraordinário, fazendo que as palavras do arauto de Deus fossem ouvidas como se pronunciadas por um anjo do céu. E assim era efetivamente, pois a prerrogativa de excelsas virtudes com que Deus o ornara, seu espírito de profecia, a eficácia de seus milagres, a ordem de pregar recebida do céu, a obediência que lhe prestavam os seres, irracionais, as transformações maravilhosas operadas por sua pregação apostólica, sua ciência não adquirida por estudos humanos mas infundida pelo Espírito Santo, a autorização para pregar que por revelação divina lhe concedeu o Romano Pontífice, além disso, a Regra por ele mesmo escrita, que define a forma da pregação, confirmada pelo mesmo Vigário de Cristo, e, por fim, as chagas do Rei celestial, impressas como sinal em seu corpo, são outros tantos testemunhos que provam a todos os séculos de modo indubitável que o arauto de Cristo, Francisco, foi respeitável por seu ofício, autorizado por sua doutrina, admirável por sua santidade e assim pregou o Evangelho de Cristo como um verdadeiro enviado de Deus.

### **CAPITULO 13** **Os sagrados estigmas**

1. O angélico Francisco não tinha por hábito descansar enquanto estivesse à procura do bem, mas, como os espíritos angélicos na escada de Jacó, ou subia até Deus ou descia até ao próximo. O tempo que lhe fora concedido para obter méritos aprendera, Francisco a dividi-lo prudentemente: uma parte destinava às fadigas apostólicas em benefício do próximo e outra à tranquilidade e aos êxtases da contemplação. Depois de trabalhar pela salvação dos outros, de modo variado segundo as exigências de tempo e lugar, afastava-se das multidões e de seu tumulto, procurava na solidão um lugar tranqüilo para pensar no Senhor em plena liberdade de espírito e sacudir a poeira que pudesse aderir à alma durante sua passagem entre os homens. Após múltiplos trabalhos, enfim, Francisco foi conduzido pela divina Providência, dois anos antes da morte, até o eremitério muito alto 30 chamado monte Alverne 31. Tinha começado, segundo seu costume, o jejum quaresmal em honra de São Miguel, quando começou a sentir-se inundado de extraordinária suavidade na contemplação, aceso da mais viva chama de desejos celestes, cumulado das mais copiosas graças do céu. Elevava-se àquelas alturas não como um importuno perscrutador da majestade excelsa, que deveria ser esmagado por sua glória (cf. Pr 25,27), mas como servo fiel e prudente que procurava indagar a vontade de seu Deus, à qual desejava conformar-se totalmente.

2. Por revelação divina, teve sua alma conhecimento de que, abrindo o livro dos santos Evangelhos, Jesus Cristo lhe manifestaria de que modo deveria agir para ser mais agradável a Deus em si e em todas as coisas. Com fervorosa oração, pois, se preveniu e depois mandou um de seus companheiros, homem devoto e de grande santidade, tomar o livro dos Evangelhos e abri-lo três vezes em honra da Santíssima Trindade. E como todas as vezes que se abriu o livro ocorreram as páginas em que se fala da paixão de Cristo, logo compreendeu Francisco que, da mesma forma como havia imitado a Cristo nos principais atos de sua vida, assim também devia conformar-se com ele nos sofrimentos e dores da paixão, antes de abandonar esta vida mortal. Não se intimidou. Muito pelo contrário, embora esgotado pelas austeridades e pela cruz do Senhor que ele levava até aí, sentiu-se animado de um novo vigor para submeter-se a esse martírio. O incêndio do amor triunfava em belas chamas de fogo: rios d'água não poderiam extinguir uma caridade tão intensa (cf. Ct 8;6-7).

3. Assim transportado em Deus pelo desejo de seráfico ardor e transformado, por compaixão, naquele que, em seu excesso de amor, quis ser crucificado, rezava um dia num lado do monte, estando próxima a festa da Exaltação da Santa Cruz; e eis que ele viu descer do alto do céu um serafim de seis asas brilhantes como fogo. Num rápido vôo chegou ele ao lugar onde estava o homem de Deus, e apareceu então um personagem entre as asas: era um homem crucificado, com as mãos e os pés estendidos e presos a uma cruz. Duas asas se erguiam por cima de sua cabeça, duas outras desdobradas para o vôo e as duas outras cobriam-lhe o corpo. Essa aparição fez Francisco mergulhar num profundo êxtase, enquanto em seu coração sentia um gozo extraordinário mesclado com certa dor. Porque, em primeiro lugar, via-se inundado de alegria com aquele admirável espetáculo, no qual se gloriava de contemplar a Cristo sob a forma de um serafim, mas ao mesmo tempo a vista da cruz atravessava sua alma com a espada de uma dor compassiva. Era grande, sua admiração diante de semelhante visão, pois não ignorava que os sofrimentos da paixão eram incompatíveis com a imortalidade dos espíritos celestes. Veio então a conhecer por revelação divina que essa visão lhe havia sido providencialmente apresentada para que, como amante de Cristo, compreendesse que devia transformar-se totalmente nele, não tanto pelo martírio corporal quanto pelas chamas de

amor de seu espírito. Ao desaparecer aquela visão, deixou no coração de Francisco um ardor admirável e imprimiu em seu corpo uma imagem não menos maravilhosa, pois no mesmo instante começaram a aparecer em suas mãos e pés os sinais dos cravos, iguais em tudo ao que antes havia visto na imagem do serafim crucificado.

E assim era na verdade, porque suas mãos e pés estavam atravessados no meio por grossos cravos, cuja cabeça aparecia na parte interior das mãos e superior dos pés, ficando as pontas aparecendo do outro lado. A cabeça dos cravos era redonda e negra; as pontas, bastante longas e afiadas e com evidentes sinais de haver sido retorcidas, resultando daí que os cravos sobressaíam do resto da carne. De igual modo, no lado direito do corpo do santo aparecia, como formada por uma lança, uma cicatriz vermelha, da qual brotava às vezes tanto sangue que chegava a umedecer a túnica e as roupas internas.

4. Era impossível esconder por muito tempo aos irmãos com quem vivia os estigmas impressos de modo tão visível; o servo de Cristo compreendia essa realidade, mas temia que se divulgasse desse modo o segredo do Senhor, e sua alma ficou numa angustiada incerteza, não sabendo se devia manifestar ou ocultar a visão que tivera. Chamou, então, a alguns de seus irmãos, e falando-lhes em termos gerais, propôs-lhes sua dúvida e pediu-lhes conselho. Um deles, chamado Iluminado, compreendendo que algo extraordinário Francisco teria visto, pois se notava nele certa admiração e confusão, disse-lhe: “Caríssimo irmão, deves saber que te são revelados algumas vezes certos segredos divinos não só para teu benefício como também para proveito dos outros. Deves temer, portanto, que, se ocultas as graças que recebeste para utilidade de teus semelhantes, sejas julgado digno de repreensão como defraudador dos talentos recebidos”. Ao ouvir essas palavras, ficou o santo comovido, pois costumava dizer: “Meu segredo é para mim!” Então julgou não sem temor que deveria referir detalhadamente a visão que tivera, acrescentando que aquele que lhe aparecera várias vezes lhe revelou algumas coisas que jamais daria a conhecer a mortal algum enquanto vivesse. Devemos, pois, supor que essas palavras do serafim em cruz são tão profundas e misteriosas que fazem parte daquelas de que o Apóstolo afirma: “Não é permitido aos homens repeti-las”.

5. Dessa forma o verdadeiro amor de Cristo transformara o amante na própria imagem do amado. Completaram-se então os quarenta dias que ele se propusera passar na solidão e chegou a solenidade do arcanjo São Miguel. Por isso Francisco desceu do monte trazendo em si a imagem do Crucificado, não porém esculpida em tábuas de pedra ou de madeira por mão de algum artífice, mas marcada em sua carne pelo dedo de Deus vivo. Sabendo que “é coisa boa esconder o segredo do rei” (Tb 12,7), ele, sabedor do real segredo, ocultava o mais possível aqueles sinais sagrados. Cabe, porém, a Deus revelar para a própria glória os prodígios que ele realiza e por isso o próprio Deus que imprimira aqueles sinais ocultamente, os tornou conhecidos através dos milagres, a fim de que a força oculta e maravilhosa daqueles estigmas se revelasse claramente pelos sinais.

6. Na província de Rieti, grassava uma epidemia gravíssima que exterminava os bois e ovelhas, sem possibilidade de remédio. Mas um homem temente a Deus certa noite teve uma visão, em que lhe exortavam a que se dirigisse às pressas ao eremitério dos irmãos, onde então morava o servo de Deus, pegasse a água com que Francisco se havia lavado e aspergisse com ela todos os animais. De manhã cedo foi aquele homem ao eremitério e às escondidas obteve dos irmãos a água, aspergiu com ela os animais doentes. Que maravilha!. Apenas a água chegava a tocá-los, estes, que pelo rigor da doença se achavam prostrados quase sem vida em terra, recobravam o antigo vigor, levantavam-se no mesmo instante e como se nenhum mal os afetasse, corriam rápidos a matar a fome nos campos. A força extraordinária daquela água que tocara as chagas de Francisco fez com que cessasse a praga e desaparecesse do gado a epidemia.

7. Nas terras em volta do monte Alverne, antes que o santo viesse morar aí temporariamente, as colheitas todos os anos eram destruídas por violentas tempestades de granizo, provocadas por uma nuvem que se elevava sobre o monte. Mas depois daquela grandiosa e santa aparição, para espanto dos moradores, não mais ocorreu chuva de granizo. Evidentemente o próprio aspecto do céu sereno refletia também a grandeza daquela visão e a virtude taumatúrgica dos estigmas, que Francisco aí recebera.

Sucedeu que, indo Francisco montado num jumentinho de propriedade de um homem pobre, por causa de sua fraqueza física e da aspereza do caminho, em tempo de inverno, teve que pernoitar sob um rochedo mais saliente para fugir de algum modo à inclemência da noite e da neve que caía, e em razão das quais não lhe fora possível chegar ao convento. O santo ouvia aquele homem queixar-se em voz baixa, movendo-se continuamente de um lado para outro tolhido de frio, desagasalhado e sem poder descansar um só momento, e, cheio de santa caridade, estendeu a mão ao pobre homem e tocou-o. Prodígio inaudito! Ao contato daquela mão, inflamada no fogo do amor divino, desapareceu completamente o frio daquele homem, que sentiu dentro e fora de si um calor tão intenso, como se viesse sobre ele a chama de um fogo ardente. Confortado, pois, no corpo e na alma, dormiu tão tranqüilamente até de manhã entre aqueles penhascos cobertos de neve,

como jamais conseguiria num leito macio conforme ele mesmo afirmou mais tarde.

São esses indícios certos que provam que os estigmas tiveram sua origem no poder daquele que, por intermédio dos serafins, purifica, ilumina e inflama, pois deram ao santo o poder de curar livrando da peste, de dar claridade ao céu e aos corpos calor. Outros prodígios realizados após sua morte e referidos mais adiante vêm reforçar esta convicção com toda evidência.

8. Os estigmas eram para ele o “tesouro descoberto num campo” (cf. Mt 13,44) e que ele tinha o sumo cuidado de ocultar. Mas não conseguiu escondê-los por muito tempo, apesar de trazer as mãos sempre cobertas e os pés continuamente calçados. De fato muitos irmãos os viram durante a vida do santo. E embora tais irmãos fossem dignos de toda fé por sua extraordinária santidade, assim mesmo, para se descartar qualquer dúvida, juraram sobre os santos Evangelhos, afirmando ser certo que os tinham visto. Viram-nos igualmente, por ocasião da íntima familiaridade que tinham com o santo, alguns cardeais, que deixaram, em prosa, hinos e antífonas em honra de Francisco, louvores às chagas do santo, dando fiel testemunho delas por escrito e pela palavra. O Sumo, Pontífice Alexandre IV, enfim, num sermão feito na presença de inúmeros irmãos e de mim mesmo, afirmou ter visto com seus próprios olhos os sagrados estigmas no tempo em que o santo ainda vivia. Após sua morte, mais de cinquenta irmãos puderam contemplá-los, como Clara, a virgem devotíssima, suas Irmãs e inúmeros fiéis, dentre os quais muitos os beijaram devotamente, como veremos mais adiante, e os tocaram com suas mãos a fim de se convencer da verdade 33.

A chaga do lado, porém, ocultava-a ele com tanto cuidado, que aqueles que a viram só o conseguiram furtivamente. Um dos irmãos que o servia habitualmente e com muita delicadeza, usando um piedoso stratagem, conseguiu que ele tirasse a túnica sob pretexto de a sacudir, o que lhe permitiu observar a chaga com atenção e rapidamente aplicar três dedos tomando assim a medida daquela ferida pela vista e pelo tato. Graças a um artifício semelhante, o irmão que era então seu vigário também conseguiu observá-la. Um irmão de uma simplicidade admirável lhe esfregava certo dia as espáduas doentes; sua mão por descuido atingiu-o no local da chaga, causando-lhe uma dor bastante forte. Por isso desde então usava, para proteger o ferimento, roupas íntimas que lhe chegavam até as axilas. Os irmãos encarregados de lavá-las e sacudir sua túnica periodicamente viam-nas manchadas de sangue. Por tais indícios lhes foi revelada a sagrada chaga que a seguir puderam contemplar às claras e venerar com todos os outros depois da morte de Francisco.

9. Empunha, portanto, valente soldado de Cristo, as armas desse chefe invencível, com as quais, fortalecido e assinalado, poderás vencer a todos os inimigos! Levanta o estandarte do Rei altíssimo, a cuja vista recuperem força e valor todos os esquadrões do exército celeste. Exibe diante do mundo o selo do Sumo Pontífice, Cristo, e assim tenham todos com razão por autênticas e irrefutáveis tuas ações e palavras. Pois, sem dúvida alguma, por causa das chagas de Cristo Jesus que levas em teu corpo, ninguém te seja molesto, mas todos os servos de Cristo estão obrigados a ter para contigo particular devoção. Por esses sinais indubitáveis, que não só receberam a comprovação necessária dos dois ou três testemunhos, mas que foram reconhecidos superabundantemente por um grande número de pessoas, se demonstra que os testemunhos de Deus tornaram-se tão dignos de crédito em ti e por ti, que aos incrédulos não há lugar para desculpas que justifiquem sua conduta, mas, ao contrário, se firma a fé dos crentes, aumentam os sólidos motivos de esperança e se acende mais e mais o fervor da caridade.

10. Tua primeira visão se realizou, anunciando que serias um dos chefes do exército de Cristo, munido pelo céu com as armas da cruz. A visão que tiveste de Jesus crucificado se realizou e foi aí que traspassou tua alma; e também se realizou aquela visão em que ouviste a voz que vinha da cruz como do trono e do altar onde Cristo residia, como nós cremos sem hesitar. Realizou-se a visão de Frei Silvestre: a cruz maravilhosa que saía de tua boca. Como também a de Frei Pacífico: as duas espadas cruzadas que traspassavam teu corpo; e a do angélico Frei Monaldo, que te viu elevado no ar, braços em cruz, durante o sermão de Santo Antônio sobre o título que encima a cruz: visões essas que não eram imaginações mas revelações do céu e às quais damos nossa fé mais irrestrita. Realizou-se enfim essa visão simultânea de um sublime serafim e de um humilde crucificado que, abrasando tua alma de amor e marcando teu corpo com estigmas, transformou-te no segundo anjo que sobe do Oriente e leva o sinal do Deus vivo (Ap 7,2); ela confirma as anteriores e delas recebe um testemunho acrescido. Sete vezes, portanto, a cruz de Cristo aparece a teus olhos ou é revelada em tua pessoa aos olhos de teus companheiros. As seis primeiras eram como degraus para chegares à sétima na qual enfim repousaste. Essa cruz de Cristo, efetivamente, te foi proposta no início de tua conversão e a aceitaste. Levaste-a continuamente em seguida durante tua vida de perfeição e deste dela um exemplo aos outros. E agora ela nos mostra com tal evidência tua chegada ao cume da perfeição do Evangelho, que nenhum homem verdadeiramente religioso poderá rejeitar, nenhum homem realmente fiel poderá atacar, nenhum homem efetivamente humilde poderá desprezar essa prova da sabedoria cristã escrita em tua carne. Ela é digna de nosso respeito e de nossa fé, pois é obra do próprio Deus.

## CAPITULO 14

### Sua admirável paciência e morte

1. Crucificado agora com Cristo em sua carne e em seu espírito, ardia Francisco como ele de um amor serafico por Deus e como ele tinha sede da salvação dos homens. Por isso fazia transportar seu corpo quase desfalecido, que já não podia caminhar por causa dos cravos que repontavam dos pés, pelas cidades e aldeias, convidando todos os homens a carregar a cruz de Cristo. E dizia a seus irmãos: “Meus irmãos, comecemos a servir ao Senhor, porque até agora pouco temos feito!” Sentia, além disso, um intenso desejo de voltar aos inícios de sua vida humilde para consagrar-se outra vez ao serviço dos leprosos e submeter seu corpo à servidão, extenuado já por tantos sofrimentos e trabalhos. Com a ajuda de Cristo, pretendia fazer coisas grandes, extraordinárias; e animado pela força de seu espírito, sem atender à debilidade de seus membros, esperava, em nova batalha, triunfar gloriosamente do inimigo; pois não há lugar para o temor e desídia onde o acicate do amor estimula a obras sempre maiores. Era tão grande em Francisco a submissão do corpo ao espírito e tão grande a prontidão de sua obediência que, havendo o espírito proposto elevar-se ao cume da mais alta santidade, o corpo não só não lhe opôs obstáculo algum, mas também em certo modo se adiantava a seus desejos.

2. Deus, porém, queria aumentar os méritos do santo. Estes, no entanto, só encontram sua perfeição consumada na paciência: Francisco foi atormentado por toda espécie de doenças tão penosas, que nenhum de seus membros escapou a dores violentas. Ficou em tal estado, por causa de dores tão repetidas, que, consumidas já suas carnes, restavam-lhe apenas a pele e os ossos. E embora fossem quase insuportáveis as dores do corpo, não lhes dava o nome de inimigas, mas o de irmãs. Certo dia em que se exacerbavam notavelmente seus padecimentos e compadecendo-se dele um irmão muito simples, lhe disse: “Pai, pede a Deus que te trate com alguma benignidade maior, pois parece que lhe agrada fazer-te sofrer com excessivo rigor”. Santamente irritado, ao ouvir essas palavras, Francisco exclamou com um profundo gemido: “Se eu não conhecesse, meu bom irmão, tua excessiva simplicidade, eu haveria de me separar de tua companhia, porque te atreveste a considerar como repreensíveis os altos juízos de Deus a meu respeito”. E embora extenuado pela enfermidade que se arrastava, atirou-se por terra, batendo com os ossos no chão, depois, beijando o solo, disse: “Eu vos dou graças, meu Senhor e meu Deus, por todas essas minhas dores e peço-vos que as multipliqueis, se for do agrado de vossa divina vontade; pois será para mim coisa extremamente agradável que, afligindo-me com dores, não tenhais compaixão de mim, já que encontro os mais inefáveis consolos em cumprir vossa santíssima vontade”. Os irmãos julgavam ver em Francisco um novo Jó cuja força de alma aumentava, à medida que cresciam os sofrimentos do corpo. Muito tempo antes ele conheceu a hora de sua morte. E quando ela se aproximou, ele anunciou aos irmãos que muito em breve sua alma deixaria o tabernáculo de seu corpo (cf. 2Pd 1,14), conforme o mesmo Cristo se dignara revelar-lhe.

3. Passados já dois anos dos estigmas sagrados, isto é, vinte anos após sua conversão, literalmente trabalhado sob os golpes redobrados, das angústias e enfermidades, como pedra destinada a entrar na construção da Jerusalém celeste, batido pelo martelo de múltiplas tribulações, devia ser elevado ao cume da perfeição. Pediu que o conduzissem a Santa Maria dos Anjos ou da Porciúncula, a fim de exalar o último suspiro da vida, ali mesmo, onde anos antes recebera tão abundantemente os dons do espírito. Tendo chegado aí, querendo mostrar pelo exemplo que nada tinha em comum com o mundo nesta enfermidade que deveria ser a derradeira, levado sempre pelo fervor, prostrou-se nu em terra nua para que nessa hora última, em que o inimigo desfecharia o assalto supremo, ele pudesse lutar nu contra um adversário nu. Estava aí, deitado sobre a terra, despojado de seu cilício, a mão esquerda sobre a chaga do lado direito para ocultá-la, fixando com os olhos o céu como gostava de fazer e suspirando com toda a alma à glória eterna... Disse aos irmãos: “Cumprí minha missão: que Cristo vos ensine a cumprir a vossa!?”

4. Choravam inconsoláveis os companheiros do santo, feridos pelo sentimento de uma terna compaixão, e um deles, a quem Francisco chamava de guardião, conhecendo por inspiração divina os desejos do moribundo, correu às pressas a buscar a túnica, o cordão e as outras roupas de baixo, e tudo isso ofereceu ao Pobrezinho de Cristo, dizendo-lhe ao mesmo tempo: “Entrego-te estas coisas porque és um verdadeiro pobre; recebe-as tu, obrigado pelo preceito da santa obediência”. Alegrou-se com isso o serafico Pai e seu coração se inundou de júbilo ao ver que até ao fim de sua vida havia guardado a fidelidade prometida à sua senhora, a santa Pobreza; e elevando as mãos ao céu, louvou a Cristo, conhecendo que, livre de tudo o que é terreno, corria desimpedido para ele. Tudo isso o fizera ele impelido pelo amor à pobreza, não querendo possuir nem um simples hábito para seu uso que não fosse recebido como esmola. Em tudo quis conformar-se com Cristo crucificado, que esteve pendente da cruz, pobre, cheio de dores e completamente nu. Francisco começou sua consagração total ao Senhor por um ato heróico, despojando-se de suas vestes em presença do bispo de Assis, e ao fim da vida, completamente nu quis sair deste mundo, ordenando por santa obediência aos irmãos que o assistiam que, quando o vissem morto, deixassem seu

cadáver inteiramente despido no chão por tanto tempo quanto fosse necessário a uma pessoa para percorrer o espaço de uma milha 34. Ó varão verdadeiramente cristão, que quiseste viver em tudo conforme com a vida de Cristo, morrer como ele morreu e como ele permanecer como cadáver abandonado depois de morto e que mereceste as honras da impressão em teu corpo dessa perfeita semelhança!

5. Chegada a hora, ele mandou chamar para perto de si todos os irmãos então presentes e, com algumas palavras de consolo para amenizar o pesar dos que ficavam, exortou-os de todo coração de pai a amar a Deus. Acrescentou algumas palavras sobre a paciência, a pobreza, a fidelidade à Igreja Romana, recomendando-lhes o santo Evangelho acima de qualquer Constituição. Enfim, estendeu as mãos sobre todos os irmãos que o cercavam, com os dois braços em cruz, como sempre apreciara esse gesto, e abençoou a todos seus irmãos, ausentes e presentes, em nome do Crucificado e por seu poder. Acrescentou: “Temei ao Senhor, meus filhos, e permanecer sempre unidos a ele. Virá a tentação, e a tribulação está perto, mas felizes aqueles que perseverarem até ao fim. De minha parte, volto para meu Deus e vos deixo confiados à sua graça”. Mandou trazer o livro dos Evangelhos e pediu que lessem a passagem de São João que assim começa: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai, havendo amado os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou...” (Jo 13,1). E reunindo suas pobres forças, começou a recitar o salmo que principia: “Lanço um grande brado ao Senhor, em alta voz imploro ao Senhor”, até as últimas palavras: “Os justos virão me rodear, quando me fizerdes este benefício” (Sl 141,1-8).

6. Cumpridos enfim todos os desígnios de Deus em Francisco, sua alma santíssima livrou-se da carne para ser absorvida no abismo da claridade de Deus, e dormiu tranquilamente no Senhor. Um de seus irmãos e discípulos viu sua alma subindo para o céu na forma de uma estrela esplêndida levada por uma branca nuvem por cima de imensa extensão de água, alma refulgente nos esplendores de sua sublime santidade e transbordante das riquezas da graça e da sabedoria do céu, que valeram ao santo penetrar na mansão de luz e de paz, onde ele goza agora do repouso eterno.

Na Terra di Lavoro, Frei Agostinho, homem de grande santidade, que então era ministro dos irmãos, encontrando-se próximo à morte e havendo perdido muito antes o uso da fala, recobrou-a subitamente e começou de repente a clamar: “Espera-me, Pai, espera-me um pouco; quero unir-me a ti!” Cheios de admiração, perguntaram-lhe os irmãos a quem dirigia estas palavras, e ele respondeu: “Então não vedes nosso Pai Francisco que parte para o céu?” No mesmo instante, sua alma santa, deixando a carne, partia ao encaço do Pai santíssimo.

O bispo de Assis encontrava-se então em peregrinação ao santuário de São Miguel no monte Gargano. Apareceu-lhe o bem-aventurado Francisco na mesma noite de sua morte e lhe disse: “Deixo o mundo e parto para o céu”. Ao levantar-se o bispo na manhã seguinte, referiu aos companheiros o que lhe havia acontecido em sonho, e ao regressar à sua cidade de Assis, feitas as verificações oportunas prévias, ficou sabendo com certeza que o santo tinha deixado o mundo no momento em que lhe veio pessoalmente anunciar a notícia. As cotovias, tão amantes da luz e tão inimigas das trevas noturnas, aproximaram-se em grande número, pondo-se no lugar em que o santo acabava de exalar o último suspiro, já quando a noite caía, e em alegres revoadas, pareciam querer dar um tes-temunho tão espontâneo quanto evidente da glória daquele que tantas vezes as havia convidado a cantar os louvores do Criador.

## **CAPITULO 15**

### **Sua canonização e trasladação de seus restos mortais**

1. Por uma ascensão contínua e com a ajuda da graça divina, chegara Francisco, amigo e servo do Altíssimo, às maiores culminâncias de sua existência: fundador e chefe da Ordem dos Frades Menores, propagador da pobreza, modelo de penitência, pregador da verdade, espelho de santidade e exemplo acabado da mais alta perfeição evangélica. O Senhor que havia dado uma glória magnífica ainda em vida a este homem admirável, riquíssimo na pobreza, sublime na humildade, portentoso na mortificação, prudente na simplicidade e extraordinário na honestidade de todo seu comportamento, tornou-o incomparavelmente mais resplandecente de glória depois de sua morte. Efetivamente, ao deixar este mundo aquele homem santo e ao entrar seu espírito seráfico na mansão ditosa da eternidade, para aí se inebriar suavemente na fonte inesgotável da vida, sua alma deixava neste mundo, impressas em seu corpo, provas evidentes da glória que o aguardava: a carne santíssima, que ele havia crucificado com todos os seus vícios, se havia transformado em nova criatura já nesta vida e oferecia a todos, por um privilégio singular, uma imagem da paixão de Cristo e uma prefiguração da ressurreição.

2. Nas mãos e pés do santo, podiam-se ver os cravos milagrosamente trabalhados em sua carne pelo poder de Deus e tão aderentes a ela que, quando se apertavam suavemente por um de seus lados, sobressaíam pelo lado oposto, como se fossem

feitos de uma só peça. Em seu lado também se viu uma chaga semelhante em tudo à do lado do Salvador, a qual não lhe foi feita nem causada por artifício humano, como símbolo daquela que no próprio Redentor foi causa da salvação e regeneração dos homens. Os cravos tinham cor negra, semelhante ao ferro; mas a chaga do lado parecia vermelha, formando, com a contração da carne, uma espécie de círculo. Dava a impressão de uma rosa belíssima. O restante do corpo, que, pelas enfermidades e por sua própria natureza, aparentava uma cor morena, apareceu iluminado de uma branca própria dos corpos glorificados.

3. Seus membros, flexíveis e brandos aos que os tocavam, pareciam ter encontrado a frescura da infância e não poucos viram nisso um sinal de sua inocência. Os cravos se destacavam em sua cor escura sobre aquela pele clara, ao passo que a chaga do lado, com sua cor vermelha, parecia rosa na primavera: compreendem-se pois a alegria e admiração de todos os que podiam contemplar esse espetáculo de beleza tão diversa e tão maravilhosa. Os irmãos lamentavam a perda de um Pai tão amável, mas não deixavam de se alegrar ao beijarem sobre ele as armas do, Grande Rei. Um milagre tão inaudito transformava o luto em júbilo. A inteligência humana por mais que investigasse, não chegava a compreender esses fatos, mas caía num profundo êxtase. Para as testemunhas, esse espetáculo estranho e notável era um convite a crer e a amar ainda mais, e para aqueles que recebiam a notícia representava um motivo de admiração e um apelo a vir contemplá-lo.

4. Logo que ficou público o passamento do bem-aventurado Pai e se divulgou a fama dos milagres que o acompanharam, o povo acorreu em grande número ao lugar onde jazia o santo, para contemplar com os próprios olhos aquele portento, dissipando-se assim toda dúvida da inteligência e transformando-se em gozo o pesar que a morte lhes havia causado. Muitos cidadãos de Assis puderam examinar com seus próprios olhos as sagradas chagas e nelas imprimir o ósculo de seu amor. Um desses cidadãos, cavaleiro instruído e prudente, chamado Jerônimo, homem muito famoso, duvidando da realidade das sagradas chagas e mostrando-se muito incrédulo, como Tomé, com maior resolução e atrevimento que os demais, começou a tocar, diante dos irmãos e de seus concidadãos, as mãos e os cravos do santo, e a tocar com suas próprias mãos os pés e a chaga do lado direito, como se quisesse com aquele toque nas verdadeiras marcas das chagas de Cristo arrancar de seu coração e de todos os presentes as raízes mais profundas de qualquer dúvida ou ansiedade. Esse homem tornou-se a seguir uma das testemunhas mais convictas de uma verdade que ele havia adquirido de modo tão irrefragável, dando testemunho da verdade e jurando sobre os santos Evangelhos.

5. Também os irmãos haviam sido chamados ao passamento do Pai: juntaram-se à multidão e na noite que seguiu à morte do bem-aventurado confessor de Cristo tantos louvores se deram a Deus, que parecia mais uma liturgia celebrada entre os anjos do que uma vigília funerária. De manhã cedo a multidão, munida de ramos e velas, trasladou o sagrado corpo à cidade de Assis, e ao passar em frente da igreja de São Damião, onde morava então, com outras irmãs, a gloriosa virgem Clara, que já goza triunfante no céu, pararam um pouco para proporcionar àquelas sagradas virgens oportunidade de ver e beijar o venerável corpo, adornado de preciosas e celestiais pérolas. Chegados, por fim, à cidade, depositaram, cheios de júbilo e com grande reverência, na igreja de São Jorge, o precioso tesouro que levavam. E isso fizeram em atenção ao fato de que, naquele mesmo lugar, Francisco havia aprendido, em criança, as primeiras letras; aí pregou depois pela primeira vez e aí por fim encontrou, depois de morto, o primeiro lugar de seu descanso.

6. Partiu deste mundo o seráfico Pai São Francisco no ano da encarnação do Senhor de 1226, ao anoitecer do sábado 3 de outubro, sendo sepultado no domingo seguinte. Logo começou o bem-aventurado Pai, já reinando na eterna glória, a resplandecer por seus muitos e estupendos milagres, fazendo o Senhor que a sublime santidade com que Francisco sobressaía no mundo, como exemplo de santos costumes e perfeita justiça, recebesse um testemunho irrecusável do céu com os prodígios que operava, quando já reinava com Cristo na pátria celeste. Logo se espalharam pelo mundo os milagres do santo; e os extraordinários benefícios que por sua intercessão se alcançavam acenderam em muitos o fogo do amor divino e os estimularam à devoção e ao culto do santo, a quem aclamavam com as palavras e as obras. Por outro lado, também não demoraram a chegar aos ouvidos do Papa Gregório IX as grandes maravilhas que Deus operava por intercessão do servo de Deus.

7. O pastor da Igreja que nenhuma dúvida tinha sobre sua admirável santidade, depois de todos os milagres a ele referidos desde a morte do santo e de todos aqueles prodígios de que fora testemunha durante a vida, tendo visto com seus olhos e tocado com suas mãos, por assim dizer, esses fatos, não duvidando da glória que o Senhor já lhe reservara no céu, decidiu, para pautar sua conduta com a de Cristo de quem ele era vigário, glorificá-lo também na terra propondo-o à veneração de todos. A fim de dar ao mundo inteiro plena certeza sobre a glorificação do santo, mandou examinar pelos cardeais menos favoráveis à causa todos os milagres relatados e atestados por testemunhas fidedignas: foram cuidadosamente verificados, reconhecido seu valor, e uma vez obtida a unanimidade de julgamento e aprovação entre todos os seus irmãos e de todos os



prelados presentes à Cúria, o papa decidiu canonizar Francisco. Foi pessoalmente a Assis no ano de 1228 da encarnação do Senhor e, no dia 16 de julho, que era um domingo, durante solenidades que seria por demais longo descrever aqui, inscreveu o bem-aventurado Pai no rol dos santos.

8. No ano do Senhor de 1230, dia 25 de maio, durante o capítulo geral reunido em Assis, os irmãos transportaram para a basílica construída em sua honra o corpo do santo consagrado ao Senhor. Durante a transladação desse tesouro sagrado marcado com o selo do Grande Rei, aquele cujas marcas ele trazia dignou-se, por seu intermédio, realizar numerosos milagres para que, ao odor suavíssimo que desprendia, fossem os fiéis atraídos a correr em seguimento de Cristo. Efetivamente, era muito justo que aquele a quem Deus havia trasladado, como em outro tempo a Enoque (cf. Gn 5,24), ao paraíso da mais sublime contemplação, por ter sido durante a vida tão fiel ao amado, e a quem havia arrebatado ao céu em um carro de fogo, por seu ardente zelo de caridade, como a outro Elias (cf. 4Rs 2,11), era muito justo que aqueles ossos benditos de Francisco, que haviam de germinar maravilhosamente, espalhassem agradabilíssimo perfume desde seu sepulcro, como flores de primavera plantadas nos jardins do céu.

9. Brilhara ele em vida por suas virtudes; e após sua morte resplandece de milagres, para a glória de Deus, em todos os cantos da terra. Cegos, surdos, mudos, coxos, hidrópicos, paralíticos, possessos e leprosos, náufragos e prisioneiros encontram, por seus méritos, um remédio para seus males. Não existe doença, perigo ou necessidade às quais ele não acuda com seu auxílio, para não falar dos defuntos que ele ressuscitou milagrosamente. Dessa forma, a glória concedida a um santo manifesta a grandeza e o poder do Altíssimo, a quem pertencem a honra e a glória por infinitos séculos dos séculos. Amém.

## **TERCEIRA PARTE**

### **ALGUNS MILAGRES REALIZADOS APÓS A MORTE DE SÃO FRANCISCO**

#### **O PODER DOS ESTIGMAS CAPÍTULO I**

1. Cabendo-me narrar, para honra e glória de Deus onipotente e do bem-aventurado Pai Francisco, alguns dos milagres aprovados, que sucederam após sua glorificação no céu, julguei necessário principiar com aquele que mais do que qualquer outro revela o poder da cruz de Cristo e renova a sua glória. Homem novo e celestial, brilhou Francisco com um milagre novo e estupendo, ao ser distinguido com um privilégio jamais concedido a criatura humana antes dele: a impressão dos sagrados estigmas que conformava seu corpo mortal ao do Crucificado. Tudo o que se possa dizer com a língua de um mortal a respeito desse prodígio estar sempre aquém daquilo que exige o mérito de seu louvor. Todo o esforço do santo, em público como em particular, era pensar na cruz do Senhor. E a fim de marcar exteriormente seu corpo com o sinal da cruz, que desde o principio de sua entrega total ao Senhor levava impressa no coração, quis encerrar-se na própria cruz, vestindo-se com o hábito de penitência feito em forma de cruz, para que, assim como em seu espírito ele se havia revestido interiormente de Cristo, assim também seu corpo se fortificasse com as armas da cruz, e para que o exército de Francisco iniciasse sob aquela gloriosa insígnia com que o invicto chefe Cristo havia triunfado sobre os poderes infernais. Com efeito, desde aquele primeiro instante em que o santo decidiu militar sob o estandarte do Crucificado, começaram a realizar-se nele os grandes mistérios da cruz, como claramente pode compreender todo aquele que considere com atenção toda a sua vida em que foi mudando completamente seus pensamentos, ações e afetos e, por impulso de seu amor ser fico, se transformou em imagem perfeita do Crucificado por força das repetidas aparições da cruz. A misericórdia divina condescendeu, pois, com seu servo Francisco, tal como faz com os demais que de fato o amam, e imprimiu no corpo do santo o sinal da cruz, para que aquele que havia sido prevenido com amor tão intenso ... cruz também se tornasse admirável pela honra maravilhosa que a própria cruz havia de proporcionar.

2. A fim de afastar qualquer sombra de dúvida e comprovar a autenticidade desse milagre estupendo e incontestado, aí estão não só os testemunhos absolutamente dignos de fé daqueles que viram e tocaram as chagas do santo, mas também as

admiráveis aparições e prodígios, ocorridos depois da sua morte. O Papa Gregório IX, de feliz memória, a quem o santo profetizara a eleição ... cátedra de São Pedro, nutria em seu coração, antes de canonizar ao porta-estandarte da cruz, algumas dúvidas a respeito da chaga do lado. Uma noite, porém, como ele mesmo referia entre lágrimas, apareceu-me em sonhos o bem-aventurado Francisco, mostrando na fisionomia certa amargura e repreendendo-o por causa da dúvida que alimentava em seu coração, levantou o braço direito, descobriu a chaga e pediu-lhe que chegasse com uma taça para nela receber o sangue que dela brotava. O papa aproximou da chaga a taça, a qual parecia encher-se até ...s bordas de sangue que corria em abundância. Desde então nutriu tal devoção a esse extraordinário milagre e sentiu tanto zelo por ele, que de nenhum modo podia consentir que alguém se atrevesse a impugnar com temerária ousadia aquelas chagas benditas sem repreendê-lo com grande severidade.

3. Certo Irmão, menor pela profissão, pregador por ofício e eminentíssimo pelas fomas das suas virtudes, acreditava firmemente na realidade dos estigmas. Mas procurando em si uma explicação para esse milagre segundo a lógica humana, sentiu nascer em si uns vislumbres de dúvida. Sentindo-se abatido por muitos dias com essa luta e incerteza por ter a sensualidade aumentado, apareceu-lhe em sonho o bem-aventurado Francisco com os pés enlameados, humilde e severo, paciente e irado. E disse-lhe: “Que incertezas São essas que te afligem e que dúvidas São estas que te molestam? Vê minhas mãos e meus pés”. Mas, embora visse as mãos chagadas, não podia ver as chagas dos pés por causa do lodo que as cobria. Então lhe disse o ser fido Pai: “Tira o lodo de meus pés e poderás contemplar a ferida produzida pelos cravos”. O Irmão tomou em suas mãos os pés e parecia-lhe que realmente estava separando deles a lama e que estava tocando com as próprias mãos os cravos. Logo que despertou daquele sonho, começou a chorar amargamente e purificou, não só com suas lágrimas copiosas mas também com a confissão pública de suas dúvidas, os primeiros afetos de sua alma, de certa forma prejudicados pelo lodo da incredulidade.

4. Havia na cidade de Roma uma senhora, nobre pela pureza de seus costumes e por suas raízes ancestrais. Ela escolhera São Francisco como seu advogado e tinha um quadro dele em seu quarto, onde orava a Deus em segredo. Certo dia ao orar, olhou ela com atenção a imagem do santo e não viu nenhum sinal dos estigmas. Ficou surpreendida e contrariada. Na verdade não havia motivo nenhum para ficar surpresa, pois o artista havia omitido as chagas. Por alguns dias esteve ela ponderando qual teria sido a razão daquela omissão. Um dia, porém, os estigmas apareceram de repente no quadro, tal como aparecem em outras pinturas do santo. Ficou atemorizada e imediatamente chamou a filha, que também era muito religiosa, e perguntou-lhe se os estigmas realmente estavam no quadro anteriormente. Ela respondeu que não e jurou que os estigmas tinham sido omitidos e que agora aí estavam. No entanto, muitas vezes acontece que o coração humano arma uma cilada para si mesmo, pondo em dúvida a verdade. E foi o que aconteceu a ela: começou com incertezas e vacilações, duvidando se a imagem já não estaria com as chagas desde o início. Mas o poder de Deus acrescentou mais um milagre, para que não ficasse desprezado o primeiro. De repente desapareceram aquelas chagas, ficando o quadro desprovido de tão singular privilégio, para que pelo prodígio seguinte ficasse o anterior perfeitamente confirmado.

5. Aconteceu também na cidade de Lérida, na Catalunha, que certo homem chamado João, muito devoto de São Francisco, andava por um caminho ao anoitecer, quando lhe saíram ao encontro uns homens com intenção de matá-lo, não precisamente a ele, que não tinha inimigos, mas a um outro que lhe era muito parecido e costumava andar em sua companhia. Aproximando-se um dos homens que estavam ocultos, pensando ser seu inimigo, causou-lhe tão graves ferimentos, que o deixou sem esperança alguma de recuperar a saúde, pois ao primeiro golpe que lhe deu, quase lhe cortou o braço ... altura do ombro, e o outro golpe lhe causou tão profunda ferida no peito, que o ar que por ali escapava bastou para apagar a luz de seis velas que ardiam juntas.

Os médicos estavam convencidos de que ele não poderia salvar-se porque, tendo gangrenado, a ferida exalava um mau cheiro tão intolerável, que a própria esposa mal agüentava. Nem havia remédio humano que pudesse aliviar-lhe a dor. Então recorreu a São Francisco pedindo sua intercessão tão fervorosamente quanto pôde. E mesmo quando atacado, recomendara-se a ele e ... Santíssima Virgem. Enquanto estava deitado sozinho em seu leito de dor, perfeitamente consciente e repetindo o nome de Francisco continuamente, entrou pela janela um homem vestido do hábito franciscano e se pôs a seu lado. Assim lhe pareceu. A visão lhe falou, chamando-o pelo nome: “Tiveste confiança em mim e por isso Deus te há de curar”. quando o homem lhe perguntou quem era ele, disse que era Francisco e logo se inclinou para ele e desatou-lhe as feridas. Em seguida, parecia untá-las com unguento. Logo que sentiu o suave contato daquelas mãos, que por virtude das chagas do Senhor tinham força para restituir a saúde, desapareceu a gangrena, sua carne ficou sã e cicatrizaram-se as feridas, voltando ao estado de perfeita saúde de que anteriormente gozava. Depois disso desapareceu São Francisco. Ao perceber que tinha sido curado, João chamou a esposa e prorrompeu alegre em louvores a Deus e a seu santo servo Francisco. Ela veio correndo e ao ver de pé seu marido, que supunha ter que enterrar no dia seguinte, ficou amedrontada, e com seus clamores

chamou a atenção de toda a vizinhança. Quando as pessoas da família chegaram, tentaram reconduzir João para a cama, pensando que estivesse louco, mas ele não quis ouvir a ninguém; procurando explicar-lhes que estava curado. Tão grande foi o pavor que os dominou, que ficaram como fora de si, parecendo-lhes estar vendo um fantasma, pois aquele a quem há pouco haviam contemplado cheio de chagas e mais ou menos já corrompido, apresentava-se a eles agora alegre e completamente restabelecido. “Não temais”, disse-lhes. “Não penseis que estais vendo fantasma. São Francisco acaba de sair daqui e foi ele quem curou todas as minhas chagas com o contato de suas santas mãos”. Divulgada a fama desse milagre, reuniu-se todo o povoado e, reconhecendo nesse estupendo prodígio a virtude das santas chagas de Francisco, ficaram todos cheios de admiração e alegria e com grandes manifestações aclamavam e bendiziam o porta-estandarte de Cristo.

Francisco levou os estigmas de Cristo, que por nós morreu em sua grande misericórdia e ressuscitou milagrosamente dos mortos e pelo poder de suas chagas curou o gênero humano que tinha sido ferido e estava semimorto. Era justo, portanto, que aquele que morrera para este mundo e vivia com Cristo curasse um homem ferido aparecendo-lhe milagrosamente e tocando-o com suas mãos.

6. Em Potenza, na Apúlia, havia um clérigo de nome Rogério, homem respeitável e cônego da igreja maior. Encontrando-se aflito por causa de uma enfermidade, e tendo certo dia entrado na igreja na qual existia um quadro do ser fido Pai, representado com as sagradas chagas, começou a duvidar daquele estupendo milagre, como de coisa praticamente impossível por seu caráter extraordinário, quando, de repente, ao discorrer em seu espírito sobre essas dúvidas, sentiu como se alguém o ferisse gravemente na palma da mão esquerda que tinha coberta com uma luva, ouvindo ao mesmo tempo o ruído do golpe, semelhante ao que produz a seta ao sair da balista. Estava atônito ao ouvir o som e sentiu a mão doer. Tirou a luva para ver com seus próprios olhos o que ele havia percebido pelo ouvido e pelo tato. Não havia nem sequer sinal de ferimento em sua mão anteriormente, mas no meio da palma da mão viu uma ferida como se tivesse sido feita por uma seta. A dor era tão intensa, que ele pensou que ia desfalecer. E o estranho é que não se via sinal algum de ferida na luva. A dor de uma ferida que lhe tinha sido infligida sem deixar sinal era o castigo pela ferida oculta da dúvida que ele nutria em seu coração. Aguilhoado pela terrível dor, passou dois dias gritando e dizendo ...s pessoas o quanto tinha sido descrente. Firmou sua fé nos sagrados estigmas de Francisco e jurou não haver mais nem sombra de dúvida na alma. E humildemente rogou ao santo que o ajudasse por suas santas chagas, acompanhando sua oração com abundantes lágrimas. E tendo ele renunciado ... incredulidade, seguiu-se ... saúde interior do espírito a cura definitiva da mão.

Desapareceu a dor, não mais lhe ardeu a palma da mão e já não havia mais sinal sequer do ferimento. Por providência divina o mal oculto em sua alma estava curado, havendo-se-lhe cauterizado visivelmente a carne, e uma vez curada a alma, também curado estava o corpo. Dessa forma aquele cônego tornou-se mais humilde, consagrou-se mais intensamente ao Senhor e cresceu nele o amor a Francisco juntamente com a íntima familiaridade e benevolência para com os Irmãos. Esse milagre tão estupendo foi testemunhado por muitas pessoas sob juramento e o bispo dele fala em carta selada com seu sinete episcopal. Não tem lugar, portanto, a menor dúvida acerca das sagradas chagas; ninguém as considere tampouco com prevenção culposa, pois Deus é infinitamente bom, nem se julgue que a realização de semelhante prodígio não esteja em conformidade com sua bondade. Muitos membros do corpo de Cristo unem-se ... sua cabeça com o mesmo amor ser fido que Francisco e por isso São dignos de usar a mesma armadura na batalha e serão elevados ... mesma glória no céu. Nenhum desses membros deixaria de reconhecer que tais milagres se deram para honra e glória de Cristo.

## **CAPÍTULO II**

### **Alguns mortos que ressuscitaram**

1. Em monte Marano, perto de Benevento, morrera uma senhora muito devota de São Francisco. A noite veio o clero celebrar-lhe as exéquias e cantar o ofício dos mortos, quando, de repente, ... vista de todos os presentes, levantou-se a senhora do leito e chamou um dos sacerdotes, que era seu padrinho, e disse-lhe: “Padre, desejo confessar-me: ouve os meus pecados. Depois de minha morte devia ser encerrada num cárcere tenebroso, porque nunca havia confessado o pecado que te vou contar; mas tendo o bem-aventurado Francisco orado por mim, pois eu era muito devota dele em vida, me foi concedido que a alma voltasse a unir-se ao corpo, a fim de que, manifestado em confissão o pecado, mereça eu alcançar a vida eterna; e por isso, depois de confessar minha falta ... vista de todos vós, irei ao descanso prometido”. O sacerdote amedrontado recebeu a confissão contrita daquela senhora, que, depois de absolvida, estendeu-se novamente em seu leito e adormeceu na paz do Senhor.

2. Na aldeia de Pomarico, nas montanhas da Apúlia, um pai e uma Mãe tinham uma filha bastante nova a quem amavam extremamente. Caiu ela de cama muito doente e faleceu. Seus pais, que não tinham nenhuma esperança de terem outro filho, julgavam que iriam morrer com ela. Reuniram-se seus amigos e parentes para realizar os funerais tão dignos de pranto. Mas a Mãe infeliz, cheia de indizível dor e mergulhada numa tristeza infinita, parecia estar fora de si. No entanto, São Francisco, em companhia de um só Irmão, dignou-se visitar com uma visão a desolada senhora, que bem conhecia como sua devota. E falou-lhe amavelmente: “Não chores, pois a luz de tua vida, que lamentas como perdida, ser restituída por minha intercessão”. Levantou-se então a senhora imediatamente e contando a todos o que o santo lhe dissera, proibiu que se realizasse o sepultamento da falecida; em seguida, invocando com grande fé o nome de São Francisco, tomou a mão da filha morta e a fez levantar viva, sã e salva, para grande espanto de todos.

3. Certa vez os Irmãos de Nocera (émbria) precisavam de uma carroça e pediram-na emprestada por algum tempo a um certo Pedro. Mas este os insultou e blasfemou contra o santo, em vez de atender ao pedido de uma esmola feita em nome de Francisco. Logo se arrependeu o homem do que fizera, porque Deus lhe fez sentir em seu coração o medo de sua vingança, que, ali s, não tardou a vir. De fato, seu filho mais velho adoeceu de repente e em pouco tempo morreu. Revolveu-se no chão o infeliz pai e não cessava de invocar a São Francisco, o santo de Deus, gritando e chorando: “Eu é que pequei, eu é que falei tão impiamente: deverias punir-me diretamente, na minha própria pessoa. O santo, agora que estou arrependido, restitui-me o que me levaste, quando eu blasfemava como ímpio! Consagro-me a ti, submeto-me para sempre a teu serviço e sempre oferecerei a Cristo um devoto sacrifício de louvor para honra de teu nome!” A essas palavras, levantou-se o menino e havendo acalmado o pranto do pai, contou que ao separar-se sua alma do corpo, foi acolhida pelo bem-aventurado Francisco e devolvida ao corpo.

4. O filho de sete anos de um notário em Roma desejava seguir a Mãe, que estava indo ... igreja de São Marcos; mas, obrigado pela Mãe a ficar em casa, atirou-se pela janela na rua. Quebrou a cabeça e morreu no local. Ainda não se encontrava a muita distância a Mãe, quando, ao ouvir o baque do corpo do filho que caíra, voltou ...s pressas, encontrando-o morto. Começou então a recriminar-se e com seu comovido pranto movia ... compaixão a todos os vizinhos. Ao mesmo tempo chegou ... cidade para pregar um Irmão chamado Raho, da Ordem dos Frades Menores. Este aproximou-se do menino e perguntou confidencialmente ao pai: “Acreditas que São Francisco possa ressuscitar teu filho pelo amor que ele tinha a Cristo que restituiu a vida aos homens por sua cruz?” O pai respondeu que ele acreditava e estava disposto a confessar esta fé e consagrar-se para sempre ao serviço do santo, se por sua intercessão chegasse a alcançar um favor tão extraordinário. O Irmão e seu companheiro puseram-se em oração exortando aos circunstantes que fizessem o mesmo. Terminada a oração, notou-se algum movimento no cadáver; o menino abriu os olhos, levantou os braços, sentou-se no leito e, saindo daí, começou a andar em presença de todos com perfeita saúde em virtude do poder milagroso do santo.

5. Na cidade de C pua, um menino que brincava com um grupo de outros ...s margens do rio Volturno caiu na água. A corrente o arrastou para baixo imediatamente e o enterrou no fundo, debaixo da areia e da lama. As crianças que com ele brincavam começaram a gritar e logo se ajuntou uma multidão de pessoas em volta. Humilde e devotamente invocaram a intercessão de São Francisco para que considerasse favoravelmente a fé que tinham os pais da criança, seus devotos, e a salvasse da morte. Então um homem que estava nadando a certa distância, ouviu as vozes comovidas daquelas pessoas, aproximou-se delas e perguntou onde havia desaparecido o menino. Invocou o nome de Francisco e enfim descobriu o lugar onde o lodo fizera uma espécie de túmulo para a criança. Puxou-o para fora e tirou-o da água, mas para sua tristeza viu que estava morto. Todos podiam ver que ele estava morto, mas continuavam clamando entre lá grimas: “São Francisco, devolve o menino vivo a seu pai”. Inesperadamente, o menino pôs-se de pé para grande alegria e espanto geral. Pediu que o levassem ... igreja de São Francisco para agradecer-lhe o grande favor porque por sua força sabia agora que havia recuperado a vida milagrosamente.

6. Em Sessa, num bairro chamado Alle Colonne, ruiu uma casa, sepultando nos escombros um jovem que faleceu no mesmo instante. O povo que ouvira o ruído acorreu de toda parte, removeu as vigas e pedras retirando de lá o corpo do filho morto e entregou-o ... sua Mãe. Mas a infeliz suspirava amargamente e clamava: “São Francisco, São Francisco, devolve-me o filho!” Os circunstantes junto com ela rogavam o socorro do santo, mas a vítima não abria a boca nem dava sinal de vida. Então depuseram o cadáver num leito e se prepararam para enterrá-lo no dia seguinte. Sua Mãe, porém, punha sua confiança em Deus e nos méritos do seu santo e prometeu que cobriria o altar de São Francisco com toalhas novas, se ele restituísse a vida a seu filho. Então, por volta de meia-noite, o jovem começou a bocejar, o corpo foi se aquecendo, ele se levantou e começou a louvar a Deus. Deu assim ensejo ao clero e a todo o povo de louvar a Deus e agradecer a Ele e a São Francisco com toda a alegria.

7. Um jovem de Ragusa, chamado Gerlandino, tinha ido ... vinha em tempo de vindima para encher seus odres em um lagar. De repente, todo o madeirame cedeu e desabou. As pesadas pedras caíram por cima dele esmagando-lhe a cabeça fatalmente. O pai correu logo, mas, perdida toda a esperança, nada pôde fazer para socorrê-lo; e deixou-o lá onde havia caído debaixo daquele peso. Acudiram pressurosos os trabalhadores de uma vinha perto, atraídos pelos gritos que ouviram, e, compadecidos também tal como o pai do rapaz, retiraram o cadáver dentre aquelas pedras. Entretanto, o pai, prostrado aos pés de um crucifixo, lhe pedia instantemente que, pelos méritos do bem-aventurado Francisco, cuja festa estava próxima, lhe devolvesse vivo o único filho que tinha; repetia suas preces, fazia promessas e, não contente com isso, prometeu visitar com seu filho o sepulcro do santo se ele voltasse a viver. De repente, o jovem cujo corpo estava todo esmagado se reanimou e voltou ... sua perfeita forma física. Levantou-se diante de todos, alegremente, e reprovou as lamentações por sua morte, dizendo que havia sido restituído ... vida pelas preces de São Francisco.

8. São Francisco também ressuscitou um homem na Alemanha, como atesta o Papa Gregório numa carta apostólica dirigida aos Irmãos que haviam ocorrido a um CAPÍTULO no tempo em que o santo teve seus restos mortais trasladados. Não incluo o relato aqui porque o ignoro, julgando que o testemunho do papa vale muito mais do que qualquer descrição.

### **CAPÍTULO III**

#### **ALGUNS QUE SÃO FRANCISCO SALVOU DO PERIGO DA MORTE**

1. Vivia perto de Roma um nobre de nome Rodolfo com sua mulher, muito devota, os quais receberam certa vez em sua casa alguns Irmãos menores, não apenas por espírito de hospitalidade, mas particularmente por seu amor e devoção ao santo. Naquela mesma noite descansava no mais alto ponto da torre a sentinela do castelo sobre um monte de lenha colocado sobre o ressalto do muro, quando se desfez o monte e ele caiu sobre o telhado do palácio e daí no chão. Ao ruído, toda a família despertou e, sabendo da desgraça da sentinela, o senhor do castelo, sua esposa e os Irmãos acudiram rápidos em seu auxílio. Mas o infeliz estava com tanto sono, que não despertou com a dupla queda nem com o clamor de toda aquela família desconsolada. Acordando, enfim, pelos movimentos dos que o levavam e moviam de um lado para o outro, começou a queixar-se amargamente de ter sido privado de seu suave repouso, dizendo que se encontrava dormindo tranqüilamente nos braços de São Francisco. Mas vindo a saber pelos circunstâncias de sua queda e vendo-se em terra, ele que se achava no mais alto da torre, ficou muito admirado por não se ter dado conta do que lhe sucedera; e como prova de seu agradecimento a Deus e a São Francisco, prometeu, em presença de todos, consagrar-se aos rigores da penitência.

2. Numa pequena aldeia chamada Pofi, na Campania, um sacerdote chamado Tomás estava consertando o moinho de propriedade da igreja. Caminhando incautamente ao longo do conduto da água, por onde esta se precipitava com grande força, formando um sorvedouro profundo, caiu de repente e ficou preso entre as pás da roda que fazia girar o moinho. Deitado assim com o ventre para cima, calam-lhe as águas sobre a boca. Não podendo abri-la, invocava com o coração o nome de Francisco. Muito tempo ficou nessa posição, até que seus companheiros, que acudiram ao lugar do acidente, desesperaram de poder salvar-lhe a vida, embora fizessem a roda girar para trás. Com isso conseguiram livrá-lo daquela espécie de prisão, mas o sacerdote, quase asfixiado, revolvía-se na corrente das águas. Entretanto, um Irmão menor, vestido de branca túnica e cingido de uma corda, tomou-o suavemente pelo braço e, tirando-o para fora da água, lhe disse: “Eu sou Francisco, a quem com tanta fé invocaste”. Vendo-se livre o sacerdote, admirou-se muito e desejando beijar as pegadas dos pés de Francisco, corria de um lado para outro, perguntando a seus companheiros: “Onde está o servo de Deus? Por que lugar andou o santo? Por que caminho saiu?” Atemorizados, os companheiros caíram de joelhos no chão, anunciando as grandes maravilhas do Altíssimo e os extraordinários méritos de seu servo.

3. Alguns jovens de Celano tinham ido cortar pasto num campo, onde havia um velho poço cuja boca estava coberta de mato abundante. Tinha mais ou menos quatro metros de profundidade. Andavam trabalhando separadamente pelo campo, quando um deles repentinamente caiu no poço. Mas enquanto seu corpo descia ...aquelas profundezas, seu espírito subia invocando a proteção de São Francisco. E já ao sair gritava: “São Francisco, socorro!” Todos os outros, não o vendo mais, começaram a procurá-lo por toda parte, gritando e chorando. Quando descobriram que ele havia caído no poço, correram a comunicar o acidente e pedir socorro. E voltaram com muita gente. Um homem desceu ao fundo do poço atado com uma corda e viu o jovem sentado tranqüilamente sobre as águas, sem o menor ferimento. Tirado com grande facilidade daquele lugar, disse aos circunstâncias: “Quando caí tão inesperadamente, invoquei o auxílio de São Francisco, o qual logo me apareceu em pessoa e, estendendo a mão, tomou-me com grande cuidado e não me abandonou até que juntamente convosco

me tirou do poço”.

4. Na igreja de São Francisco de Assis, enquanto o bispo de Óstia, que seria mais tarde Alexandre IV, estava pregando diante da Cúria Romana, uma grande pedra, deixada por descuido no púlpito que era muito alto, despreendeu-se repentinamente e caiu em cima da cabeça de uma senhora. Julgando os presentes que ela estava morta por causa da violência da pancada e que tinha a cabeça esmagada, cobriram-na com o manto que ela levava, dispostos a levar para fora da igreja aquele cadáver, logo que terminasse o sermão. Entretanto, ela se encomendava a São Francisco, diante de cujo altar se encontrava. E quando terminou a pregação, a mulher se levantou em presença de todos sã e salva, não encontrando-se nela nenhum sinal de lesão física. E o mais curioso é que as dores de cabeça continuas de que sofria até então cessaram definitivamente, como ela mais tarde atestou.

5. Em Corneto, estavam reunidas diversas pessoas devotas num lugar próximo ao convento dos Irmãos para presenciar a fundição de um sino, e um menino de oito anos, chamado Bartolomeu, ocupava-se em levar material aos Irmãos que trabalhavam. levantou-se um furacão que fez tremer a casa e arremessou com tanta força uma das pesadas portas sobre a criança que, vendo-a debaixo daquele enorme peso, todos julgavam-na morta, pois não aparecia dela nenhuma parte do corpo oculto atrás daquela carga pesadíssima. Acorreram todos para socorrê-la, invocando ao mesmo tempo a poderosa intercessão de São Francisco. O próprio pai da criança, que por ter os membros tolhidos não podia mover-se por causa da dor, oferecia em altas vozes seu filho a São Francisco, fazendo-lhe várias promessas. Removeram, por fim, não sem grande labuta, a pesada porta que esmagava o menino e para admiração de todos, lá estava o pequeno, muito alegre, como se houvesse despertado de um suave sono, sem apresentar nó corpo a menor lesão. Aos quatorze anos, o menino miraculado entrou na Ordem e foi homem de grande saber e pregador eloqüente.

6. Em Lentino, alguns homens cortaram no monte uma grande pedra que devia ser colocada sobre o altar de uma igreja dedicada a São Francisco e que em breve seria consagrada. Uns quarenta homens procuraram colocar a pesada pedra em certa carroça para transportá-la ao lugar apropriado. Infelizmente, depois de tantos esforços, caiu a pedra sobre um dos homens que ficou debaixo daquele enorme peso. Perplexos e totalmente confusos, não sabiam os trabalhadores o que fazer. E a maior parte fugiu desesperada. Só dez tiveram coragem de ali permanecer e com voz lastimosa invocaram a proteção de Francisco, rogando-lhe que se compadecesse da desgraça daquele homem que trabalhava para honra dele. Animados e confiantes, removeram com tanta facilidade a pedra, que logo se percebeu que ali intervieram a virtude milagrosa do santo. Logo se levantou aquele homem sem nenhum dano físico. Ali s, até mesmo recuperou uma das vistas, que antes estava quase cega. Manifestou-se assim claramente que a intercessão de São Francisco é eficaz ainda mesmo nos casos mais desesperadores.

7. Em São Severino, povoado da Marca de ocorreu prodígio semelhante. Levavam muitos homens uma grande pedra trazida de Constantinopla para a basílica de São Francisco, com grande esforço físico, quando ela caiu sobre um dos homens. Tão violento foi o golpe, que os companheiros pensaram que ele tivesse sido esmagado e morto. Mas, por favor do bem-aventurado Francisco, que o livrou daquele enorme peso, saiu São e sem a mínima lesão corporal.

8. Bartolomeu, cidadão de Gaeta, trabalhava com muito empenho na construção de uma igreja em honra de São Francisco, quando desgraçadamente lhe caiu no pescoço uma grande viga mal colocada; esmagando-o e deixando-o gravemente ferido. Sabendo estar iminente a morte e sendo homem fiel e de grande piedade, pediu a um Irmão que lhe administrasse o santo vi tico. Mas, parecendo ao Irmão que a urgência do caso não dava tempo para isso, pois pensava estar bem perto a morte, aproximou-se do enfermo e lhe sugeriu estas palavras de Santo Agostinho: “Crê e já comungaste”. Ç noite, apareceu-lhe São Francisco com outros Irmãos, trazendo um cordeirinho nos braços. Colocou-o junto ao doente, chamou-o por seu nome dizendo: “Bartolomeu, não temas, porque não poder prevalecer contra ti o inimigo que pretendia inutilizar-te em meu serviço. Este é o Cordeiro que pedias e recebes pelo teu bom desejo e que por sua virtude te concede a saúde do corpo e a da alma”. E tomando o ferido com suas mãos chagadas, o conduziu São e salvo ao trabalho onde antes estava ocupado. Bartolomeu levantou-se muito cedo e aparecendo alegre e São aos que pouco antes o haviam visto meio morto, encheu-os de espanto e admiração, inflamando seus corações em reverência e amor ao ser fico Pai, não só com seu exemplo, mas também com o milagre do santo que acabavam de presenciar.

9. Certo dia, um homem chamado Nicolau, de Ceprano, caiu nas mãos de seus inimigos. Estes o crivaram de ferimentos de tal forma que lhes parecia bem morto. Mas Nicolau, ao receber o primeiro golpe, exclamara em alta voz: “São Francisco, socorro! São Francisco, socorro!” Ouviram estas palavras muitos que estavam ... distancia, mas não puderam socorrê-lo. Levado por fim ... sua casa e todo ensangüentado, afirmava cheio de confiança que não morreria em consequência daquelas

feridas e que no momento não sofria nada porque São Francisco lhe estava prestando socorro e havia conseguido de Deus a vida para fazer penitência. Confirmou-se tudo isso em breve, pois uma vez que lhe lavaram aquele sangue, levantou-se ele completamente curado, contra toda expectativa dos presentes.

10. Em São Geminiano, havia um nobre que tinha um filho tão gravemente enfermo que, perdida toda a esperança, parecia nos últimos momentos de vida. Saía de seus olhos um fio de sangue, como acontece quando se abre uma veia no braço, e em todo o corpo apareceram os sinais que prenunciam a morte. Ao vê-lo sem movimento, sem uso dos sentidos e mesmo da respiração, todos o consideravam morto. Os parentes e amigos já se haviam reunido para prantear o morto e dar-lhe sepultura. Mas o pai do jovem, cheio de confiança no Senhor, foi apressadamente ... igreja de São Francisco, edificada no mesmo povoado, e com o cingulo no pescoço, prostrou-se em terra com toda humildade. E nessa atitude longamente orou, multiplicando suas promessas e obtendo por suas lágrimas e suspiros ter a São Francisco como seu advogado diante de Deus. Voltou ao lugar onde se encontrava o filho e, encontrando inteiramente curado, trocou as lágrimas pela alegria.

11. Prodígio semelhante operou Deus pelos méritos de São Francisco numa menina natural de Tamarit, na Catalunha, e com outra dos arredores de Ancona, as quais encontravam-se tão gravemente enfermas, que quase já haviam entrado na fase da agonia. Mas tendo os pais invocado a proteção do bemaventurado Francisco, ficaram repentinamente curadas.

12. Em Alba, havia um clérigo, chamado Mateus, que tendo bebido um veneno mortífero, ficou tão doente, que, não podendo falar de modo algum, só lhe restava exalar o último suspiro. Um sacerdote aconselhou-o que se confessasse. Mas não conseguiu pronunciar uma só palavra. Contudo, orava o enfermo com todo fervor a Deus no íntimo de seu coração, pedindo-lhe se dignasse livrá-lo da morte por intermédio de seu servo Francisco. No mesmo instante, confortado pelo Senhor, pronunciou com grande devoção diante de todos os presentes o nome de Francisco, expeliu o veneno e deu graças a seu libertador.

#### **CAPÍTULO IV** **Náufragos socorridos**

1. Certos marinheiros, surpreendidos por uma violenta tempestade a dez milhas do porto de Barletta, viram-se em grave perigo e, já sem esperança de sobreviver, lançaram âncoras. Os ventos, porém, enfureceram-se ainda mais levantando ondas enormes, que acabaram rompendo as amarras deixando a embarcação sem âncora e ao léu das correntes do mar revolto. Serenado enfim o mar por disposição divina, esforçaram-se os marinheiros por recuperar as âncoras, cujos cabos flutuavam sobre o mar. E como não podiam conseguir seu intento por próprias forças, invocaram a proteção de vários santos. Apesar de tudo e dos esforços ingentes, não conseguiram em todo um dia recolher nenhuma das âncoras. Entre os navegantes havia um chamado Perfeito, mas que estava muito distante ainda de o ser nas atitudes. Este, em tom chistoso, disse aos companheiros: “Vede, camaradas! Invocastes o auxílio de todos os santos e, como percebeis, nenhum deles nos socorre. Que tal invocarmos um certo Francisco, um santo bem novo. Quem sabe se ele não dá um mergulho nas águas e nos traz de volta as âncoras perdidas?” Concordaram os companheiros, não jocosamente, mas aceitando de verdade a proposta de Perfeito, e repreendendo-o por suas palavras desrespeitosas, fizeram todos uma promessa ao santo. No mesmo instante, sem que os marinheiros fizessem qualquer coisa, viram flutuar as âncoras, como se a natureza pesada do ferro se houvesse transformado na leveza da madeira.

2. Certo peregrino, extremamente debilitado por causa de uma febre muito forte, da qual apenas estava se recuperando, seguia viagem a bordo de um navio procedente de além-mar. Era muito devoto de São Francisco e o havia escolhido como advogado ante o Rei celeste. E como ainda não se livrara da enfermidade, sentia-se abrasado de uma sede ardente, quando, faltando água para se refrigerar, começou a exclamar: “Ide, marinheiros, tende confiança; trouxe-me água a beber, porque o bem-aventurado Francisco encheu de água meu vaso”. Foram os marinheiros e efetivamente encontraram cheio de água até as bordas o vaso que pouco antes haviam deixado inteiramente vazio. Outro dia, tendo-se levantado uma tempestade violenta, as ondas enfurecidas ameaçavam afundar o navio, e todos temiam o naufrágio. Mas aquele mesmo enfermo começou repentinamente a gritar: “Levantai-vos todos e ide ao encontro de Francisco. Eis que ele vem nos salvar!” E assim falando, caiu em terra, com grandes clamores e lágrimas, para venerá-lo. No mesmo instante, com a aparição do santo, o enfermo ficou São e o mar serenou.

3. Frei Tiago de Rieti, depois de atravessar um rio numa pequena barca, e deixando na margem os companheiros, dispunha-

se a desembarcar. A barca, porém, virou, salvando-se a nado o que a dirigia, enquanto. Frei Tiago ia ao fundo. Entretanto, os Irmãos, postos de joelhos na margem, invocavam com grande fervor o ser fido Patriarca, pedindo-lhe entre lá grimas se dignasse socorrer aquele que era seu filho. Da mesma forma, Frei Tiago, submerso nas profundezas das água, implorava em seu coração, já que não podia com os lábios, ó auxílio de seu piedosíssimo Pai. Então, protegido pela presença de São Francisco, caminhava no fundo como se fora por um caminho real e, entrando na embarcação, chegou de novo ... margem. Seu hábito, por incrível que pareça, não estava molhado. Nem uma gota d' água atingira sua túnica.

4. Um Irmão chamado Boaventura estava atravessando com outros dois homens um lago, quando a pequena embarcação se partiu por causa da força da corrente, indo ao fundo a barca e seus tripulantes. Do fundo daquele lago de miséria, invocavam com grande confiança o misericordioso Pai São Francisco, e subitamente apareceu o santo conduzindo-a sobre a água, e felizmente chegou ao porto com seus tripulantes. Semelhantemente ficou livre por intercessão de São Francisco um Irmão de Ascoli que caíra no lugar mais fundo de um rio.

Aconteceu também no lago de Rieti que, encontrando-se vá rios homens e mulheres em semelhante perigo, invocaram o nome de Francisco e ficaram felizmente livres de um iminente naufrágio.

5. Alguns marinheiros de Ancona, surpreendidos por uma tremenda tempestade, encontravam-se em perigo de afundar-se. Desesperados, suplicaram humildemente a São Francisco. Apareceu então sobre a nau uma grande luz e com ela a bonança, como a indicar que o homem de Deus possui o estupendo poder de ordenar aos ventos e ao mar.

Parece-me impossível narrar um a um os grandes prodígios que operou e ainda opera no mar nosso bem-aventurado Pai, como também as muitíssimas vezes que salvou milagrosamente aos que estavam para naufragar. E não admira que se tenha concedido poder sobre as águas àquele que reina no céu, quando sabemos que a ele mesmo, enquanto vivia neste mundo, lhe serviam as criaturas como faziam com o primeiro homem nos felizes dias da inocência.

## **CAPÍTULO V**

### **PRISIONEIRO E ENCARCERADOS POSTOS EM LIBERDADE**

1. Na Grécia, aconteceu que o servo de um senhor foi falsamente acusado de roubo. O senhor o acorrentou e o pôs em duro cárcere. Mas a senhora da casa teve piedade dele. Estava convencida de que ele era inocente da acusação feita contra ele e rogou ao marido que o soltasse. Ele, porém, obstinadamente recusava-se a libertá-lo. Então aquela senhora recorreu a São Francisco e recomendou o homem inocente ... sua intercessão. Francisco, protetor dos pobres, respondeu imediatamente e foi visitar o prisioneiro. Soltou-lhe as correntes que o prendiam e abriu as portas da prisão. Em seguida, conduzindo-o pela mão, levou-o para fora e lhe disse: “Sou Francisco. Tua senhora confiou-te ... minha intercessão”. O prisioneiro ficou amedrontado. Como tivesse que fazer a volta pelo lado de um rochedo muito alto, repentinamente se encontrou, por auxílio de seu libertador, em terra plana. Voltou ... casa de sua senhora e referiu a ela, alegre e minuciosamente, os pormenores do milagre, de sorte que ela se tornou mais devota ainda no seu amor a Cristo e a São Francisco.

2. Em Massa de São Pedro, um homem pobre devia a um cavaleiro uma certa quantia de dinheiro. Na sua pobreza, não tinha recursos para lhe pagar a dívida. O credor então mandou prendê-lo. O pobre lhe rogava que tivesse compaixão dele e lhe desse outra oportunidade, por amor a São Francisco. O nobre, no entanto, cheio de orgulho, fazia-se surdo ...s súplicas do outro, desprezando como ridículo o amor do santo. E respondeu-lhe desdenhosamente: “Vou colocar-te num cárcere tão oculto e seguro, que nem esse Francisco nem outro qualquer poderão socorrer-te”. E fazendo o que ameaçara, procurou um cárcere escuro, e lá encerrou o desgraçado, carregado de pesadas cadeias. Pouco depois, apareceu-lhe São Francisco, livrou-o daqueles ferros, abriu-lhe as portas e o deixou ir livre para sua casa. O senhor orgulhoso ficou humilhado pela virtude poderosa de Francisco, que libertou o preso que se lhe havia recomendado e trocou, por verdadeiro milagre, a petulância daquele cavaleiro em mansidão exemplar.

3. Alberto de Arezzo foi lançado na prisão por dívidas que ele jamais contraiu; encomendou-se a São Francisco em sua inocência com toda humildade; era muito afeiçoado ... Ordem e tinha veneração especial ao santo de Assis acima de qualquer outro. O credor blasfemo afirmou que ninguém nem Deus nem São Francisco seriam capazes de livrá-lo de suas mãos. Alberto, no entanto, na vigília da festa do santo, fez um jejum rigoroso e deu sua ração de comida a um mendigo por amor a São Francisco. Naquela noite, enquanto vigiava, apareceu-lhe o santo. Assim que ele entrou na cela, caíram as cadeias das mãos e dos pés do prisioneiro, as portas se abriram por si mesmas e as t buas do teto saltaram. Libertou-se então aquele homem e voltou para casa. Cumpriu desde então a promessa que fez de sempre jejuar na véspera da festa de São



Francisco e, como testemunho de seu crescente amor ao santo, a cada ano que passava acrescentava uma onça ao volume do círio que acendia em sua honra.

4. Quando o Papa Gregório IX pontificava, certo homem chamado Pedro, natural da cidade de Alife, acusado de heresia, foi preso em Roma por ordem do papa e levado ao bispo de Tivoli para ser custodiado. Recebeu-o o bispo e, para não perder o bispado, mandou pôr-lhe cadeias e prendeu-o num cárcere escuro para não escapar, dando-lhe um pouco de pão e um pouco d' água para sobreviver. Vendose o prisioneiro em situação tão penosa, começou a invocar entre lá grimas e suspiros a proteção de São Francisco para que o socorresse, tanto mais porque ouvira que era a véspera da festa do santo. E como a pureza de sua fé vencera a contumácia de seus erros e se unira a Francisco com todas as veras de sua alma, mereceu ser ouvido por Deus pelos méritos de seu advogado Francisco. Efetivamente, aproximando-se a noite da festa, e quando a luz do crepúsculo começava a desvanecer-se, apareceu ao prisioneiro no cárcere o ser fido Patriarca com semblante misericordioso, chamou-o por seu próprio nome e mandou-lhe que se levantasse imediatamente. Atemorizado, perguntou quem era, e a aparição lhe disse que era Francisco. Percebendo que estava livre das cadeias e que as portas do cárcere estavam abertas para sair, ficou tão perturbado, que não conseguia acertar o caminho de saída, e dando gritos diante da porta, fez correr os guardas que, ...s pressas, foram participar ao bispo que o preso estava livre das cadeias. Logo chegou a notícia aos ouvidos do bispo, o qual, movido por sua devoção, foi até ao cárcere e, inteirado do acontecido, só teve que reconhecer a mão de Deus, adorando-o com ação de graças pelo prodígio. As cadeias que haviam prendido aquele homem foram apresentadas ao Senhor Papa e aos cardeais que, vendo o sucedido, ficaram muito admirados e deram graças ao Senhor.

5. Guidolotto de São Geminiano foi acusado falsamente de ter envenenado um homem e de ter a intenção de exterminar do mesmo modo o filho dele e toda a família. O magistrado decretou sua prisão e mandou acorrentá-lo num cárcere escuro. Ele, porém, entregou-se a Deus, encomendando-se ... intercessão de São Francisco, seguro de sua inocência. Entretanto, o magistrado refletia de que modo poderia melhor arrancar ao suposto culpado a confissão do crime, por meio de torturas, e a que gênero de morte o condenaria assim que ele confessasse o crime. Estava já determinado que no dia seguinte o réu seria levado ao lugar do suplício; mas naquela mesma noite foi visitado por São Francisco, que iluminou a prisão com uma luz esplêndida durante toda a noite; encheu-o de gozo e confiança e lhe deu segurança para se evadir. Pela manhã chegaram os carrascos, os quais tiraram o prisioneiro do cárcere e o suspenderam ao cavalete, agravando seus tormentos com grandes ferros. vá rias vezes o faziam baixar e subir para que, revezando-se as penas, se visse obrigado a confessar o crime. Mas a convicção de sua inocência se refletia alegremente em seu rosto, sem deixar transparecer sombra alguma de tristeza em meio de suas penas. Depois fizeram uma grande fogueira debaixo do condenado e não conseguiram queimar-lhe um só cabelo, apesar de ter a cabeça voltada para o chão. Por fim, lançaram-lhe óleo fervente em grande quantidade, mas ele superou todos esses tormentos, ajudado por Francisco, a quem havia confiado sua defesa. Com isso ficou livre de tudo e se foi São e salvo.

#### **CAPÍTULO IV MULHERES SOCORRIDAS NA HORA DO PARTO**

1. Havia na Eslavônia certa condessa, ilustre por sua nobreza, muito devota de São Francisco e afeiçoada ... Ordem franciscana. Veio a hora de ela dar ... luz e sentia tantas dores e angústias, que o nascimento da criança prenunciava já a morte da Mãe. Não era possível que a criança nascesse viva, salvando-se a Mãe. Era mais um perecer do que aparecer aquele parto. Vieram-lhe então ... memória e mais ainda ao coração a fama, a virtude e a glória de São Francisco. Cresceu sua confiança e aumentou sua devoção. Recorreu ao auxílio eficaz, ao amigo fiel, ao consolo de seus devotos, ao refúgio dos aflitos e disse: “Glorioso São Francisco, ... tua piedade recorro com todas as veras da alma e não consigo explicar o que desejo prometer-te”. E com extraordinária prontidão, ...s últimas palavras daquela mulher, cessaram as dores e foram o princípio de um parto feliz. No mesmo instante acabaram-se as angústias e deu ... luz sem nenhum sofrimento. Mandou construir uma linda igreja com seu dinheiro e depois de construída cedeu-a aos Irmãos para honrar o santo.

2. Uma senhora chamada Beatriz que vivia perto de Roma estava ...s portas do esperado parto, mas a criança morrera no ventre materno havia alguns dias. Por isso se viu a infeliz atormentada por angústias mortais e dores intoleráveis. O feto morto provocava a morte; sem ter visto a luz do dia, punha em risco a vida da Mãe. Recorreu a v rios médicos, mas não se encontrava remédio humano para ela. A infeliz mulher arcava com uma maldição pesada demais, devida ao pecado original: transformada em sepultura de seu filho, ela mesma estava certa de em breve parar na sepultura. Por fim, pondo toda sua

esperança nos Irmãos menores, mandou pedir deles, com toda fé e humildade, uma relíquia de São Francisco. Conseguiram encontrar um pedacinho de corda que o santo durante certo tempo usou como cingulo. Mal colocaram sobre o corpo aquele pedacinho de corda, a mulher em trabalho de parto sentiu desaparecer toda dor, expeliu com extrema facilidade o feto morto e causa de morte, e recuperou a saúde.

3. A esposa de um cavaleiro de Calvi, chamada Juliana, vivia sempre triste e desconsolada ao ver que não conseguia nenhum filho, pois todos eles morriam pouco depois de nascidos. Como estivesse já no quarto mês de gestação, começou a temer, pela experiência dos casos anteriores, que seu futuro parto seria antes a morte e não o nascimento de um filho; mas com grande confiança suplicava a São Francisco pela vida daquela criança que ainda não nascera. Sucedeu, porém, que estando dormindo certa noite, apareceu-lhe em sonhos uma mulher que trazia em suas mãos um menino muito lindo e o oferecia a ela com grandes mostras de prazer. Mas como ela se negasse a recebê-lo, por medo de perdê-lo logo, aquela mulher lhe acrescentou: “Recebe-o sem medo porque, compadecido de tuas lá grimas, é o próprio São Francisco quem te envia este, e tem plena certeza que viver e gozar de perfeita saúde”. Acordou Juliana naquele instante e pela visão celeste compreendeu que o bem-aventurado Francisco viera em seu auxílio. Desde então, repleta de extraordinária alegria, multiplicou suas orações e promessas pelo filho que esperava ter. Chegou enfim o tempo do parto, e ela deu ... luz um menino, que a seguir cresceu, cheio de força e juventude vigorosa, como se São Francisco lhe houvesse dado um reforço de saúde e foi para os pais motivo de devoção ainda mais sentida para com Cristo e o santo. Prodígio análogo realizou São Francisco na cidade de Tivoli. Uma mulher, Mãe de muitas filhas, era atormentada pelo desejo de ter um filho homem. Voltou-se a São Francisco com orações e votos e obteve a graça, superior a todas as suas esperanças, de dar ... luz dois gêmeos.

4. Uma mulher de Viterbo, aproximando-se a hora do parto, estava para morrer, atormentada de dores nas vísceras, além de angustiada com o trabalho normal do parto. Baldados todos os recursos da medicina, por causa de sua debilidade, invocou com grande fervor a São Francisco. No mesmo instante ficou livre de suas dores e deu ... luz com felicidade. Obteve a graça, mas esqueceu-se de agradecer, entregando-se no dia seguinte, festa do santo, a trabalhos servis. De repente, o braço direito da mulher ficou rido e tolhido e ao tentar colocá-lo em movimento com o esquerdo também este ficou inflexível. Atemorizada a mulher com esse castigo, repetiu seu voto e pela segunda vez se consagrou ao misericordioso e humilde santo, obtendo, pelos méritos dele, recuperar o uso dos membros, que havia perdido pela ingratidão e irreverência.

5. Uma senhora de Arezzo durante sete dias se encontrava nas dores de um parto perigoso, e todos a supunham desenganada, pois o corpo já estava completamente negro. Fez promessa a São Francisco e, estando para morrer, começou a invocar o nome do santo. Assim que fez a sua promessa, adormeceu e viu em sonho ao bem-aventurado Francisco que lhe falava suavemente. Perguntava-lhe o santo se lhe reconhecia a fisionomia e se sabia recitar a salve-rainha. Respondeu-lhe a senhora que o reconhecia e sabia aquela oração. E o santo lhe disse: “Começa a oração e, antes de terminá-la, terás dado ... luz sem dificuldades. Enquanto suplicava “esses olhos misericordiosos a nós voltei” e mencionava “bendito fruto do vosso ventre”, a mulher, livre de toda angústia, deu ... luz um menino. Deu então graças ... “Rainha, Mãe de misericórdia”, que pelos méritos de São Francisco tivera misericórdia com ela.

## **CAPÍTULO VII**

### **CEGOS QUE RECOBRARAM A VISTA**

1. No convento dos franciscanos de Nápoles, havia um Irmão chamado Roberto, que por muitos anos viveu cego. Em seus olhos haviam-se formado umas excrescências carnosas que impediam o uso e o movimento das pálpebras. Muitos Irmãos por lá costumavam passar como hóspedes ao se dirigirem a diversas partes do mundo, quando aconteceu que o bem-aventurado Francisco, espelho de perfeita obediência, a fim de animar os Irmãos em seus empreendimentos por meio de um milagre, curou em presença de todos aquele Irmão cego, da seguinte maneira: Frei Roberto, ...s portas da morte, jazia em sua cama e já se lhe havia feito a encomendação da alma, quando se aproximou o ser fido Pai com três outros Irmãos, homens de grande santidade: Santo Antônio, Frei Agostinho e Frei Tiago de Assis, que assim como o tinham seguido perfeitamente durante a vida, assim também o acompanharam alegres após a morte. São Francisco tomou de uma faca e cortou ao enfermo toda a carne supérflua dos olhos, restituiu-lhe a saúde junto com a vista, livrou-o da morte e lhe disse: “Roberto, meu filho, esta graça que te concedi servir de sinal para nossos Irmãos que partem para regiões distantes onde os precederei e dirigirei todos os seus passos. Irão, pois, felizes, e cumprirão com animo alegre o mandamento da santa obediência”.

2. Em Tebas, cidade da Grécia, havia uma mulher cega, que costumava jejuar a pão e água na vigília de São Francisco. Ao amanhecer de um desses dias festivos, foi ela conduzida por seu marido ... igreja dos Irmãos menores. Ouvia ela a missa, e ... hora da elevação do corpo de Cristo, abriu os olhos e o viu com toda clareza, fez um ato de profunda adoração, e disse em voz alta: “Graças sejam dadas a Deus e a seu servo Francisco, pois tenho a felicidade de ver a hóstia consagrada”. A essas palavras os presentes prorromperam em exclamações de alegria. Terminada a missa, voltou a mulher para sua casa com imenso júbilo na alma e claríssima luz nos olhos. A felicidade daquela senhora era enorme não só por haver recuperado a vista corporal, mas também porque mediante a intercessão de São Francisco e ajudada por sua fé merecera contemplar acima de tudo aquele augusto e divino sacramento, que encerra em si aquele que é a Luz verdadeira e inextinguível das almas.

3. Um menino de quatorze anos de Pofi, na Campania, por um trauma repentino, ficou totalmente cego do olho esquerdo. Pela violência da dor, saíra-lhe o olho da órbita, pendendo oito dias sobre a face na largura de um dedo, por causa do afrouxamento do nervo. Não havia outro remédio senão operar, na opinião dos cirurgiões. Vendo isso, o pai do menino apegou-se confiante ... proteção de São Francisco, que não deixou de atender ...s súplicas de seu devoto, advogado que é sempre dos necessitados. Com um prodígio extraordinário, recolocou em seu lugar o olho enfermo, restituindo-lhe a visão perfeita.

4. Naquela mesma região, em Castro dei Volsci, uma viga muito pesada se desprendeu de uma altura e caiu sobre a cabeça de um sacerdote, cegando-lhe o olho esquerdo. Caído no chão, o paciente começou a chamar em alta voz e angustiado a São Francisco: “Socorro, Pai santíssimo, para que eu possa ir ... tua festa, como prometi aos teus Irmãos!” Deu-se isso na vigília da festa do santo, e o sacerdote levantou-se inteiramente São, dando gritos de alegria e ação de graças, causando grande surpresa e júbilo a todos os presentes que se haviam compadecido de sua miséria. Assistiu ... festa do santo, narrando a todos a estupenda maravilha que com ele havia realizado.

5. Certo homem de Monte Gargano trabalhava em sua vinha e, ao cortar uma acha de madeira, feriu-se na vista, de modo que esta se partiu ao meio, ficando uma parte pendente. Perdeu a esperança de curar seu mal por meios humanos, e prometeu solenemente a São Francisco jejuar em sua festividade caso o socorresse. Fez a promessa e logo ficou curado: o olho se recompôs em seu devido lugar, adquiriu perfeita visão e nenhum sinal ficou de lesão.

6. O filho de um nobre, cego de nascença, conseguiu a visão tão desejada pelos méritos de São Francisco. E por haver conseguido assim a visão, deram-lhe o nome de Iluminado. Ao chegar mais tarde ... idade competente, e muito grato pelo benefício recebido, vestiu o habito da Ordem de São Francisco e adiantou-se tanto em luz de graça e virtudes, que com razão parecia filho da própria Luz. Enfim, pelos méritos de Francisco, aquele princípio tão santo teve um fim ainda mais santo.

7. Em Zancato, perto de Anagni, um cavaleiro de nome Geraldo perdera totalmente a vista. Dois Irmãos menores que acabavam de chegar de além-mar foram ... casa daquele cavaleiro pedir hospedagem. Toda a família os recebeu com devoção e com grande afabilidade foram tratados por amor a São Francisco. Depois de dar graças ao Senhor e a seus bons hóspedes, foram ao convento mais próximo. Algum tempo depois, São Francisco apareceu certa noite em sonho a um daqueles Irmãos, dizendo-lhe: “Levanta-te e vai depressa ... casa de nosso hóspede que na vossa pessoa nos recebeu a Cristo e a mim, pois quero cumprir com ele os deveres da piedade. Sabei que ficou cego por suas culpas, que não procurou expiar com a confissão sacramental”. Desapareceu São Francisco e o Irmão, sem perda de tempo, se levantou para cumprir junto com seu companheiro a ordem recebida. Chegados ... casa do hóspede, referiram todos os detalhes do sonho que um deles havia tido. O homem ficou admirado, confirmando ser verdade tudo o que lhe referia o Irmão, e, derramando copiosas lágrimas, confessou-se com viva dor de suas culpas. Por fim, prometeu emendar-se e mudar de vida, e no mesmo instante recobrou a vista. Espalhou-se por toda parte a fama deste milagre. Muito cresceu a devoção a São Francisco e grande número de pessoas sentiu-se estimulado ... humilde e sincera confissão de seus pecados.

### **ACRÉSCIMO POSTERIOR**

7a. Em Assis, um homem acusado falsamente de furto foi condenado ... cegueira total por decreto do juiz de Assis, Otaviano; a sentença foi executada pelo cavaleiro Otão e oficiais de justiça. Estes forçaram ao condenado os olhos para fora das órbitas e lhe amputaram os nervos oculares com uma faca. A seguir o pobre homem foi levado diante do altar de São Francisco a quem o infeliz pediu que o socorresse. Disse que era inocente e pela intercessão do santo recebeu novos olhos

dentro de três dias. Eram menores, mas a visão era a mesma de sempre. O cavaleiro Otão prestou juramento acerca do estupendo milagre diante de Tiago, abade de São Clemente, que estava fazendo investigações a respeito por autoridade do bispo Tiago de Tivoli. Também prestou depoimento Frei Guilherme Romano, ao qual Frei Jerônimo, ministro geral da Ordem, ordenou por obediência e sob pena de excomunhão que referisse veridicamente tudo quanto sabia a respeito. Obrigado a um juramento assim tão solene, em presença de muitos ministros provinciais e de outros Irmãos que gozavam de autoridade, afirmou o que segue: Quando ainda era leigo, conheceu o homem em questão e verificou que ele tinha os dois olhos. Assistiu em seguida ... operação com que o cegaram; e até mesmo, por curiosidade, chegou a revirar com um bastão aqueles olhos lançados no chão. Depois viu o mesmo homem dotado de novos olhos, que ele recebera por graça da misericórdia divina e com os quais via muito bem.

## **CAPÍTULO VIII**

### **Enfermos curados de várias doenças**

1. Em Città della Pieve, havia um jovem mendigo, surdo-mudo de nascença, com uma língua tão curta e delgada, que parecia cortada na raiz, como puderam verificar muitas pessoas que o examinaram. Vendo-o nessa miséria, um homem caridoso, chamado Marcos, recolheu-o por caridade em sua casa e, constatando que com isso Deus o favorecia, resolveu mantê-lo sempre consigo. Certa noite, ao ceiar com sua mulher, disse na presença do pobre: “Reconheceria ser um grande milagre se o bem-aventurado Francisco se dignasse devolver a fala e a audição a este homem. E em seguida acrescentou: “Prometo a Deus nosso Senhor que, se São Francisco fizer esse milagre, consignarei por amor dele a nosso pobre, de meus bens, a pensa-o necessária para viver”. No mesmo instante cresceu a língua daquele pobre e falou claramente, dizendo: “Glória seja a Deus e a seu servo Francisco por haver-me devolvido a fala e a audição!”

2. Frei Tiago de Iseo, enquanto menino e morando em casa de seu pai, contraiu uma forma muito grave de hérnia. Seguindo a inspiração de Deus, embora fosse jovem e enfermo, consagrou-se a Deus entrando na Ordem de São Francisco, não revelando a ninguém o mal que o afligia. No tempo da transladação do corpo do ser fido Pai ao lugar onde se venera o precioso tesouro de suas santas relíquias, esse Irmão assistiu também ...s festas celebradas por motivo da transladação, para prestar a devida honra ao corpo santíssimo do ser fido Pai, já glorificado no céu. Aproximando-se da caixa onde se guardavam as sagradas relíquias, abraçou, movido de fervor de espírito, o féretro, e de repente voltaram a seu lugar milagrosamente os órgãos lesados, sentindo-se inteiramente São. Por isso lançou fora o suspensório, sem voltar a sentir mais tarde a mínima dor. Também se curaram de enfermidades semelhantes, milagrosamente, pela misericórdia divina e pelos méritos de São Francisco, os Irmãos Bartolomeu de Gúbio, Ângelo de Todi, Nicolau de Ceccano, João de Sora, um homem de Pisa e outro de Cisterna, Pedro da Sicília e um homem de Spello perto de Assis, juntamente com outros.

3. Uma mulher de Marítima padecia por espaço de cinco anos de alienação mental, ficando além disso privada da visão e da audição. Destruía a roupa com os dentes, não tinha medo de cair no fogo ou na água e chegou a sofrer freqüentes e terríveis ataques de epilepsia. Compadeceu-se dela a misericórdia divina, e uma noite ela viu, cheia de luz celestial e divina, ao bem-aventurado Francisco, sentado num trono sublime, diante do qual ela pedia de joelhos e com grande instância a saúde. Vendo que o santo não parecia propício a suas fervorosas orações, a mulher fez solene promessa de jamais negar enquanto possível, farta esmola a quantos lhe pedissem por amor de Deus e de Francisco. Nessa generosa promessa, logo reconheceu Francisco a que em outros tempos ele mesmo fizera ao Senhor e traçando sobre a enferma o sinal-da-cruz, restituiu-lhe a saúde integralmente. Além disso, sabe-se, por testemunho fidedigno, que São Francisco livrou milagrosamente de enfermidades parecidas a uma menina de Núrsia, ao filho de uma pessoa nobre e a outros mais.

4. Pedro de Foligno um dia foi visitar em peregrinação uma ermida de São Miguel, não porém em espírito e fervor convenientes; mas depois de haver bebido água de uma fonte, ficou possesso dos demônios que o atormentaram por três anos, rasgando com fúria o corpo, pronunciando palavras escandalosas e praticando verdadeiros horrores. Mas, como em meio a tudo isso gozava de intervalos de lucidez e como, por outro lado, sabia da eficácia da proteção de São Francisco contra todos os poderes infernais, implorou humildemente a intervenção do santo. Foi visitar o sepulcro de São Francisco e logo que o tocou com a mão ficou livre dos espíritos malignos que o atormentavam. De modo semelhante socorreu o misericordioso Francisco a uma mulher de Narni, possessa do demônio, e a outros muitos, cujos tormentos e curas milagrosas seria impossível enumerar.

5. Um leproso chamado Bonomo de Pano, que estava paralítico, foi levado ... igreja de São Francisco por seus pais e ficou

completamente curado de ambas as moléstias.

Um jovem chamado Ato de São Severino, que estava coberto de lepra, ficou curado pelos méritos de São Francisco, ao fazer promessa e ser levado ao sepulcro do santo.

O santo teve uma virtude especial para curar esse tipo de enfermidade, porque, movido por seu amor ... humildade e ... compaixão, se consagrara totalmente ao serviço dos leprosos.

6. Uma mulher nobre, chamada Rogada, natural do bispado de Sora, sofria já por vinte e três anos de fluxo de sangue, tendo passado por inúmeros tratamentos dolorosos. As dores eram tão fortes, que muitas vezes parecia que a mulher ia expirar, e se por vezes se podia conter o fluxo, todo o corpo inchava monstruosamente. Mas, ouvindo um mesmo cantar na língua local os milagres que Deus havia operado por mediação de Francisco, cheia de grande dor, começou a chorar amargamente. Em seu interior dizia com toda fé: “O bem-aventurado São Francisco, que realizas tantos milagres! Se te dignares livrar-me desta doença, alcançar s muito maior glória, pois até agora ainda não fizeste um milagre tão estupendo!” Que efeito tiveram estas palavras? A enferma ficou instantaneamente curada pelos méritos do ser fco Patriarca. Um filho desta senhora, chamado M rio, que tinha um braço paralítico, fez uma promessa a São Francisco e por sua intercessão ficou inteiramente São. Também curou o servo de Deus a uma mulher da Sicília, que por espaço de sete anos padecia de uma doença muito incômoda.

7. Havia em Roma uma senhora de nome Praxedes muito conhecida por sua vida devota, a qual vivera quase quarenta anos num cárcere estreito por amor a seu Esposo eterno e recebera favor especial de São Francisco. Com efeito, certo dia ela subiu ao ponto mais alto do seu cárcere, ... procura de coisas necessárias, quando teve um mal súbito, caiu ao solo, fraturando o pé e a rótula, além de deslocar o ombro. Apareceu-lhe então São Francisco, vestido de glória e falando-lhe com inefável suavidade: “Levanta-te, amada filha, levanta-te e não temas”. Tomou-a pela mão e, levantando-a da terra, desapareceu. Praxedes, no entanto, caminhava de um lado para outro no cárcere pois imaginava ser um sonho aquilo que estava vendo. Começou então a gritar, de modo que alguns acudiram com luz, e vendose ela completamente sã por virtude dos méritos de São Francisco, relatou tudo aos presentes a respeito do milagre.

## **CAPÍTULO IX**

### **OS QUE NÃO QUISERAM HONRAR O SANTO RESPEITANDO SUA FESTA COMO DIA SANTO DE GUARDA**

1. Na cidade de Le Simon perto de Poitiers, um sacerdote chamado Reginaldo, que tinha grande devoção a São Francisco, disse aos paroquianos que a festa do santo devia ser celebrada solenemente. No entanto um dos paroquianos, que nada conhecia do poder milagroso do santo, não deu ouvidos àquela ordem. Foi ao campo cortar lenha. E quando se preparava para o trabalho, ouviu três vezes alguém lhe dizer: “Hoje é dia santo de guarda e não é lícito trabalhar”. Como de nada adiantassem a ordem do pároco e o oráculo celeste, a Providência divina operou, para glória do santo, um milagre e um terrível castigo. Efetivamente, segurava numa das mãos o forcado para amontoar a colheita, quando quis levantar a outra que sustinha um instrumento de ferro para começar seu trabalho. Aconteceu, por virtude divina, que ambos os instrumentos ficaram de tal forma presos nas mãos dele, que não conseguia fazê-los desprenderse dos dedos. Atemorizado e sem saber o que fazer, foi à igreja, à qual haviam concorrido muitos outros, ansiosos por ver o milagre. Diante do altar e muito arrependido pelas exortações de um dos sacerdotes presentes (pois muitos se haviam reunido para a solenidade), consagrou-se inteiramente a Francisco, e, em atenção às três vezes que ouviu aquela voz, fez também outras três promessas: observar como dia santo de guarda a festa de São Francisco, vir no dia da festa a essa mesma igreja onde se encontrava e visitar pessoalmente o sepulcro do santo. Para grande espanto de todos, feita a primeira promessa, desprendeuse um dos dedos; ao pronunciar a segunda, soltou-se o outro, e formulada a terceira, ficou livre o terceiro dedo e depois a mão inteira. A seguir aconteceu o mesmo com a outra mão. Havia uma grande multidão ali implorando o patrocínio do taumaturgo. Dessa forma, aquele homem, completamente livre, depôs os instrumentos, enquanto as outras pessoas louvavam ao Senhor e admiravam a maravilhosa virtude do santo, que podia castigar tão facilmente como conceder a saúde. Aqueles instrumentos ainda hoje estão suspensos ao lado do altar construído ali em honra de São Francisco, para perpétua memória de fato tão prodigioso.

Grande número de outros milagres que se realizaram aí e na vizinhança mostra claramente ser Francisco um dos santos mais gloriosos do céu e com quanta razão se deve celebrá-lo com toda reverência nesta terra.

2. Uma mulher em Le Mans tomou em suas mãos a roca e o fuso, na festa de São Francisco, e logo ficaram-lhe paralisadas as mãos, enquanto sentia nos dedos um ardor insuportável. O castigo serviu-lhe de lição. Reconheceu o poder do santo e, arrependida, correu até os Irmãos, que, como filhos devotos, imploraram a demência do ser fido Pai em favor daquela mulher, que repentinamente ficou curada. Não se notava em suas mãos outro sinal do mal padecido a não ser uma pequena marca, como de queimadura, bastante para recordar o estupendo milagre. Três outras mulheres, da Campania, de Olite (Valiáolid) e de Piglio, foram milagrosamente punidas por sua obstinação em não quererem respeitar o dia santo de guarda na festa do santo e milagrosamente livres do castigo por intercessão dele, ao se arreponderem.

3. Um cavaleiro de Borgo San Sepolcro, na província de Massa Trabaria, ridicularizava os milagres de São Francisco; injuriava os peregrinos que visitavam seu sepulcro e difamava os Irmãos, zombando deles. Certa ocasião, ao atacar a fama do santo, cometeu o crime ainda maior de blasfemar. Dizia: “Se é verdade que São Francisco é um santo, que eu morra hoje pela espada. Se não é verdade, que eu nada sofra”. A ira de Deus não tardou em puni-lo como merecia, pois até mesmo sua oração era pecaminosa. Pouco tempo depois, o cavaleiro injuriou gravemente um sobrinho seu, que tomou uma espada e lhe traspassou o corpo com ela. Morreu naquele mesmo dia em seus crimes, escravo do demônio e filho das trevas, para que os outros aprendessem, não a desprezar com blasfêmias as obras maravilhosas de Francisco, mas a lhes prestar os devidos louvores.

4. Um juiz, chamado Alexandre, tudo fazia com sua língua venenosa para impedir que o povo honrasse o santo. Por isso foi privado do uso da língua e ficou mudo durante seis anos. Sentindo-se castigado naquilo mesmo com que havia pecado, arrependeu-se sinceramente de haver falado tão nesciamente por sua boca contra os milagres do santo. São Francisco teve compaixão dele e sua indignação se desfez. Admitiu novamente o pecador a participar de sua graça, o qual, penitente e humilhado, invocava sua proteção. Restituiu-lhe misericordiosamente a fala que havia perdido. Desde então aquela língua, antes blasfema, se consagrou aos louvores do santo. O castigo que ele sofrera serviu para convertê-lo num homem devoto.

## **CAPÍTULO X. OUTROS MILAGRES DIVERSOS**

1. Em Gagliano Aterno, na diocese de Sulmona, uma mulher chamada Maria, consagrada ao serviço de Deus e de São Francisco, saiu certo dia, para, com o trabalho de suas mãos, conseguir algo à sua sobrevivência. Fazia muito calor, e começou a sentir uma sede abrasadora. Não lhe sendo possível satisfazer esta necessidade por encontrar-se só no monte e não encontrar água, deitou-se não chão quase inconsciente, e começou a invocar a São Francisco com toda a devoção. O trabalho, a sede e o calor, no entanto, fizeram-na adormecer em meio às suas preces humildes e contínuas. Apareceu-lhe então em sonho São Francisco e chamou-a pelo nome: “Levanta-te, bebe da água que Deus dá a ti e a muitos”. A mulher acordou a estas palavras e sentiu-se reanimada. Pegou uma planta medicinal (feto) que crescia a seu lado e arrancou-a pela raiz. Depois com um pau escavou a terra e logo encontrou água fresca, que a princípio era um fiozinho correndo, mas logo cresceu como um manancial abundante. Bebeu a mulher e, satisfeita à saciedade, lavou os olhos com aquela água. Os quais estavam doentes de longa data e recuperou-se com perfeita visão. Voltou pressurosa para casa, publicando o estupendo milagre diante de todos para glória de São Francisco. Espalhada a fama deste milagre, reuniu-se uma imensa multidão que pôde experimentar o poder de cura daquela água, pois muitos dos que se lavaram na fonte prodigiosa, depois de fazerem humilde confissão de seus pecados, ficavam livres de várias enfermidades. Ainda hoje existe essa fonte e junto dela se construiu uma pequena capela em honra de São Francisco.

2. Numa cidadezinha da Espanha, chamada Sahagún, o santo fez reverdecer milagrosamente contra toda expectativa, dando-lhe de novo flores e frutos, uma cerejeira completamente seca, pertencente a um morador daquele lugar. Livrou também de modo admirável aos moradores de Vállasilos da invasão de insetos que destruíam as vinhas. Um sacerdote de Palencia colocou o celeiro de sua propriedade sob a proteção de São Francisco e o santo o livrou dos insetos que anualmente o invadiam. Extinguiu também totalmente em todo o território de um certo senhor de Petramala, na Apúlia, por lhe haver suplicado esse favor, a terrível praga dos gafanhotos, que devoravam os campos todos em redor.

3. Um certo Martinho havia conduzido o gado a pastar longe da aldeia. Um dos seus bois caiu e fraturou uma perna de tal modo que não podia curá-lo. Querendo, porém, tirar-lhe a pele e não tendo como o fazer, voltou à sua casa para buscar um instrumento apropriado, encomendando, porém, a São Francisco o animal ferido para que não fosse devorado pelos lobos durante sua ausência. Na manhã seguinte, bem cedo, voltou com o instrumento para esfolar o boi ao local onde deixara o animal e encontrou-o pastando, tão sadio que não se distinguia a pata fraturada da que não estava. Vendo tal maravilha, o

homem deu graças ao Bom Pastor pelo cuidado solícito que tivera com seu boi e por tê-lo sarado de modo tão prodigioso. O humilde santo sabe socorrer sempre aos que o invocam e não se nega a atender às necessidades mais insignificantes dos homens. Efetivamente, a um homem de Amiterno devolveu o jumento que lhe haviam roubado; a uma senhora de Antrodoco restituiu-lhe inteiro o prato que quebrara; e a um homem de Monte dell'Olmo, na Marca de Ancona, consertou-lhe o arado que se quebrara em várias partes.

4. Na diocese de Sabina, havia uma velhinha de oitenta anos, cuja filha ao morrer deixou uma criança de peito. Sendo muito pobre, sem recurso nem leite, e não encontrando mulher alguma que pudesse amamentar o menino, não sabia o que fazer. Por fim, chegou uma noite em que, destituída de todo recurso humano, via enfraquecer-se cada vez mais o netinho, pelo qual começou a suplicar, banhada de lágrimas e cheia de confiança, a proteção de São Francisco. O amante dos inocentes não tardou em atender, dizendo à anciã: “Boa senhora, eu sou Francisco, a quem com tantas lágrimas tens invocado. Põe teu peito na boca da criança, pois o Senhor se dignou conceder-te leite em abundância”. Fez ela como o santo lhe ordenara e no mesmo instante os peitos da octogenária deram leite em grande quantidade. Logo se espalhou a fama do milagre e acudiram muitos homens e mulheres para constatarem o prodígio. E como a língua não podia contradizer o que os olhos contemplavam, porfiavam todos em bendizer a Deus pela virtude e piedade admirável que ele fazia resplandecer em seu santo.

5. Em Scoppito um casal tinha um único filho, nascido com os braços presos ao pescoço, os joelhos ao peito e os pés às nádegas, de modo que não parecia criatura humana, mas um monstro. A Mãe vivia acabrunhada de tristeza e implorou a Cristo, invocando o auxílio de São Francisco, que tivesse piedade dela em sua miséria e desgraça. Certa noite, oprimida de tristeza, abandonou-se a um triste sono. Apareceu-lhe o santo, confortou-a com suaves palavras e exortou-a a levar o filho a um lugar vizinho dedicado ao seu nome, e o aspergisse em nome do Senhor com a água do poço que ali encontraria: assim ficaria ele totalmente sadio. A senhora, porém, não quis cumprir a ordem do santo que lhe apareceu uma segunda e uma terceira vez. Desta última, ele a conduziu com seu filho até a porta do lugar indicado, indo à sua frente e servindo-lhe de guia. Algumas senhoras haviam acorrido à Igreja por devoção, e quando a mulher lhes referiu tudo acerca da visão, elas levaram a criança aos Irmãos. Eles então tomaram água do poço e a mais nobre entre aquelas senhoras lavou o menino. No mesmo instante os membros voltaram cada qual a seu lugar, ficando a criança inteiramente sã e causando o estupendo milagre estranha admiração em todos os que o presenciaram. Acréscimo posterior

5a. Em Susa, um jovem chamado Ubertino, de Rivarolo Canavese, entrou para a Ordem dos Frades Menores. Durante o noviciado, por causa de grande susto, ficou louco e paralisado em seu lado direito, totalmente, de modo que não podia ouvir nem falar. Era incapaz de qualquer movimento e nada sentia. Com grande tristeza dos Irmãos, ficava numa cama confinado. Entretanto, aproximava-se a festa de São Francisco, e na véspera ele teve um período de lucidez. Apelou para o santo o mais que pôde, cheio de fé, embora sua voz emitisse sons indistintos. Na manhã seguinte, enquanto os Irmãos cantavam na igreja, São Francisco, com o hábito da Ordem, apareceu ao noviço na enfermaria, fazendo brilhar uma grande luz naquela casa. E pondo-lhe a mão no lado direito suavemente a fez deslizar da cabeça aos pés; colocou os dedos nos ouvidos do enfermo e lhe deixou um sinal particular no ombro direito, dizendo: “Este ser para ti sinal que Deus, servindo-se de mim, a quem quiseste imitar entrando na religião, te restituiu completa saúde”. Depois, pondo-lhe o cingulo que o noviço não havia cingido por estar acamado, disselhe: “Levanta-te e vai à igreja celebrar devotamente, junto com os outros, as laudes de Deus prescritas”. Dito isso, enquanto o jovem procurava tocá-lo com as mãos e beijar-lhe os pés, em sinal de agradecimento, o bem-aventurado Pai desapareceu de sua vista. Uma vez readquiridas a saúde e a lucidez da mente, a sensibilidade e a palavra, entrou na igreja, para grande admiração dos Irmãos e dos leigos, presentes às solenidades e que o conheciam paralítico e demente; participou da recitação das laudes e depois contou-lhes tudo acerca da cura milagrosa, estimulando-os à devoção a Cristo e a São Francisco.

6. Um habitante de Cori, na diocese de Óstia, perdera o uso da perna não podendo andar nem se locomover. Em tão dura provação e sem encontrar remédio humano, começou certa noite a se queixar tão amargamente na presença do santo, como se ele estivesse diante de si, dizendo: “Ajuda-me, glorioso São Francisco, e lembra-te da sincera devoção que sempre tive por ti e dos serviços que te prestei; pois bem sabes que um dia te levei em meu jumentinho, que te beijei as mãos e os pés, sempre fui teu devoto, sempre me mostrei benigno contigo e agora aqui estou morrendo pela violência destas dores.” Movido por essas amorosas queixas, logo atendeu aquele que não esquece os benefícios e se apresentou, acompanhado de um religioso, ao homem devoto e reconhecido, garantindo-lhe que vinha por ter sido chamado e que trazia os remédios eficazes para sua enfermidade. Tocou-o com um pequeno bordão, que tinha a forma de tau, no local da dor, e tendo-lhe aberto o tumor que ali se formara, lhe devolveu perfeita saúde. Mais espantoso ainda é que deixou gravado sobre o lugar do tumor curado, como testemunho do milagre, o sinal do tau, com que São Francisco costumava assinar suas cartas, todas as

vezes que a caridade o obrigava a enviar alguma missiva.

7. Nossas mentes se distraíram com a variedade de fatos narrados em torno dos milagres realizados por São Francisco. Mas agora por intervenção do glorioso porta-estandarte da cruz, se voltam mais uma vez para a cruz, guiadas por Deus. E serve isso para nos lembrar que assim como a cruz representa a culminância de tudo o que realizou Francisco para conquistar a salvação, lutando no exército de Cristo, assim também se tornou a marca de tudo aquilo que lhe confere glória, agora que ele participa do triunfo de Cristo.

8. Efetivamente, este mistério grande e admirável da cruz, em que se ocultam os carismas da graça, os méritos das virtudes, os tesouros da sabedoria e da ciência, inacessíveis aos sábios e aos prudentes deste mundo, foi revelado a este pequenino de Cristo em toda a sua plenitude, pois em toda a sua vida ele sempre seguiu unicamente os vestígios da cruz, e sempre pregou unicamente a glória da cruz. já desde o princípio de sua total entrega ao Senhor podia dizer com o Apóstolo: “Não queira Deus que eu me glorie senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6,14). Também pôde ao longo de sua vida afirmar com não menos verdade: “A todos os que seguiram esta Regra, a paz e a misericórdia” (Ib. 16). E ao chegar o termo de sua existência, pôde repetir com a mais profunda convicção: “Trago em meu corpo as chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Ib. 17). De nossa parte só desejamos poder ouvir todos os dias de seus lábios estas consoladoras palavras: “Irmãos, que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. Amém” (Ib. 18).

9. Gloriosa-te, pois, na glória da cruz, excelso porta-estandarte de Cristo, porque, tendo iniciado pela cruz, progrediste segundo a regra e ensinamento da cruz, e por fim, encerrando tua carreira pela cruz, por ela provas aos fiéis a glória singular de que gozas no céu. Sigam-te em toda confiança os que abandonam o Egito, pois, divididas as águas do mar com o báculo da cruz, atravessarão seguros o deserto desta vida, e, uma vez passado o Jordão desta existência mortal, encontrarão, pela virtude admirável da cruz, a terra dos vivos que lhes foi prometida. Digne-se introduzir-nos nela nosso verdadeiro Salvador e Guia, Cristo Jesus crucificado, pelos méritos do ser fico Pai São Francisco, e para a glória de Deus uno e trino, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.